

FA
CEMAP - MEMOROTECIA
CLASS. diário Fitzpatrick

O caso
Fitzpatrick
volta à estaca
zero - nova
caçada na
Boca do Luxo
Página 12

AQUÍ

Diretor Editorial: Samuel Wainer
24 a 30 de junho de 1976 Ano 1 nº 32 Cr\$ 5,00

SÃO PAULO

FUNDO CEMAP
FA 82/318

QUE DEUS NOS LIVRE!

No ano de 1952, durante o grande "smog" de Londres, a poluição e a inversão térmica mataram mais de 4 mil pessoas num dia. P.8

Comida boa e barata

Primeiro vieram as pizzas de mussarela - são as melhores de S. Paulo e custam 26 cruzeiros - depois o ganz, o ferfel, a burikita, o cevapcici, a massaka, o tchoulent, o nhoque da mamma. O Bom Retiro é um bairro onde você pula da Iugoslávia à Grécia, da Alemanha à Romênia, da Bulgária à Itália atravessando a rua. Comendo gostoso e gastando pouco, em 11 restaurantes, num raio de menos de 1 km. Página 16.



Teotônio Vilela,
a ovelha negra
da Arena,
entrevistado por
Samuel Wainer
e Hamilton
Almeida Filho.
P.13

AQUI

SAO PAULO

Alexander Lindsay

"The unfortunate Mr. Fitzpatrick seems clearly to have been a lone wolf of some experience..."

Visiting firemen

The American Heritage Dictionary of the English Language defines a "visiting fireman" informally as "a visitor to a city who is welcomed because he is thought to be a free spender". Mr. Forrest E. Fitzpatrick certainly seems to have been the latter, although it is perhaps more usual in the American colony in São Paulo to employ the expression "visiting fireman" to describe an important visitor from Head Office in the United States.

Visiting firemen are, of course, not to be taken lightly, even by the most powerful local executives in São Paulo. They must be paid every respect in the office and, if possible, given a good time out of it. Often, "a good time" is expected to include "wine, women and song", if the visiting firemen happens to be on his own. This is where the snag comes in. It is never easy to know just where the visitors' tastes lie. Some are perfectly content with cocktails, agreeable mixed company, dinner at a first-class restaurant and a comparatively early bed. Others expect more.

The gregarious type is usually relaxed and willing to sample whatever the city can offer in the way of entertainment in the company of his hosts. Others may be lone wolves, preferring to be allowed to have at least one "free" evening during their visit, when they can do exactly what they like. This usually involves female companionship "all the way".

The unfortunate Mr. Fitzpatrick, a resident executive of recent vintage, seems clearly to have been a lone wolf of some experience. Lone wolves, by their very nature, prefer to hunt on their own and have to run the risks of their sturdy independence. When things go wrong, and the hunter suddenly finds himself hunted, it has to be regarded as all part of the game — a very dangerous one, as it turned out.

São Paulo is no jungle, but it presents, nevertheless, any number of pitfalls for the unwary. The foreign visitor to São Paulo, and to any other very large city, needs careful advice and guidance, if he is going to venture out into the local night. There are generally several clip joints virtually within a stone's throw of his hotel, where a few "polluted" Scotches too many can land him in serious trouble.

This problem of how to handle visiting firemen has always intrigued me, but it is difficult to give valid advice in this respect to executives of foreign companies established in São Paulo. If possible, the ideal solution is to be very frank with the visitor, asking him just how he would prefer to spend his evening and giving him at least one evening "off duty". Obviously, there are certain Head Office executives with a puritan exterior, who may seem unapproachable on such a delicate subject. Nevertheless, it may be better in the long run to risk their possible displeasure by broaching the subject fearlessly, rather than expose them needlessly to the danger of becoming another involuntary testimonial to the impressive efficiency of the Gillette Company's world-famous product.

It should not, of course, be thought by foreigners that the case of Forrest E. Fitzpatrick is typical. He seems, in fact, to have been a very exceptional lone wolf, running very exceptional risks.

O LEITOR

Cartas para esta seção:
Rua Três Rios, 275, CEP 01123 — B. Retiro

Uma desculpa elegante ou A elegantly hide inability?

Sr: Há, pela segunda vez, um artigo em língua inglesa numa edição de AQUI (10/6). Acompanha-o pela segunda vez o esclarecimento de que Alexander Lindsay é um jornalista britânico que vive em São Paulo há 30 anos. Aceita-se a justificação que saiba escrever com maior facilidade em sua língua materna. Porém, seria dispensável o adendo: "Acha que ninguém consegue se expressar jornalisticamente a não ser na própria língua", como desculpa elegante.

O sr. Lindsay deve estar mal informado ou pessoalmente desprovido de talento para outras línguas, estendendo esta falha generosamente aos demais profissionais do ramo.

Poderia apresentar-lhe uma senhora, 30 anos no Brasil, que escreve "jornalisticamente", sem pestanejar, tanto em inglês, como em português e, por que não?, em alemão, sem que se perceba quais dos textos mais esforço lhe custou.

A leitora mandou sua carta também em inglês:

Mr: For the second time, AQUI has published

(on 10/6) an article written in English. For the second time, this has been accompanied by the explanation that the author, Mr. Alexander Lindsay, is a British journalist, living in São Paulo for 30 years already. There is no question about not accepting his argument, that anyone may write with greater ease in his own tongue. However, the would have been no need to add: "he thinks that nobody is able to express himself in any other language but his own", meaning to elegantly hide inability.

Mr. Lindsay must be misinformed or personally not endowed with talent for speaking foreign languages, extending this lack, generously, to other professionals of the same line.

I could present him to a lady, also 30 years in Brazil, who does write "journalistically" without hesitation in English, as well as in Portuguese, not even minding to do likewise in German, in a way that nobody notices which of the three versions is costing her a greater effort.

Trudi Landau São Paulo

Resposta: "English is not your native tongue"

Dear Mrs or Miss Landau, It was encouraging to receive your letter of June 10, proving that someone is reading my column. From your letter I can see that English is not your native tongue, although I must congratulate you on your ability to write fairly well in a language that is not your own. As a professional writer, who insists

on near perfection, I stick strongly to my long-held view that no one can write professionally in a foreign language. A native will always be able to spot a "foreigner", when the latter tries to pass himself or herself off as something he is not.

Yours sincerely,
Alexander Lindsay

Abre todos os dias para almoço e jantar

GIOVANNI, "il vero"
rua Cravinhos, 121 — tel.: 81-9012

Fauzi Achôa & Associados
Advogados

Rua José Bonifácio, 209 — 6º — Conj. 602/6
Fones: 32-1046 — 33-6515 e 32-2967 — São Paulo

O anúncio promete um brinde mas não cumpre

Sr: Comprei um aspirador de pó para o carro de meu filho, conforme anúncio em uma revista especializada em automóveis. No anúncio a firma fabricante diz que o comprador do tal Primo-Jet receberia grátis um acendedor de cigarros ou um estojo de ferramentas. Muito bem: fui receber o aspirador no Correio, paguei — mas nada recebi (nem acendedor nem estojo). Por que esse chariz? Além disso, não se explica no anúncio que, se o carro não tiver acendedor de cigarro — como é o caso do



carro de meu filho — o aspirador não poderá ser ligado.
B.H. Correia Rio de Janeiro

"Cadeia para quem constrói prédio na rota dos aviões", pede o freguês da Ponte Aérea

Sr: Sou um passageiro semanal da Ponte Aérea.

Devo confessar que fico apavorado cada vez que o avião tem que pousar em São Paulo. Não consigo deixar de olhar a fina que os Electras, 727 ou 737 tiram dos prédios que estão no caminho da pista.

O caso do edifício Bahamas é realmente um dos maiores escândalos que se pode imaginar!

Acho que o Prefeito Olavo Setúbal não deveria ter meramente mandado embora os engenheiros da Regional da Vila Mariana que aprovaram tais projetos. Ele devia mandar fazer um inquérito administrativo rigorosíssimo, e por na cadeia quem aprovou um projeto desses, assim como a

construtora, caso fique comprovada qualquer irregularidade.

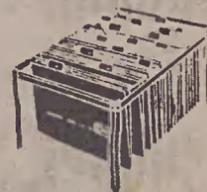
Isso só aparecerá, na realidade, no momento em que um desastre de grandes proporções acontecer — e ele não está longe. Será mais vergonhoso para São Paulo do que os incêndios do Andraus ou do Joelma.

O serviço que o jornal AQUI prestou, denunciando o Bahamas, é realmente muito importante. Vocês poderiam, inclusive, fazer um levantamento de todos os prédios que estão na rota aérea, a começar daquele conjunto atrás do Shopping Center Iguatemi, até os outros que realmente ficam na cabeceira da pista.

Antonio Roberto Teixeira de Barros — São Paulo.

PASTA MOVEL
E SUSPENSAS

ankog



M. KOGAN & CIA. LTDA.
Rua 7 de Abril, 264 8º andar, s/ 817-18-19
Fones: 34-0218/34-2813 — SÃO PAULO

AS PASTAS MÓVEIS E SUSPENSAS ANKOG DURAM ANOS

157

**SEU
DINHEIRO
FICA NO
FUNDO 157
PELO MENOS
5 ANOS.
POR ISSO,
ESCOLHA
UM FUNDO
QUE O
ADMINISTRE
BEM
DURANTE
TODO ESTE
TEMPO.**



Ao aplicar seu 157 não esqueça que só poderá retirar os primeiros 50% depois de 5 anos. O crescimento do Fundo Bradesco 157 é uma das razões para você aplicar nele.

Ano	Valor patrimonial	nº cotistas
1971	Cr\$ 114.951.619,12	271.711
1972	Cr\$ 135.389.659,82	311.846
1973	Cr\$ 269.349.925,04	565.835
1974	Cr\$ 449.309.587,13	705.123
1975	Cr\$ 822.635.248,91	940.282

Nenhum Fundo poderia crescer tanto se não fosse bem administrado. Outra razão para você aplicar no Fundo Bradesco 157 é que ele faz uma avaliação diária da sua carteira.



E consegue isso porque sua Corretora, a Codesbra, tem computadores ligados diretamente às Bolsas de Valores de São Paulo e Rio de Janeiro, permanecendo sempre atenta a qualquer modificação do mercado.

Isso significa que o Fundo Bradesco 157 escolhe com muito critério sua carteira: uma equipe técnica faz as sugestões para um comitê e este decide onde investir.

Assim, o que você aplica no Fundo Bradesco 157 é investido em ações e títulos das empresas que contribuem para o crescimento do Brasil. Isto é, ao aplicar no Fundo Bradesco 157 você fica sócio do Brasil. E você pode aplicar no Fundo Bradesco 157 em qualquer agência Bradesco.

É só falar com a moça.



BRADESCO

garantia de bons serviços

A CIDADE



Ricardo Kotscho

Caro Prefeito,



Olavo Setúbal

Não é mais útil, dr., ouvir umas críticas do que palmas organizadas?

Estou numa dúvida danada: não sei se escrevo esta carta ou saio correndo, enquanto é tempo.

Minha garganta está fechando, os olhos ardem, as crianças choram. A coisa está feia. E ainda por cima o jornal me informa que o inverno — a estação das inversões térmicas — está apenas começando. Pelos maus presságios dos últimos dias, fico imaginando como chegaremos ao fim deste inverno. Se chegarmos...

Pois ontem, voltando a São Paulo pela Raposo Tavares, ali onde a estrada acaba, tive uma visão panorâmica do que está à nossa espera. Era domingo, as fábricas estavam fechadas, os carros nas estradas — e, no entanto, uma bruma seca escondia a cidade.

Ligo o rádio para saber se não é temeroso prosseguir. Ai, dr. Olavo, o pânico aumentou. O locutor informou que a Cetesb simplesmente se recusou a dar os índices de poluição. Depois dos alarmantes índices registrados no sábado, esta parece ter sido a única solução encontrada para não amedrontar ainda mais a população. Piores que a realidade, porém, costumam ser as especulações e os boatos.

Talvez por isso, os técnicos da Cetesb acabaram voltando atrás mais tarde e divulgaram os índices, mas certamente devem ter confundido a cidade. Ou, então, por desgosto, eles resolveram instalar seus postos medidores em Campos do Jordão, Monte Verde, Genebra, quem sabe até mesmo na Floresta Negra. Ou então as máquinas e os técnicos da Cetesb endoidaram de vez. Porque não é preciso ser computador ou cientista para perceber que a poluição do domingo, como dos outros dias, era simplesmente insuportável.

Enquanto isso...

... o domingo nos dava mais uma boa lição dos dois mundos em que vivemos na cidade de São Paulo.

De um lado, a reunião oficial promovida pelo I Seminário do Plenário das Sociedades Amigos de Bairros do Subdistrito de Vila Prudente, na Vila Alpina, com a participação do sr. prefeito.

De outro, o encontro de 4 mil mães de família reunidas no Jardim Taquaral para discutir as crescentes incompatibilidades existentes entre o salário-mínimo e o custo de vida, sem a participação de nenhum representante do governo.

O noticiário das duas reuniões dá bem uma idéia do abismo cavado entre o mundo oficial e o mundo real.

Vila Alpina, reunião do prefeito com as sociedades amigos de bairros, coordenado por Almir de Barros (que acumula as funções de assessor do dr. Olavo e secretário-geral do Conselho Coordenador das Sociedades Amigos de Bairros, Vilas e Cidades do Estado de São Paulo):

"Houve momentos em que a reunião teve característica nitidamente política, com aparência de

comício eleitoral (...). Os elogios aos governos federal, estadual e municipal — "é necessário que as sociedades digam o que o governo faz" — só perdiam em veemência para o refrão "o povo precisa se conscientizar de que deve apoiar o governo (aplausos intensos do auditório) para que o presidente da República saiba que o povo sabe agradecer (palmas intensíssimas)" (...). A cada brado ou gesto contra os "assassinos do povo", os "grileiros", ou qualquer outro problema urbano, voltava sempre a afirmação de que "o povo está de mãos dadas com o Poder Público", "o prefeito Olavo Setúbal é o prefeito da periferia", "queremos prestigiar o governo da Revolução, mas também queremos solução para os problemas da população", ou "é necessário que nós colabore e dê apoio ao governo" (Folha de S. Paulo, 21/6/76, página 7).

Vila Taquaral, à mesma hora, no mesmo dia: uma carta formulada por mais de 4 mil donas de casa da periferia da Zona Sul de São Paulo — cujas cópias foram enviadas ao presidente da República, senadores, deputados federais e estaduais, governador, prefeito e vereadores — analisa os problemas do custo de vida.

"Somos mães de família em desespero e, mais do que ninguém, sentimos os preços dos alimentos, remédios, escola, roupa, sapatos, condução e aluguel. Estamos cansadas desta exploração (...). O salário vai subir. As coisas já subiram o dobro. Por quê? Se as autoridades ganhassem o salário-mínimo, o que fariam? Sob o custo de vida, tão alto quanto um balão/ só não sobe o meu salário, que sempre fica no chão (...). Há muitas crianças por aqui mal alimentadas, por isso fracas, sem poder estudar, por causa do alto custo de vida, do salário baixo e da falta de vagas nas escolas (...). O salário é apertado e o custo de vida sobe sem parar. De agosto de 1974 a agosto de 1975, só a comida subiu 49%. Para conseguir sobreviver, o pai de família é obrigado a trabalhar quase dia e noite, faz muitas horas extras e quase não vê os filhos. Também a mãe trabalha. Muitas crianças em idade escolar têm que fazer biscates, como carroto em feira, engraxar sapatos, vender bugigangas nas ruas, em vez de ir à escola. Isto está prejudicando nossas famílias" (Folha de S. Paulo, 21/6/76, página 8).

Em qual das duas reuniões acreditar, se o salário mínimo, ao que me consta, é igual para todos?

Da próxima vez, dr. Olavo, procure saber qual a reunião que tem críticas e reivindicações a fazer. E vá nessa, que certamente lhe será muito mais útil do que qualquer reunião organizada pelo sr. Almir de Barros para bater palmas para as autoridades, quaisquer que sejam as autoridades e o assunto em debate.

Se as palmas e elogios tão prodigamente ofertados pela turma do sr. Almir de Barros resolvessem, São Paulo seria um paratso. E, como o sr. sabe, não é exatamente essa a impressão que os paulistanos têm hoje da sua cidade...

SUMÁRIO

Semana de 24 a 30 de junho de 1976

Ano 1 nº 32 — Cr\$ 5,00



O caso do norte-americano Forrest E. Fitzpatrick volta à estaca zero — a morena Ruth está praticamente fora de suspeição. Página 12.

AQUI

Escolha: Regina Duarte em teatro novo	5
Que SP não repita a tragédia de Londres	8
Laudo mudou: agora fala pelos cotovelos	10
A balança de pagamentos e o seu bolso	11
Na Câmara Federal, o assunto é vinho!	12
Teotônio enfrenta os moinhos da exceção	13
Vá comer no nosso bairro cosmopolita	16
Como se escolhe um candidato em SP	24
Aqui, Corinthians	25
Os 4 baianos do após calípsso	27
Cinema	29
Teatro	29
Televisão	29
Artes Plásticas	30
Música	30
O Chagal	31

DIRETOR EDITORIAL — Samuel Wainer; EDITOR GERAL — Sergio de Souza; EDITOR ADJUNTO — Narciso Kallil; REDATOR — Mylton Severiano da Silva; REPORTERES — Hamilton Almeida Filho, José Trajano, Victor Cervi, João Otavio, Sergio Mello, Dacio Nitrini; FOTÓGRAFOS — George Love (editor), Amâncio Chiodi, Joel Sian; ARTE — Sergio Fujiwara, Valdir Oliveira, Vanira Codato; COLUNISTAS — Ricardo Kotscho, José Carlos Bitencourt, Klaus Kleber, Zuleika Seabra Ferrari, Lourenço Diáfria, Roberto Freire, Pietro Maria Bardi, Rubens Ewald F., Hella Schwartzkopff, Pola Vartuk, Gilberto Mansur, Léo Gilson Ribeiro; COLABORADORES — Michel Laurence, Woile Guimarães, Antonio Carlos de Oliveira Coutinho, Mauro Chaves, Moacir Werneck de Castro, Luciano Ornellas, Ignácio de Loyola, Enio Pesce, Malu Maia, Isabel Regis, Francisco Lucrécio Jr., Sofia Wainer (Brasília); Diretor Comercial — Mario Herédia. AQUI S. Paulo é uma publicação da Editora Brasil — Mundo Ltda. Escritório Central, rua 7 de Abril, 264, 8º andar, salas 817/818, fones: 32-1436 e 34-0218, SP/SP. Departamento Editorial, rua 3 Rios, 275, fone: 228-6192. Brasília — Superquadra Sul, 107, Bloco C apto. 805, fone: 42-3337. Distribuição: Abril, Cultural e Industrial, rua do Cortume, 564, fones: 262-7977 e 85-8416, SP/SP. Composto e Impresso na PAT — Publicações e Assistência Técnica Ltda., rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412, fone: 81-7461, SP/SP.

As matérias assinadas não refletem necessariamente a opinião do jornal, sendo de responsabilidade de quem as assina.

ESCOLHA AQUI

TELEVISÃO

Filmes

VEJA

Vamos ver se a Ester ainda nada como um peixe

CAMINHANDO COM O AMOR E A MORTE — A Walk with Love and eath — O melhor filme de John Huston nos últimos 10 anos. Uma balada medieval ou um "roidad movie", sobre um estudante que parte em busca do mar. O filho de Moshe Dayan, Assaf e a filha do diretor Anjelica formam o casal romantico canastrão que nem assim conseguem estragar este belo e romantico filme. **Quinta, às 23 h no 13 (COR)**

LEVADA DA BRECA (Bringing up Baby) — Está certo reprisar diariamente "Cidadão Kane", mas esta comédia de Howard Hawks, mal dublada e com cópia gasta já não é a mesma coisa. Seu maior mérito é apenas ser engraçada além de trazer Katharine Hepburn pela primeira vez como comediante, ao lado do mestre Cary Grant. Baby é um leopardo brasileiro que só fica calmo quando lhe cantam "I Cant Give you Any hing But Love". **Quinta, às 23 h no 2.**

ESCOLA DE SEREIAS — (Bathing Beauty) O primeiro e o melhor de todos os "metro-musicais" aquáticos de Esthe Williams. Além do fantástico e inacreditável balé aquático final, há Red Skelton em boa forma, Carlos Ramirez cantando Granada, Harry James tocando piston, a organista Ethel Smith tocando "Tico Tico no Fubá", isto

é todo o universo kitsch dos anos 40. **Sexta, às 14 h no 5 (COR)**

AS AVENTURAS DE TOM JONES — (Tom Jones) — O Filme mais premiado com os Oscars em 63. Tony Richardson dirige esta farsa picaresca



Henry Fonda

passada no século 16 sobre os amores de um bastardo que nasceu para morrer na força. Albert Finney e Susannah York formam o casal romantico mas além de trilha musical o melhor momento e a refeição erótica de Finney e Joyce Redman. **Sexta,**

23 h no 13 (COR)
PAIXÃO DE FORTES (My Darling Clementine). John Ford dá também sua versão do famoso duelo no O.K. Curral, em Tombstone, com Wyatt Earp (Henry Fonda) e Doc Holliday (Victor Mature) neste faroeste clássico. Linda Darnell contenta-se em ser bonita. Ford afirma ter ouvido esta versão do duelo do próprio Earp. **Sexta, 24 h no 5.**

AVANTE, AMANTES ITALIANA (Avanti) Billy Wilder ainda não perdeu a fórmula. Ainda é ele que faz algumas das melhores comédias do cinema norte-americano. Esta é de 72, com Jack Lemmon e Juliet Mills se encontrando em Capri, quando foi reclamar os corpos de seus pais mortos num acidente e descobrindo que eles mantinham um caso secreto há anos. O filme é inteligente e ousado (há uma longa sequência em que o casal aparece nadando pelado). **Estréia. Terça, 23 h no 13. (COR).**



Jack Lemmon, terça, no 13

VEJA SE QUISER

Ingrid aterroriza na madrugada de sábado

RIO DA AVENTURA (The Big Sky). Um filme de Howard Hawks, na sua outra especialidade: um faroeste. Só que ele insiste em forçar a comicidade nos momentos errados. Como há pouca ação, Kirk Douglas passa a maior parte do tempo subindo o Rio Missouri lutando contra os empregados do traste, a misteriosa "Companhia". **Sexta, 23h no 2.**

O MEDICO E O MONSTRO (Dr. Jekyll and Mr Hyde). Todo luxo de uma produção Metro por trás desta versão do romance de Robert Louis Stevenson, com Spencer Tracy, Ingrid Bergman e Lana Turner, dirigidos por Victor Fleming. Atenção para a sequência de transformação de Dr. Jekyll em Myr Hyde realizada sem truques de maquiagem mas apenas com expressões faciais. **Sexta, 2h da manhã no 5.**

AVISO AOS NAVEGANTES — Uma das mais



Ingrid Bergman de madrugada

famosas chanchadas da Atlantida (50), dirigida por Watson Macedo com Oscarito, Grande Otelo, Anselmo Duarte, Eliana, José Lewgoy, Adelaide Chizzo, Ivon Curi, isto é todo o primeiro time de estúdio com as confusões de clandestinos num navio. **Sábado, 14h no 5.**

A MORTE NÃO MANDA RECADO (The Ballad of Cable Hogue). Primeiro filme de Sam Peckinph depois de seu sucesso com "Meu ódio será tua herança". Uma ligeira decepção, neste faroeste lirico e cômico sobre o solitário Cabele Hogue (Jason Robards Jr) na época em que o progresso chegava ao Oeste, trazido por um falso pastor (David Warner) e uma prostituta (Stella Stevens). **Estréia. Sábado, 23h no 5. (COR)**

GRAU DE ASSASSINATO (Mord und to Tasclag). Drama de um dos diretores mais importantes do atual cinema alemão, Volker Schloendorf, inédito nos cinemas brasileiros. Na história, uma moça aproxima-se de um operário e lhe pede ajuda para se desembaraçar do cadáver de um noivo. Boas referências da crítica estrangeira. Com Anita Pallenberg, Hans Peter Wallawachs. **Sábado, 1h30 da manhã no 4. (COR)**

SELVAGENS (Savages). Drama feito para a tevê. Direção de Lee Katzin. Com Andy Griffith, Sam Bottoms, Noah Beery, James Best. Um jovem luta desesperadamente para sobreviver no deserto. Pela primeira vez na teve. **Domingo, às 22h no 5 (COR).**

OS VIOLENTOS VÃO PARA O INFERNO (Il Mercenario). Se você é

daqueles que gostam de "spaghetti — westerns" este é dos mais razoáveis. Dirigido por Sergio Corbucci, com Franco Nero, Tony Musante, Giovanna Ralli, Jack Palance. A história, pouca importa: são dois aventureiros lutando contra latifundiários. **Estréia. Domingo, às 22h no 4 (COR)**

RAPTADO (kidnapped). Outra aventura de Robert Louis Stevenson. Desta vez um veículo para o ator infantil Freddie Bartolomeu, como o garoto é sequestrado por um aventureiro para não herdar uma fortuna. Direção de Alfred Werker. Com Werner Baxter, John Carradine. **Domingo, às 24h no 5.**

VIKINGS, OS CONQUISTADORES (The Vikings). Nada demais, a não ser um bom filme de aventuras, tentando reproduzir a cultura dos vikings nórdicos em meio às complicações amoras de Kirk Douglas, Janet Leigh, Tony Curtis e Ernest Borgnine. Direção de Richard Fleischer. **Domingo, 24h no 7 (COR)**

Existem 2 campeões mundiais dos médios: Carlos Monzon (argentino) e Rodrigo Valdez (colombiano), cada um por uma associação que controla o boxe internacional. Sexta-feira, 23 horas, em Mônaco, eles vão se enfrentar e acabar com essa história. A televisão Tupi (Canal 4), vai mostrar a luta, também chamada de luta do século da categoria. É o melhor programa esportivo da semana na televisão.

**Ser feliz é fazer
compras onde a temperatura
não muda nunca.**

Shopping Center  Ibirapuera

ESCOLHA AQUI

CINEMA

Estréia



Isabelle Adjani

Truffaut está de volta, mais uma vez falando de amor

A HISTÓRIA DE ADELE H — Mais um filme de amor do cineasta francês François Truffaut — Jules e Jim, Noite Americana, Beijos Roubados — desta vez baseando-se no diário da filha de Vitor Hugo, uma mulher que persegue seu amado viajando por todo o mundo. Com Isabelle Adjani, a nova atriz badalada na Europa. **Gazetão, Marachá e Regina**

VEJA

Corações e Mentes, um documentário prá não perder

O DIA DO GAFANHOTO — Mostra o drama dos artistas de Hollywood dos anos 30 que tentavam a ascensão artística, dos figurantes e extras. Com Donald Sutherland, Geral-

dine Page, direção de John Schlesinger (mesmo diretor de "Perdidos na Noite"). **Liberty.**

INOCENTES DE MÃOS SUJAS — Romy Schneider e Rod Steiger envolvidos num assassinato — mulher e amante planejam matar o marido. Direção de Claude Chabrol. **Arouche (Stúdio B).**



Louise Fletcher



Saigon, 1968: chefe de polícia mata guerrilheiro

CORAÇÕES E MENTES — O título foi tirado de um trecho de um discurso do ex-presidente Lyndon Johnson: "só não haverá mais guerra quando os corações e as mentes do povo vietnamita assim o desejarem". O documentário, além de mostrar cenas filmadas debaixo de um bombardeio de Napalm nos arredores de Saigon, apresenta depoimentos de ex-combatentes de consciência pesada quando voltaram para casa. **Arouche (Stúdio A) e Paulistano.**

LIÇÃO DE AMOR — A estréia de Eduardo Escorel no longa-metragem. Romance de Mário de Andrade que critica a burguesia brasileira dos anos 20. Com Irene Ravache e

Lilian Lemertz. **Belas Artes.**

UM ESTRANHO NO NINHO — O primeiro filme a ganhar todos os Oscars mais importantes — filme, ator, atriz e roteiro. O diretor, Milos Forman, é tcheco exilado nos Estados Unidos. É uma denúncia à opressão da psiquiatria moderna. **Gazetinha.**

UM DIA DE CÃO — O impressionante e violento filme-reportagem de Sidney Lummet (diretor de "O Homem do Prego"), com Al Pacino e John Cazale, baseia-se num assalto realizado em 72, no Brooklin, Nova York. **Astor.**

O CASAMENTO — Arnaldo Jabor já tinha fil-

mado outro texto de Nelson Rodrigues (Toda Nudez será Castigada) bem aceito pelo público. Agora fez uma alquimia de adultério, incesto, suicídio, corrupção e a decadência moral da família. A noiva é Adriana Pietro em seu último filme. O pai é Paulo Porto. **Paissandu.**

O REI DA NOITE — O filme do argentino Hector Babenco foi realizado com extremo cuidado na reconstrução da cidade de São Paulo nas últimas 5 décadas. Paulo José está excelente, envelhecendo dos 18 aos 50 anos. **Márlia Pera não compromete. República.**

Especial

Dois ou três filmes sobre Nelson Pereira no Museu

CURTAS METRAGENS NACIONAIS — Nesta quinta-feira, no Lasar Segall, os filmes: **Nelson** filma trajetória, sobre Nelson Pereira dos Santos, de Luís Carlos Lacerda Freitas; **Rio, capital mundial do cinema**, de José Viana; **Brasil em Cannes**, de Moisés Klender; **Sebastião Prata ou simplesmente Grande Otelo**, de Murilo Salles e Ronaldo Foster; **O Incrível Luís de Barros**, de Lucien Melinger e a **Linguagem do Cinema**, da equipe técnica do DSE.

SEMANA NELSON PEREIRA — O mais velho cineasta do cinema novo e seus dois filmes que originaram esse movimento: **Rio, 40 graus** e **Rio, Zona Norte**. A partir daí, toda uma geração de cineastas brasileiros foi influencia-

da por Nelson Pereira dos Santos, que mais tarde fez **Vidas Secas**, **Fome de Amor**, **El Justiceiro**, **Mandacaru Vermelho**, **Amule-**

to de Ogum. **Sexta, 20 e 22 horas, Rio, Zona Norte, com Grande Otelo e Paulo Goulart. No Museu Lasar Segall.**



Um documentário sobre Grande Otelo no Lasar Segall

TEATRO

Regina agora faz concerto ali na Brigadeiro

CONCERTO Nº 1 PARA PIANO E ORQUESTRA — Regina Duarte e o grupo de atores — Dionísio Azevedo, Madalena Nicol, Aizita Nascimento, Liana Duval, Umberto Magnani, Maria Ylma, Cláudio Saviotto — ensaiaram durante meses com o diretor Sérgio Mamberti, inclusive expressão corporal. Muito elogiada em seu trabalho em **Reveillon**,

Regina Duarte parte para esta peça com a mesma raça, com que resolveu se desligar da televisão para dedicar-se somente ao teatro. No novo Teatro Brigadeiro, a partir de segunda-feira.

PANO DE BOCA — A melhor peça em cartaz. Um trabalho importantíssimo de Fauzi Arap — que também dirige o espetáculo — contando a história do teatro brasileiro até o Oficina. É uma mistura impressionante de relatos de medo, coragem e busca de identidade. No Teatro 13 de Maio, com Célia Helena (sensacional), Jonas Bloch, Ademar Rodrigues.



A volta de Regina Duarte

DE 22 DE JUNHO A 12 DE JULHO.
MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO.

UM SÉCULO DE PINTURA EM PARIS

DO IMPRESSIONISMO AO CONTEMPORÂNEO

74 obras dos mais famosos artistas

Iniciativa cultural
Ministério das Relações Exteriores
Embaixada da França

Colaboração
AIR FRANCE

Patrocínio
VASP

Promoção
O GLOBO
REDIGORO

Albert Marquet
Alfred Manessier
André Derain
André Masson
Berthe Morisot
Braque
Cézanne
Chagall
Chaim Soutine
Dali
Degas
Dufy
Edouard Vuillard
Fernand Léger

Gauguin
Georges Mathieu
Hans Hartung
Jean Dubuffet
Jean Fautrier
Jean Helion
Juan Gris
Jules Pascin
Kees Van Dongen
Klein

Magritte
Manet
Marcel Gromaire
Matisse
Maurice de Vlaminck
Maurice Esteve
Max Ernst
Miró
Modigliani
Picasso
Pierre Alechinsky
Pierre Bonnard
Pierre Soulages

Renoir
Rouault
S. Maryan
Serge Poliakof
Suzanne Valadon
Tanguy
Toulouse Lautrec
Utrillo
Van Gogh
Vasarely
Vieira da Silva
Zao Wou Ki
Zoran Music

ESCOLHA AQUI

SHOW

**Velhos Baianos
nem divinos, nem
maravilhosos:
bárbaros**



Os baianos ficam até domingo no Anhembi

GAL, BETHÂNIA, GIL E CAETANO — Juntos, pela primeira vez, no show. Os Doces Bárbaros, de quinta a domingo no Anhembi. Depois de 11 anos de carreira, os baianos iniciaram em São Paulo um espetáculo que será mostrado depois em todo o Brasil. Entre as novidades: Gal e Bethânia agora são também compositoras e vão cantar suas músicas, *Quando e Pássaro proibido*. Os ingressos custam de 40 a 80 cruzeiros.



Belchior só 2 dias

BELCHIOR — Aproveitando o sucesso de sua música com Elis Regina — Como nossos pais —, o compositor cearense parte agora para um show onde apresenta com seu conjunto outras músicas do seu disco *Alucinação*.



Somente segunda e terça, 21 horas, no Teatro Aquarius.

MADE IN BRAZIL — grupo que toca rock pesado, "para mexer mais com o corpo, não com as cabeças" até o fim da semana no Belop a Lula, boate dos roqueiros da cidade. Além dos irmãos Celso e Osvaldo — que fundaram o conjunto há mais de 10 anos — Ricardo e Percy, tem ainda o jornalista-empresário Ezequiel Neves, o Zeca Jagger, nos vocais e nos requiebros.

NACHA DE NOCHE — a grande dama da música argentina, acompanhada por seu marido ao piano, fica somente até domingo no Teatro Ruth Escobar.

EDNARDO — Dirigido por Miriam Muniz, o show *Pavão Misterioso* mostra outro jovem compositor cearense, Ednardo, que ficou conhecido do grande

público depois que sua música virou tema da nova Saramandaia. Só que essa música ele fez há 3 anos e não aguenta mais ouvir. No show, mostra um trabalho recente, junto com o Bando do Ceará. No Teatro Nydia Licia, junto a estação do metrô, Santa Cruz.



Ednardo no Nidia Licia

DORIS MONTEIRO — Quem é chegado num samba-canção, sambinha ao pé do ouvido, táf uma ótima chance. De quinta a sábado, na Igrejinha, a cantora que não envelhece — há 20 anos tem o mesmo rosto — a partir de meia-noite.

NELSON AYRES E QUINTETO — programa indispensável para quem gosta de jazz em São Paulo. São 3 entradas de 40 minutos e, no intervalo, você assiste a filmes mudos de Carlitos e O Gordo e O Magro. Nelson Ayres (teclados); Wilcox (vibrafone); Roberto Sion (Sopro) Zeca Assunção (baixo) e William Caran (bateria) tocam de Horace Silver, Bill Evans, a um baião progressivo Pro Hermeto, de Wilcox, que é uma beleza. No OPUS 2004, rua da Consolação, só as segundas-feiras.



Nelson Ayres às 2^{as}-feiras

TIAGO ARARIPE E PAPA POLUIÇÃO — Um espetáculo que vale a pena principalmente pelo bom humor e o clima que eles criam no palco. Tiago Araripe lembra um pouco Tom Zé e o grupo Papa Poluição toca de tudo: samba, baião, xaxado. O som já ganhou até um apelido: forróque

SOM NOSSO DE CADA DIA — um grupo de música progressiva que toca rock com sintetizador e queixada de burro. Dos melhores conjuntos que há por aí — Pedrinho (bateria), Pedrão (baixo), Egídio (guitarra), Dino Vicente (teclados) e Rangel (percussão). De quinta a domingo, 21h30, no Tuca.

DANÇA

**Maria, Maria,
mais uma
chance para
quem não viu**

MARIA, MARIA — quem não viu durante o II festival Internacional de Teatro, tem de quinta a domingo para assistir o grupo mineiro O Corpo — a família Pederneiras —

contando a história do Brasil vista a partir de uma preta velha que Milton Nascimento conheceu pouco antes de sua morte. A trilha sonora foi composta especialmente pelo próprio Milton, o texto é de Fernando Brandt e a coreografia do argentino Oscar Araiz. Ingressos de 10 a 250 cruzeiros. No Teatro Municipal.

MANDALA — o grupo de Renê Gumiel, professora das mais badaladas da cidade, apresenta um espetáculo de dança moderna, *O Círculo Mágico*. Fica até o dia 30 no Teatro de Dança (Galpão). Ingressos: 30 e 15 cruzeiros para estudantes.

MARILENA ANSALDI — Mostra mais uma vez *Isto ou Aquilo?*, espetáculo premiadíssimo no ano passado, inaugurando o Cine-Teatro Brigadeiro (Brigadeiro Luis Antônio, 884). A bailarina e coreógrafa Marilena Ansaldi apresenta-se sozinha, contando com o corpo a sua formação clássica e sua transformação. Somente quinta-feira.



Maria, Maria está de volta

LEITURA



**Um jornal onde
homem não
mete o bico:
nós, mulheres**

Esta semana, nas bancas, um novo tablóide: *Nós, mulheres*, feito exclusivamente por mulheres, algumas jornalistas. A idéia do jornal é antiga, mas só agora o grupo — 15 ao todo — conseguiu condições (dinheiro) para imprimir. A periodicidade ainda não foi definida, o próximo número depende muito da repercussão que o primeiro terá. O grupo reúne-se semanalmente e discute problemas da mulher, "não como uma luta contra os homens, mas como uma luta que tem como objetivo a mudança das estruturas e valores responsáveis pela atual situação da mulher". O primeiro jornal feminista de São Paulo trará um encarte sobre a situação da mulher no mercado de trabalho, com entrevistas com operárias, empregadas domésticas, uma foto-novela que a leitora mesmo monta. Elas pedem colaborações e sugestões. Cartas para a redação: rua Capote Valente, 376, Pinheiros.

**Ser feliz é ter um lugar
para deixar as crianças brincando enquanto
V. faz compras.**

Shopping Center Ibirapuera

A PESTE

Voando às cegas no meio do nevoeiro, um pato espatifou-se contra o telhado da Victoria Station, movimentada estação ferroviária de Londres, e caiu no meio da multidão que esperava os trens — todos atrasados. A quinta-feira, 4 de dezembro de 1952, amanhecera "normal" para o inverno londrino: a cidade mergulhada em denso smog. E a multidão, já acostumada com o fenômeno, não deu maior atenção à morte do pato, primeiro presságio da tragédia que se avizinhava.

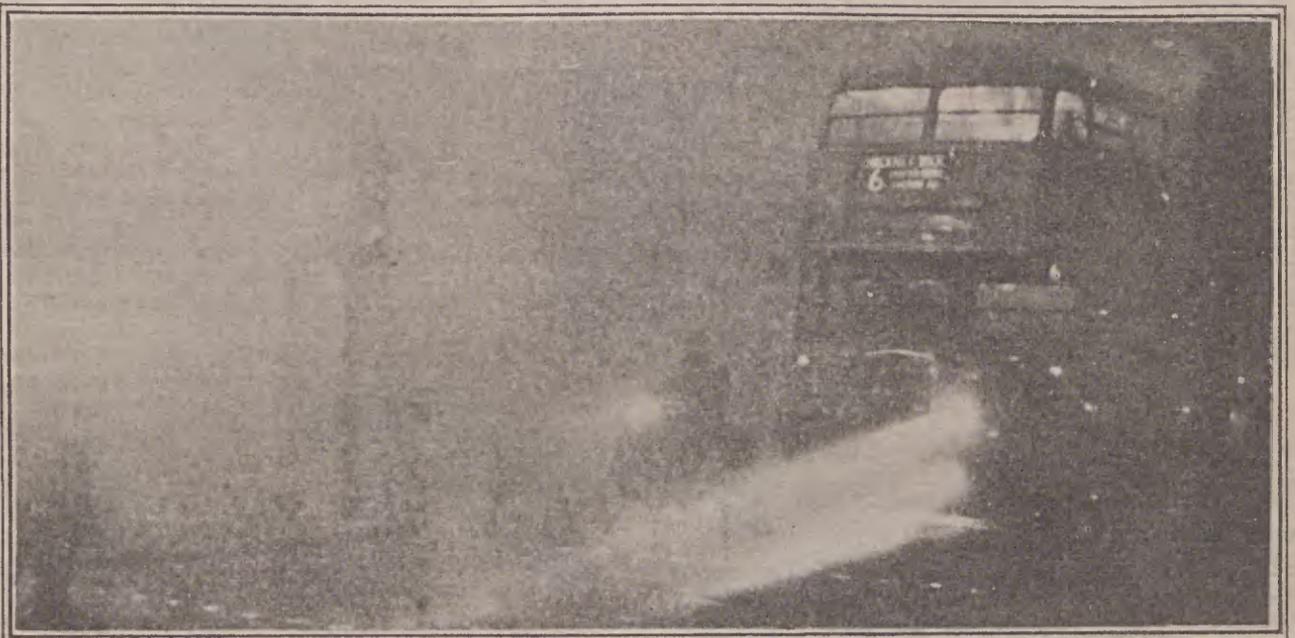
A tarde passou tal como a manhã. Ônibus trafegando a 4 quilômetros horários, gente perdida nas ruas — um casal desorientado só conseguiu chegar em casa graças à ajuda de uma das raras pessoas capazes de guiar-se naquela escuridão cinza: um cego. Mas chegou a noite, e o nevoeiro não cedia. Nos cinemas, só os espectadores das primeiras filas enxergavam a tela.

Já se sabia, no dia seguinte — em que a névoa passara de cinza a marron —, que algumas pessoas haviam morrido afogadas: sem enxergar um palmo em qualquer direção, tinham caído no Tamisa. E policiais passavam a patrulhar o rio, de salva-vidas nas mãos. O transporte tornou-se impraticável.

Então amanheceu o sábado. A fumaça agora era negra e Londres passava a viver um pesadelo. A inversão térmica, combinada com o smog (de smoke, fumaça; e fog, nevoeiro), lotava os hospitais londrinos. Os gases do escapamento dos veículos, o dióxido de enxofre produzido pela queima de carvão e outros poluentes domésticos e industriais, tinham envenenado milhares de pessoas. Sem meios de locomover-se, os médicos tentavam desesperadamente atender os doentes: por telefone. Recomendavam que conseguissem, a todo custo, um balão de oxigênio.

Só no fim da tarde de domingo, depois de quatro dias de escuridão, o nevoeiro se abriu devagar e Londres podia finalmente fazer um balanço da tragédia. Muitos velhos, perdidos na neblina, haviam morrido pelas ruas. Alguns apenas de frio. Mas a maioria, de ataques agudos de doenças respiratórias. Num parque da zona sul da cidade, foram encontrados 50 corpos. E, computando-se as mortes ocorridas no período imediatamente após o grande smog de 1952, as autoridades constataram até onde havia chegado a negligência com a poluição: mais de 4 mil pessoas tinham perdido a vida. Segundo o Ministério da Saúde Britânica, a causa das mortes fora: bronquite; ou "dificuldades respiratórias".

No caso de Londres e no de São Paulo, onde se decretou esta semana o "estado de atenção" (os passos seguintes serão "alerta" e "emergência"), as causas do fenômeno estão ligadas diretamente à inversão térmica. Isso ocorre no inverno, quando camadas mais altas da atmosfera ficam mais quentes que as camadas ao nível do chão. O ar não circula verticalmente e a "poluição" permanece embaixo, onde estamos nós.



Em Londres, diante da catástrofe de 1952, as autoridades criaram uma comissão para estudar a poluição e, quatro anos depois, era baixado o Clean Air Act, o Decreto Ar Limpo. Passou a ser proibido queimar carvão nas lareiras, as fábricas foram obrigadas a instalar filtros, e muitas estimuladas a mudar para outras regiões. O governo instituiu incentivos para promover estas mudanças. E prazos fixos para o cumprimento das medidas, como a troca de uma lareira a carvão por outra, elétrica.

Em São Paulo, estes dias, entraram em ação o Controle de Ruídos e de Poluição do Ar da Cetesb; e o Sistema Estadual de Defesa Civil, criado ainda no último verão, quando por pouco as enchentes não provocaram tragédia de outro tipo: o estouro da barragem de Guarapiranga.

Mas, tal como na época das chuvas, quando um ribeirinho por acaso descobriu que as águas da represa de Guarapiranga estavam prestes a romper a barragem — e fomos salvos por sacos de areia —, igualmente no caso das inversões térmicas só Deus pode nos salvar. O próprio governador Paulo Egydio, entrevistado terça-feira pela Rádio Jovem Pan, declarava que — embora a situação esteja melhor que no ano passado — só em 1977 é que o poder público estará em condições de evitar com eficiência as consequências de uma inversão térmica prolongada.

Nessa segunda-feira, a concentração de monóxido de carbono no centro da cidade atingiu o índice de 19,1 ppm (partes por milhão de metros cúbicos de ar), quando o limite permitido pela Operação Inverno é de 15 ppm. E esta média, segundo a Organização Mundial da Saúde, não deve ser ultrapassada mais de uma vez por ano. O monóxido asfixia e, em conta-

to com a luz solar, transforma-se em substância altamente tóxica, o fosgenio.

— "Permaneçam em repouso, respirem o menos possível", aconselhava pelo *Jornal da Tarde*, terça-feira, o sanitarista Nelson Nefussi, da Cetesb, referindo-se às "faixas de população mais sujeitas às consequências da poluição, como as crianças, velhos e portadores de doenças cardio-respiratórias, que correm riscos graves quando os índices sofrem aumentos como os de ontem (segunda) ou os da semana passada".

Ele aconselhava também que a população se acostume com o "nível de Atenção da Operação Inverno":

— "Ele será declarado constantemente este ano, e todas as vezes serão adotadas as medidas necessárias para proteger a saúde pública."

As medidas:

1 — proibir a limpeza de caldeiras e a utilização de incineradores entre 12 e 16 horas (terça-feira foi este o horário fixado);

2 — adiar o início de novas operações industriais;

3 — obrigar os responsáveis por queima de lixo ou emissão de fumaça preta a paralisar suas atividades imediatamente.

4 — recomendar aos 1,2 milhão de donos de automóveis da cidade a evitar "o uso desnecessário" de seus veículos.

O próximo passo, se chegarmos ao nível de Alerta, será interditar o centro da cidade aos automóveis particulares e paralisar as indústrias mais poluidoras. E tomara Deus não cheguemos ao nível de Emergência.

Mylton Severiano da Silva



Jan Rocha, inglesa, 8 anos de Brasil (1 morando em Belém, 1 no Rio, 6 em São Paulo), é correspondente do Daily Telegraph e da BBC de Londres. Casada com um advogado gaúcho, tem dois filhos brasileiros.

Eu vivi os dias da última tragédia, a de 1956

Por Jan Rocha

Em 1956, ano do último grande smog que durou quase uma semana, eu morava num subúrbio ao sul de Londres. Estava no quinto colegial (High School) e ia todos os dias para a escola, que ficava a 5 km de distância, num ônibus vermelho de dois andares.

Normalmente levava meia hora, mas naqueles dias os ônibus iam a passo de tartaruga, como que farejando o caminho. Muitas vezes o cobrador saía andando na frente do ônibus, guiando-o.

Não se enxergava absolutamente nada além de um metro. Os veículos andavam todos de luz acesa. Mesmo assim aconteciam muitas colisões. E muitos motoristas simplesmente abandonavam os carros, porque haviam se perdido. Às vezes vinham veículos na contra-mão. Não só não se enxergava nada, como também não se ouvia nada, porque a densidade do smog abafava todo ruído.

Lembro-me que meu irmão menor, que era escoteiro, cumpriu sua "boa ação" diária saindo com uma lanterna para se por junto a uma "praça rotatória" perto de casa. Lá, ele ajudava os carros perdidos a procurar a saída certa. Muita gente não conseguia chegar à escola, ou ao trabalho. Era estranho, estudar o dia inteiro com as luzes acesas, olhando pela janela e vendo nada. As árvores, as quadras de tênis, os prédios, tudo simplesmente desaparecia dentro do nevoeiro grosso. Estranho também, esquisito mesmo, era a falta de sons. Quando a gente andava nas ruas, automaticamente andava como um cego, as mãos na frente, tateando, procurando tocar a parede ao lado, guiar-se pela parede, ou pelas cercas. Às vezes, a gente trombava com outra pessoa, também de mãos estendidas. Aí, sempre se sorria, se fazia uma piada. Todo mundo levava a situação com humor.

A verdade é que no fundo os ingleses gostam de situações calamitosas, tempo de guerra, de sacrifício. Eles, que não perdem chance de se queixar de

tudo quando as coisas andam bem, têm certo gosto disfarçado pelas privações. Todo mundo se revela corajoso, aguenta firme, faz piada.

Um dia, uma amiga minha, voltando para Londres de carro, caiu num smog na estrada, e acabou liderando uma enorme fila de carros. Mas depois de uma hora, cansou de ser o "líder" — ali se esforçava para enxergar a estrada, quando os outros iam muito comodos atrás. Então ela reduziu a velocidade e fez sinal para o de trás ultrapassar. Em vez de passar, o motorista apenas botou a cabeça para fora da janela e disse: "Parabéns, moça! Você está ótima. Continue!" E ela teve que liderar a fila até chegar a Londres. Em tempos de smog, o cavalheirismo desaparecia.

De outra vez, na cidade industrial de Wolverhampton, na região norte da Inglaterra, o jornal local contou o caso de um cidadão que chegou de trem, pegou seu carro no estacionamento, e saiu em direção a sua casa, num bairro afastado. Como saiu dirigindo com certa segurança, outros carros o seguiram, pensando que ele ia para o centro da cidade. A fila cresceu, todos indo atrás do cidadão, que, chegando em casa, estacionou e entrou. A fila de carros, de faróis acesos, tarde demais descobriu que estava numa rua de bairro, e não no centro.

Mas apesar do bom humor, milhões de horas de trabalho e estudo se perdiam, havia transtornos de todo tipo. E ao fim daquela semana de smog em 1956, ao fazer um balanço, os jornais revelaram: mais uma vez, milhões de pessoas haviam morrido, principalmente velhos e pessoas com problemas respiratórios.

Ser feliz é encontrar 100.000 produtos debaixo do mesmo teto.


Shopping Center Ibirapuera

BASTIDORES



José Carlos Bittencourt

"... repetindo incessantemente que percorreu os 571 municípios paulistas"

A transformação do homem que não falava

"Uma eleição se ganha trabalhando; não se ganha eleição com prognósticos, com passe de mágica, muito menos com artifícios psicológicos". A declaração do governador Paulo Egydio Martins só não entendeu quem não quis: foi uma resposta elegante às críticas que lhe têm sido feitas (também com elegância) pelo ex-governador Laudo Natel, que agora se coloca no papel de "ganhador de eleições" e — surpreendentemente — destrava a língua depois de quatro anos de silencioso contato com a Imprensa, à frente do Palácio dos Bandeirantes.

O ex-governador não disfarça: pretende tomar a peito a campanha da Arena no Interior do Estado, repetindo incessantemente que percorreu os 571 municípios paulistas — alguns deles mais de uma vez — desde que deixou o Governo. Num trabalho de formiga, Laudo tenta readquirir uma liderança que politicamente não exerceu no Morumbi, tendo, no processo eleitoral de 1974, um comportamento que só não chegou à omissão total porque estava preocupado em visitar o Interior (e a mandar emissários onde não pudessem estar presentes) com um único objetivo: impedir que o deputado federal Rafael Baldacci, hoje secretário do Interior, tivesse votação consagradora.

No mais, a Paulo Egydio, então governador indicado — e depois eleito indiretamente pela Assembleia Legislativa — coube a tarefa de se por a campo, participando do maior número possível de comícios, com objetivos bem definidos: 1. A ativação do processo eleitoral como forma de se permitir o prosseguimento da ação distensória do presidente Geisel; 2. A vitória da Arena.

O segundo objetivo não foi alcançado. O primeiro, sim, e com um êxito incomum: a partir de São Paulo, o processo eleitoral começou a ganhar vida, e os emedebistas, perdendo a inibição, participaram das eleições mais livres que o País pode assistir até hoje.

Enquanto isso, o ex-governador Laudo Natel encastelava-se no Morumbi, talvez curtindo o amargor de não ter influído na sua própria sucessão (Delfim Neto era o seu candidato declarado), preocupado em pedir votos para meia dúzia de deputados de sua confiança — e intimidade — e em arrasar as bases eleitorais do seu ex-coordenador político, o deputado Baldacci. Passados dois anos, não deixa de causar estranheza que Laudo se preocupe em contraditar o seu sucessor no Morumbi, até mesmo em pequenos detalhes. Depois de manifestar "otimismo" com a vitória da Arena no Interior (quando Paulo Egydio declarava que hoje, a situação era favorável ao MDB à base de 2 por 1), Laudo não parou aí: fez questão de dizer que em Franca a Arena enfrentava problemas (depois de Egydio passar pelo município e retornar otimista) e definia o seu sucessor como "governador de gabinete".

A posição de Paulo Egydio, relativa aos 2 a 1 (aqui fartamente esmiuçada) é, ainda, amplamente defensável, embora não à luz da chamada política corriqueira. Foi, antes de mais nada, uma tática, que acabou surtindo os efeitos desejados, pois mobilizou as bases da Arena, que se mostravam terrivelmente apáticas. No mais, o tradicional "já ganhou" só tem efeito à boca das urnas, como maneira de se conquistar os indecisos.

Já dizia um velho mestre que em política nada acontece por acaso. As declarações de Laudo, procurando, inegavelmente, "faturar" Paulo Egydio, teriam motivos ainda não muito claros, mas girando em torno da sucessão paulista em 1978. E tanto o fato é verdadeiro, que uma notícia publicada por esta coluna, segundo a qual Laudo preparava a formação de um novo partido, com o ex-presidente Médici à frente, provocou reações imediatas: o ex-chefe da Casa Civil, Henry Aidar, apressou-se em enviar cartas às emissoras de rádio e televisão e aos jornais, desmentindo a informação. Soube-se que as áreas laudistas preocuparam-se com a informação depois que o presidente Geisel pediu ao governador empenho em favor da Arena.

E, como já se disse, em política nada acontece por acaso.

PIRULITOSPIRULITOSPIRULITOSPIRULITOSPIRULITOSPI

Frase de um jornalista carioca (que foi fazer a cobertura jornalística do presidente Geisel em Ribeirão Preto): "Paulo Egydio e Laudo deram um abraço tão frio, que até eu fiquei envergonhado!"



● As acusações feitas pelo deputado estadual Agenor de Mattos, do MDB, ao médico Reinaldo de Figueiredo (indicado para a superintendência do Iamspe), segundo as quais teriam sido malbaratados Cr\$ 300 mil dos cofres públicos em boates da Capital, estão sendo rebatidos severamente pelo deputado estadual Ademar de Barros, vice-líder da Arena. Alega Ademar que as notas se referem a despesas de alimentação de participantes estrangeiros de um congresso médico, e as supostas boates não passariam de restaurantes de primeira classe "como o Maria Fulô e outros".

● A Comissão de Terras da Assembleia Legislativa comprovou a veracidade das denúncias de que uma praça pública do município de Embú-Guaçu foi vendida ilegalmente pelo atual prefeito (da Arena). Mas o deputado Augusto Toscano, presidente dessa comissão, não acredita que a Câmara Municipal daquele município adote qualquer providência contra o prefeito, alegando que a maioria dos vereadores são seus correligionários. O estranho: a chamada Grande Imprensa praticamente não tomou conhecimento do "affaire", que lembra — e bem! — os escândalos provocados por Moisés Lupion na sua tristemente famosa passagem pelo Governo do Paraná.

● Não foi sem emoção que o vice-governador Manoel Gonçalves Ferreira Filho assistiu à inauguração de seu retrato a óleo no painel de diretores da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, exatamente no momento em que comemorava o seu 42º aniversário (dia 21). E, na presença de alunos e professores da Faculdade, Maneco confessava: "Que posso eu mais querer?". Na mesma noite, Maneco recebia os cumprimentos em dois coquetéis: no seu gabinete, em palácio e, mais tarde, em sua residência. No dia

seguinte, ele era homenageado pelos deputados paulistas com um jantar no Círculo Militar, ao qual não faltaram os representantes do MDB, e entre estes uma figura que chamou muita atenção: o ex-líder do MDB no Palácio Nove de Julho, o deputado Alberto Goldman. No episódio, uma constatação: vice-governador teria passado — em termos políticos — de professor a Maneco. Basta conferir.

● O governador Paulo Egydio Martins modificou a sistemática de audiências a deputados estaduais e federais. Agora, os parlamentares encaminham suas reivindicações por escrito e no dia do despacho, já encontram a solução. O "papo" com o governador refere-se a única e exclusivamente a assuntos político-eleitorais, já que Paulo Egydio está empenhado em ganhar as eleições de 15 de novembro no maior número possível de municípios.

● O MDB está levando a campanha eleitoral deste ano muito a sério. Tanto o fato é verdadeiro que deputados estaduais e federais (principalmente, estes últimos) que haviam desistido de concorrer a prefeituras do Interior, estariam revendo sua posição. Em Campinas, por exemplo, os emedebistas "acordaram" a tempo: já não há qualquer dúvida de que o prefeito Lauro Péricles ingressará na Arena (fato tido como líquido e certo). A união Péricles / Arena seria útil aos dois lados: ao mesmo tempo em que o partido situacionista poderia vencer num dos principais redutos da Oposição, o prefeito camponês romperia de vez o cordão umbilical que une ao senador Orestes Quércia. No caso de vitória, ele seria candidato ao Senado nas eleições de 78 (pela Arena ou qualquer outro partido político que venha a ser criado) e poderia imitar a fulminante carreira política de Quércia. O MDB não pretende correr

risco e articula o lançamento de dois deputados federais (Chico Amaral e Otácio Cecato) e um estadual (Natal Gale, presidente regional do partido) à Prefeitura de Campinas. Sinal de que a "guerra" política será pra valer em Campinas.

● Prestem muita atenção no desempenho administrativo e político do ministro das Minas e Energia, Shigeaki Ueki. O "japonês" pode dar muito o que falar nos próximos meses.

● Transando — e muito — na área política dois empresários: Luis Eulálio Vidigal (Sindicato de Auto-Peças) e Fabio Meirelles (Faesp). Vidigal teve papel ativo na concentração dos metalúrgicos promovida pela Secretaria do Trabalho (Jorge Maluly Neto) no Ceret, colocando 110 ônibus à disposição dos trabalhadores; Meirelles colocou a Faesp à inteira disposição do Governo do Estado na campanha contra as queimadas, dando exemplo a empresários omissos.

● O líder do MDB na Assembleia Legislativa, deputado Doreto Campanari, esteve muito próximo de ser "demitido" de suas funções no Palácio Nove de Julho. A articulação teria partido da dupla Osiro/Leonel Júlio e o primeiro passo para a queda do Doreto seria a ascensão de Osiro a "líder de plenário" (?).

● Em Ribeirão Preto, o presidente Ernesto Geisel teria dado "alma nova" aos arenistas, principalmente diante da manifestação popular. Os dirigentes arenistas acreditam numa sensível melhoria do partido nas eleições de 15 de novembro, se Geisel conseguir transferir à agremiação uma parcela de seu prestígio.

● Segundo os experts", o quociente eleitoral na Capital de SP será de 110 mil votos. Ou seja: cerca de três milhões e meio de eleitores divididos por 21 vagas na Câmara Municipal. Ainda segundo os "experts", a Arena partirá da marca de sete vereadores, podendo, no má-

ximo, chegar a nove. Número intermediário: oito, e o MDB faria os restantes 13 vereadores paulistanos.

● Ainda eleições na Capital: garante-se que o candidato mais votado será o emedebista Antonio Resk, seguido de perto por Samir Achoa. O atual presidente da Câmara, vereador Sampaio Dória, teria que fazer muita força para se reeleger, apesar do "mito Faria Lima", de quem ele foi assessor. Outro limitista, o vereador Luiz Peixoto, dependeria exclusivamente da máquina eleitoral do deputado Rafael Baldacci, secretário do Interior.

● Ainda Nova Iorque, episódio. Zizinho Papa/Homem do Ano: além do secretário do Trabalho, Jorge Maluly, também não foram convidados a fazer parte da mesa principal do banquete homenagem o presidente da Associação Comercial, Paulo Salim Maluf, e o presidente da Federação das Indústrias, Teobaldo de Nigris. O detalhe: cada um ainda "morreu" com 120 dólares, preço do banquete-homenagem. Éta jantarzinho indigesto!

● A pedido do presidente da Câmara dos Deputados, Célio Borja, o presidente da Câmara Municipal de São Paulo, vereador Sampaio Dória, está promovendo a coleta de dados sobre todas as áreas metropolitanas do País e seus respectivos problemas de infra-estrutura. Borja interessou-se profundamente pelo relatório a ele apresentado por Dória, em Brasília, sobre a necessidade de se aumentarem as dotações orçamentárias dos municípios situados em áreas metropolitanas.

● Murillo Macedo, diretor-presidente do Banco do Estado recebendo sábado agora o título de Cidadão Atibaense. Após a homenagem, na Câmara Municipal, banquete; antes, várias cerimônias de inauguração com a presença do Secretário de Obras e Meio-Ambiente, Francisco Henrique Fernando de Barros, da Saúde, Walter Leser, e da Educação José Bonifácio Coutinho Nogueira.

Rigorosa e absolutamente verdadeiro: num importante ano eleitoral, o governador Paulo Egydio não estará disposto a "brincar em serviço". Dia desses, ao despachar com um deputado da Arena, o governador deixou escapar: "Ai de quem não cumprir minhas ordens; deixa de ser secretário no mesmo instante". A propósito: áreas políticas muito bem informadas garantem que após as eleições deste ano, haverá nova avaliação do corpo de auxiliares de Paulo Egydio, que poderia iniciar o seu terceiro ano de Governo com um Secretariado reformado.

ECONOMIA



Klaus Kleber

A mensagem foi simples: não se admite que há um processo de estatização

Desestatização: tiraram a bola, acabou a pelada

O grande debate sobre estatização/desestatização terminou como costumam terminar muitas peladas de rua. De repente, o dono da bola resolve ir para casa. Com a bola, é claro. E fim de pelada.

Mais ou menos foi isso que ocorreu com a divulgação do documento "Ação para a empresa privada nacional", através do qual o governo federal respondeu aos inúmeros memoriais de entidades de classe que lhe foram endereçados nas últimas semanas. A mensagem foi simples: as autoridades não admitem que há um "processo crescente de estatização da economia" que se tenha tornado incompatível com a iniciativa privada no País.

O documento ressalta que a intervenção do Estado em alguns campos ocorreu por imperativos históricos, dentro de um processo global de desenvolvimento, e que a presença das estatais só é realmente significativa nos setores básicos, como energia, transportes, e comunicações. A existência de siderúrgicos diretamente controladas pelo Estado é consequência direta de uma política destinada a impulsionar o desenvolvimento industrial no País.

O propósito de evitar a desnacionalização é também um dos principais motores da ação do governo. Diz o documento: (A presença das estatais) "evita a presença maciça da empresa estrangeira nas áreas de infra-estrutura, pois sua saída desse campo teria de

ser preenchida, em grande medida, pelo investimento externo. Passa, assim, a presença da empresa estatal, em tais áreas, a constituir elemento de equilíbrio do modelo, permitindo, inclusive, maior flexibilidade no tratamento do capital estrangeiro nos setores não básicos".

Depois de destacar que, frequentemente, o governo assume o controle de empresas, que faliram ou não tem condições de continuar operando, para evitar prejuízos à economia ou graves problemas de natureza social, o documento conclui que "o número das empresas a serem desestatizadas é pouco significativo".

Na realidade, só um setor é citado como sujeito a "desestatização" a mais curto prazo: o de seguros. Especificamente, é mencionada a Cia Federal de Seguros, que não será propriamente "desestatizada", mas transformada em uma empresa especializada em seguro para exportação, na qual o Banco do Brasil terá uma participação acionária.

Alguns dos grandes jornais, porém, não deram maior importância a nada disso, embora tenham reproduzido na íntegra o documento conhecido como "exposição do CDE". O fato para o qual chamaram a atenção foi a criação de um novo Programa de Capitalização das Empresas (Procap), que será administrado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE). O Procap disporá de recursos calculados em Cr\$ 2 bilhões, sendo que Cr\$ 1 bilhão será para aplicação este ano.

Concorrer para a maior capitalização das empresas, através da subscrição de ações pelo BNDE — o objetivo do Procap — virá, sem dúvida, fortalecer o setor privado nacional. Mas a adoção de uma política desse tipo não constitui novidade, desde que foram criados a Investimentos Brasileiros S. A. (Ibrasa), Mecânica Brasileira S. A. (Embramec) e Financiamentos de Insumos Básicos (ibase), todas subsidiárias do Banco, com programas destinados a atender exclusivamente as empresas controladas pelo capital nacional. Com os programas já existentes, o orçamento do BNDE chega a Cr\$ 54 bilhões para este ano.

Em vista desse total, o volume de recursos que o Procap aplicará este ano não parece ser muito dinheiro, embora, como dissemos, venha concorrer também para fortalecer a empresa nacional. O ponto que procuramos sublinhar é que os partidários da "desestatização" procuraram desviar a atenção do recado claro do governo: em um momento de dificuldades, como o que atravessa a economia brasileira, é hora de aglutinação e não de dispersão de esforços.

Exportações podem doer no seu bolso

Saber como vão as exportações nacionais é um dado que interessa a todos. Do comportamento das vendas externas — a receita em moedas estrangeiras que recebe o País — depende não só o pagamento das importações. As exportações são também uma importante medida para se calcular quanto o País pode obter de empréstimos no Exterior, quando pode gastar para pagar juros e amortizações, etc.

Se há um déficit muito grande na balança comercial, isto é, se as importações são muito superiores às exportações, como ocorreu em 1974 e 1975, o governo é obrigado a tomar medidas severas de controle, como está ocorrendo nos últimos meses. Essas medidas causam problemas não só para aquelas pessoas que usam artigos importados. Causa dificuldades principalmente para as empresas que precisam de componentes, peças ou materiais primas ainda não produzidas aqui e as indústrias que necessitam de equipamentos importados para reequipar-se.

Para o homem comum, a existência de uma situação de desequilíbrio nas transações com o Exterior se reflete sobre as condições gerais de emprego, obtenção de financiamentos e em um aumento dos custos que foi em seu bolso, como por exemplo, o aumento contínuo dos preços da gasolina.

Agora as exportações passaram a ter para o assalariado uma importância ainda maior: os reajustes salariais deverão levar em conta também o seu comportamento, de acordo com decreto assinado na semana passada pelo Presidente da República. A modificação introduzida na fórmula de cálculo foi muito bem sintetizada pela manchete da "Folha da Tarde": "Se a exportação cair, salário baixará". O inverso também é verdade: se a exportação aumentar, os salários podem subir mais.

Explicar o sistema de cálculo dos reajustes não é fácil: é uma fórmula complicada que confunde até mesmo os técnicos. Basta dizer que são computados índices para atualização dos salários, de modo a atenuar o crescimento da inflação; o coeficiente do chamado "resíduo inflacionário"; e o coeficiente correspondente à participação no aumento da produtividade nacional.

Este último é que sofreu alteração. Anteriormente, só era levado em consideração o aumento de produtividade obtido pelos trabalhadores da cidade, industriários, comerciários, bancários etc. com base no aumento físico da produção por empregado.

Sob o argumento de que era preciso também introduzir na fórmula o setor rural, que responde pelo maior volume e valor das exportações, estas também serão consideradas também para medir os ganhos de produtividade.

À primeira vista, a modificação parece justa. Mas é preciso dizer que, para o cálculo, o Ministério do Trabalho se baseará nos "valores" da exportação, não nas "quantidades". Se, portanto, houver uma queda generalizada das cotações dos produtos que o País exporta, os reajustes salariais serão menores.

A lógica é que, para as exportações continuarem competitivas, mesmo com uma queda nas cotações, é preciso reduzir os custos e um deles é o dos salários pagos pelas empresas. Com a introdução do valor das exportações na fórmula de cálculo dos reajustes salariais, essa "redução de custos" é feita automaticamente.

Conclusão: se a soja ou o café despencarem no mercado internacional, seu bolso poderá sentir.

Seguro Vestibular Equipe.
Também para o semi-extensivo.
Ou você entra na faculdade ou recebe seu dinheiro de volta.

Inscrições para bolsas: CECSEM, CESCEA e MAPOFEI.



Equipe Vestibulares

Rua Martiniano de Carvalho, 156, telefone 289-2008. Se vier de metrô, desça na estação São Joaquim.



AQUI BRASÍLIA

Cláudio
Lysias

"500 mil copos de graça nos bares e restaurantes das grandes cidades"

Aguce a imaginação: qual foi o grande assunto da Câmara na semana?

A reportagem política de Brasília encontra-se, no momento, em situação surrealista. Está sem assunto. Sim, a atividade política é algo perigoso. Nunca se sabe o que pode acontecer com o Ai-5 em vigor. Mas que os políticos deixem de fazer política é realmente surpreendente.

A Arena, por exemplo, não sabe o que fazer com a chamada Lei Falcão. O Senador Jarbas Passarinho, escolhido para relator, passa por grande crise de consciência. Ele não admite isso, é lógico. Mas sua demora em mandar a lei para votação revela uma não concordância com a proibição de acesso às TVs de candidatos ao pleito municipal. O Senador, certamente, deve achar a lei ultrapassada, fora de propósito. É uma lei mandada ao Congresso para ser aprovada. Não é conveniente a proposta de emendas, e uma discussão mais aprofundada é, no mínimo, mal vista. Para que, então, um relator? — já perguntou Passarinho reservadamente. De qualquer forma, a lei está garantida e a única questão pendente é se ela deve ser votada ou aprovada automaticamente, passados os 45 dias.

A liderança arenista, com José Bonifácio à frente, quer que seu partido apoie publicamente a proibição. Votando em plenário, fechando uma questão que ameaça dividir a agremiação governamental. No entanto, uma grande parte dos senadores e deputados arenistas prefere que a lei seja aprovada automaticamente. A ida às TVs é uma questão suprapartidária. É do interesse pessoal dos políticos de ambos os partidos contato mais frequente com seus eleitores. Coisa óbvia, é claro, que a Lei Falcão pretende e vai conseguir restringir. Assim, mesmo dentro da Arena, desacostumada e sem vontade de discutir certas coisas, as reações se multiplicaram.

Já o MDB é um partido cada vez mais cansado. Limita-se a declarações e à distribuição de notas, como uma nostálgica agência de relações públicas de antigas franquias democráticas. Nem pessedistas alguns de seus líderes conseguem mais ser. O Vice-Presidente do Partido, deputado Tancredo Neves, geralmente prudente e esquivo a pronunciamentos que esquentem o debate político nacional, declarou-se saudosista em palestra feita durante o simpósio sobre o "O Homem e a liberdade" que os oposicionistas promovem em Florianópolis. De que tem saudade o deputado? Das eleições livres, do tempo em que o povo escolhia livremente seus representantes."

Nostálgico, o deputado. Pretende ele dizer, parafraseando o poeta Drummond, que a política nacional é apenas um quadro na parede. E não é outra a opinião da reportagem brasileira, creio. Com o simpósio do MDB, a política ficou entregue à Arena e acabou-se tendo a impressão que estamos em regime de partido único. O que pode, até, ser uma coisa educativa e reveladora, pois há muito tempo que não se via um Congresso tão monótono, assuntos tão irrelevantes sendo discutidos. Para se ter uma idéia: na última sexta-feira, o principal assunto analisado na Câmara foi a produção nacional de vinhos. O deputado Alberto Hoffman, da Arena, garantiu, do alto da tribuna, que campanha lançado no Rio Grande do Sul sob o título de "Vinho é saúde" tem pleno apoio do legislativo. E advertiu, para desespero dos que gostam de beber razoavelmente: vão ser distribuídos 500 mil copos de vinho nos bares e hotéis das principais cidades brasileiras. Salve-se quem puder!

Era o deputado ao falar de vinho e, simultaneamente, o Reitor da UNB a proibir a reunião sobre imprensa nanica promovida pela Escola de Comunicação. O debate acabou se realizando fora da Universidade, mas nada foi comentado na Câmara. Efeitos do vinho, provavelmente.



Não era a morena

Nova caçada policial na Boca do Luxo. Ruth, a morena que a polícia considerava autora da agressão que acabou matando o norte-americano Forrest E. Fitzpatrick, está praticamente inocentada. Hoje, outra mulher vai sofrer um duro interrogatório. É a vez de Norma.

Local: 6º andar do prédio do Deic, onde funciona a Divisão de Crimes Contra a Pessoa.

Data: 3 de junho, quando os jornais começavam a pressionar a Equipe A, para saber das investigações sobre a morte do engenheiro americano Forrest E. Fitzpatrick.

Diálogo rápido entre os delegados da Equipe G e Equipe A:

— Você quer trocar o caso do americano pelo do Amante Neto?

(Frederico Amante Neto, catalogado como "crime insolúvel". Industrial assassinado com um tiro na cabeça, depois de terrivelmente torturado e cujo corpo foi achado 21 dias após o seu desaparecimento na Estrada Velha do Mar. Curiosamente, como Fitzpatrick, Amante Neto era um assíduo frequentador dos inferninhos da Boca do Luxo).

— Só se você voltar um balaio de manga...

Local: O mesmo.

Data: 19 de junho, depois que a Equipe A se viu na contingência de libertar Ruth da Silva, a Renata ou Carioca, por falta de provas que pudessem incriminá-la na morte do engenheiro americano.

Diálogo rápido entre os delegados da Equipe A e Equipe G:

— Você ainda quer trocar o caso do americano pelo do Amante Neto?

— Nem se você voltar uma carroça de manga...

Negociações frutíferas à parte, a verdade é que, 25 dias depois que o diretor-industrial da Divisão de Tratores da Ford recebeu um golpe de gilete no rosto (desfechado por quem? Uma mulher loira? Morena? Mulata? Um travesti?), num crime unanimemente considerado na gíria policial como pé-de-chinelo, as investigações retornaram à chamada estaca zero, para recomençar tudo de novo.

Ruth da Silva, embora ainda rotulada de a Suspeita n. 1, 26

anos, há muito deixou os escuros xadrezes do 3º andar para voltar a bater bolsinha na rota Korvette-La Fregate, que a vida continua, é preciso pagar os alugueis atrasados do quitinete na São João (estava para ser despejada) e o marido (legal) Adauto Felipe da Silva há 5 anos não consegue emprego (estão casados há 7).

Ruth da Silva, Renata, Carioca. Agressiva, rude, determinada, de uma personalidade incomum.

Adulada ("confessa, Ruth, seu crime não é grave... você não teve a intenção de matar..."), não se rendeu. Ameaçada (ao contrário do que muitos podem pensar, os investigadores da Equipe A jamais agrediram fisicamente Ruth), explodiu:

— Vocês podem me bater até matar, mas não vou confessar uma coisa que não fiz...

E, realmente, não confessou. Foi mais além: ao ser acareada com o porteiro José Peregino de Godoy, que a reconheceu como a mulher que dera a giletada em Fitzpatrick, deu o seu particular: "Você me botou numa fria, mas não tem nada, não. Ainda vamos acertar contas..." Peregino, desconfiado — e, por acaso, não é mineiro? — resolveu optar pela solução mais prática: abandonou o emprego de dois anos no Edifício Marion e foi armar sua barraca em outro prédio. O endereço? Top secret, só a Equipe A sabe.

Ruth mentirosa, escolada.

— Onde você esteve, Ruth, naquela madrugada de Brasil e EUA?

— Ah, fazendo um programa com mais dois rapazes, eu e a Cristina, num apartamento lá na Pompeia...

— Mentira, Ruth, a Cristina e os rapazes disseram que foi no dia 2 de junho, um dia antes de você viajar para Goiânia...

— Me enganei de data, então...
— E onde você esteve, naquela madrugada?

— No Korvette, no La Fregate, procurando o meu marido pelos fliperamas da av. Ipiranga... Até as 4 horas da manhã...

Mas vem cá, Ruth, a madrugada toda procurando o seu marido na rua, na chuva, ainda por cima?

— Desde que me casei eu ando atrás dele.

E quem diz que Ruth vai entrar em detalhes, defender-se, enfim. É como se fosse um disco furado: "Não me recordo mais... não me recordo... não me recordo..."

E, no entanto, só podia ter sido ela: o reconhecimento, por três vezes e entre outras mulheres, da parte do porteiro e do garagista; o depoimento da colega Cristina (a Argentina), que a viu pela última vez, naquela madrugada, dirigindo-se "para os lados da rua Major Sertório" (local e horário em que possivelmente Forrest Fitzpatrick estaria passando com o seu Maverick), "escondendo-se da chuva sob as marquises"; os depoimentos de Cristina, Dedé, Idalina, toda a trupe do Korvette, a destacarem o gênio violento, irascível e debochado da Carioca (por isso mesmo, Carioca, "a que botava para quebrar") a necessidade urgente de dinheiro, para evitar o despejo, que contraria todo um comportamento ("atrás de meu marido") de uma mulher em noite de sexta-feira, a mais gorda da semana.

— Vocês podem me bater até matar...

Tanta ousadia, impressionou. E, entre a Equipe A, começou-se a falar de "é preciso ter certeza e convicção". Subitamente abaladas. O delegado ordena (por que não aceitara a troca pau-a-pau e fôra exigir ainda um balaio de manga?): "Vamos começar tudo de novo... E vão buscar aquela menina, como é mesmo o nome dela? A Normira... (Normira Ubalina, a Norma, a que recebeu um telefonema de Forrest, foi até o apartamento e deixou um bilhete, que fez um americano sair à rua para, algumas horas de pois, vir a morrer humilhante e melancolicamente).

Marco Antonio Montandon

DON TEOTÔNIO DE LA MANCHA

Entrevista a Samuel Wainer e Hamilton Almeida Filho

Terno preto, passos firmes, sózinho e pontualmente às 4 e meia da tarde, o senador Teotônio Vilela chegou à recepção do Hotel Hilton:

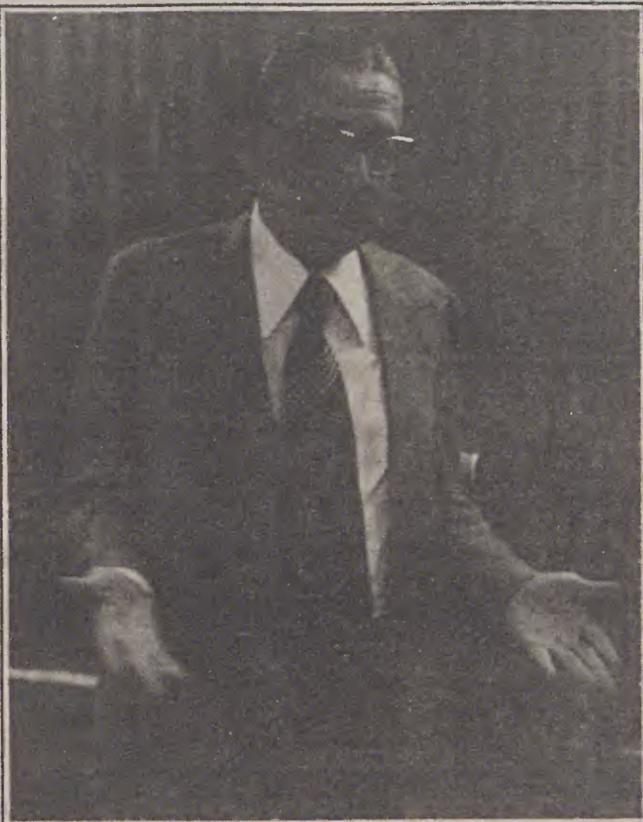
— "Boa tarde. Pode subir a mala, por favor, que eu vou sair para um compromisso. Se procurarem por mim, diga que volto depois das 6 e meia".

O primeiro compromisso do senador Teotônio Vilela em sua visita de 2 dias a São Paulo, na semana passada, era essa entrevista de duas horas ao AQUI. Na véspera, ele tinha feito uma conferência na Universidade Federal de Niterói e o seu programa paulista era uma palestra num clube de Guarulhos e uma aula sobre "Liberalismo e Democracia" no Curso de Informações Política da Arena, na Câmara Municipal.

O senador Teotônio Vilela não se cansa de falar. Sua fala é serena, seus gestos tranquilos e suas teses, como na música de uma nota só, batem sempre na mesma tecla: a volta ao Estado de direito, a revogação do AI-5, a formulação de uma doutrina política liberal como solução para o modelo brasileiro. Como um cavaleiro andante da distensão, ele viaja semanalmente para encontrar platéias de estudantes, operários, empresários e políticos em todo o País, sempre atendendo convites. Seus discursos no Senado provocam cartas de incentivo das mais diferentes pessoas, o que o faz se espantar: "Esse País está tão carente de carinho político que com pouca coisa se comove, eu tenho tido uma repercussão enorme".

Usineiro e industrial, pai de 7 filhos, nascido em Viçosa, Alagoas, o senador Teotônio Vilela tem 59 anos e está no seu segundo mandato no Senado pela Arena de seu Estado. Entrou na política na década de 50, pelas portas da UDN e lutando contra os Góis Monteiro, que há 20 anos dominavam Alagoas: "Os Góis Monteiro eram PSD, então não tinha opção; só tinha que ser UDN", diz. Foi deputado estadual e na revolução de 64, era vice do governador Luis Cavalcanti. No Senado, em 66, seu primeiro pronunciamento foi pela institucionalização do País, e, no fechamento do Congresso, em 68, junto com Daniel Krieger, Mende Sá, Gilberto Marinho e Milton Campos, entre outros, enviou um telegrama ao governo contra a edição do AI-5. Reeleito em 74, com mais de 45 mil votos, se considera sob "cassação branca" no Senado, onde seus companheiros da Arena se retiraram do plenário quando de seus discursos. Ele diz:

— "Quando me perguntam "mas o senhor não fica agastado quando seus colegas da Arena saem do plenário durante os seus discursos?", eu respondo: Não, eu não estou falando para eles. Estou falando para quem me escreve, me lê, que me ouve. A tribuna não é para quem está sentado naquelas poltronas."



AQUI — Senador, depois desses 2 anos desde as eleições de 74, e depois de toda a movimentação em torno da institucionalização, o senhor acha que progredimos alguma coisa?

TV — O progresso nesse sentido eu localizo nessa faixa que foi a abertura para que nós pudéssemos conversar. Isso eu já considero importante. Eu também costumo dizer que ninguém poderá reconquistar uma normalidade política, ou o Estado de direito, sem trabalho. E esse trabalho pertence a todos nós. Não é privativo nem do governo, nem do parlamentar. Se o governo pudesse, ele já teria feito. Do contrário, nós teríamos que fazer um juízo do governo. E se o Congresso, sozinho também pudesse, já o teria feito. Então, é um movimento de todos.

AQUI — E está havendo esse movimento?

TV — Por incrível que pareça, eu tenho encontrado isso em todas as camadas. Estudantes com o conhecimento tão perfeito da nossa situação que até me alarma. Me alarma em contraposição à opinião generalizada de que a juventude é só cabelo, é só sexo, é só bebida, é só alienação. Não! Os meus contatos com a juventude me têm dado um testemunho de que há muita gente boa, muita gente dedicada, estudiosa do fenômeno brasileiro. Há uma diferença muito grande entre a geração de 68 — que foi uma espécie de um vendaval universal — e a geração de hoje. A geração de hoje é uma geração curiosa. Se nós não procurarmos dialogar com ela, estaremos cometendo um crime muito grande, porque ela quer e se nós não lhe dermos, é um crime! Isso a gente vê dentro de casa. E eu vou lhe dizer mais: isso acontece com famílias de senadores e famílias de generais também.

Tenho encontrado o mesmo apoio no meio de lideranças operárias com a mentalidade também completamente diferente daquele triunfalismo que de certo modo dominou a famosa "República Sindicalista". Hoje, não, são homens com os pés no chão — querem apenas a segurança no trato de seus interesses dentro dos órgãos de classe. O fortalecimento dos sindicatos hoje, se impõe, não no sentido anterior, mas no atual. É essa a percepção que está faltando aos nossos governantes. Tudo vem sendo equiparado ao que houve antes e não ao que está acontecendo hoje. Os homens tomaram a noção de sua responsabilidade e de suas limitações. Por que querem hoje um sindicato autônomo? Querem para reivindicar as coisas justas que acontecem dentro de seu âmbito de ação. Eles querem

liberdade de poder dialogar e poder transmitir... E agora vou mais além: o próprio empresariado brasileiro que embarcou naquela de triunfalismo do senhor Delfim Neto e era aliado incondicional de qualquer política tomada pelo governo, hoje também está com os pés no chão, está achando que não se pode conduzir o País com qualquer tipo de governo e sim de acordo com o consenso nacional.

AQUI — Dentro do seu partido, qual é a perspectiva?

TV — Chegamos ao ponto crítico, ao imobilismo. Ele está exatamente dentro do ângulo político, por incrível que pareça. Aquela que devia ser o motor, a locomotiva, é hoje um simples vagão. E talvez o último vagão. Claro que as instituições que temos hoje não estimulam ninguém a exercer uma atividade política mais aberta. O AI-5, sem dúvida ele em si, já é um trauma, e a preocupação com a sobrevivência, não só a política, mas a pessoal, é qualquer coisa de importante num País em permanente transição como o nosso.

Às vezes chego a ficar pensando — chego a acreditar que isso talvez não seja muito feliz, mas cabe de certo modo — que nós somos uns exilados. Há o exilado físico, que está lá fora no meio do mundo; há o exilado dos direitos políticos, que está afastado; e há os exilados dentro da excepcionalidade, que somos nós outros. Somos uns exilados porque não sentimos o estímulo, a alegria, o direito de pregar isso ou aquilo abertamente. As indefinições são tais, na vida que levamos hoje, que o homem não se determina. Há o AI-5 que por sua vez é uma espada armada, impede que as pessoas sigam esse ou aquele caminho. Este é um quadro em termos gerais, da mesma maneira que o estudante dentro de uma faculdade não se atreve sequer a ouvir. Isso tem acontecido até comigo. De ouvir, porque teme que amanhã seja punido.

AQUI — Mas, dentro da Arena, a sua posição até que ponto será tolerada?

TV — Em primeiro lugar, eu costumo sempre dizer que não estou dizendo mais nada do que um desdobramento daquela mensagem do Presidente Geisel em 75. Se antes eu falava por conta própria, a partir de 75 peguei o caminho aberto por ele. Em seguida, nós conseguimos, graças já àquele pronunciamento, em setembro do ano passado, modificar o programa do partido — porque hoje o partido, em seu primeiro capítulo, já coloca a luta pelo estado de direito. Você não pode lutar por um estado de direito senão divergindo de um estado de emergência. Quer dizer, do ponto de vista de fidelidade partidária, ninguém pode me condenar, porque a fidelidade partidária está ligada ao partido, àquilo que o partido prega. A fidelidade partidária não é em relação ao governo, mas em relação ao partido, daí a lei, lei de fidelidade partidária, que em si é um absurdo — ninguém pode obrigar o outro a ser fiel àquilo que não quer. A lei de fidelidade partidária é uma consequência dessas brutais excepcionalidades. Mas nós temos que argumentar com os instrumentos legais que temos, então eles não podem se insurgir contra mim porque é o próprio programa do partido que instituiu a luta pela restauração do estado de direito. Mas a maioria — essa é que é a verdade —, a maioria concorda comigo. Não se dispõe abertamente a apoiar pelo receio de uma legislação de exceção e de se indispor contra uma situação criada.

AQUI — Mas não é um suicídio político a própria classe política ser dominada pelo medo dessa forma, e não participar da luta?

TV — Mas é, mas é! Por isso que no meu último discurso eu declaro que nós estávamos ali simplesmente como os defensores físicos dos fatos consumados. No Brasil nós estamos vivendo politicamente em função dos fatos. Se isso no princípio é válido para todo e qualquer movimento revolucionário — porque um movimento revolucionário vive dos fatos —, o prolongamento dessa fase faz com que passemos a viver em função de fatos passados e não mais em função de fatos presentes. Então você vê hoje a lei de restrição ao rádio e à televisão, em função de fatos passa-

dos e não em função de fatos presentes. A própria restrição à viagem ao Exterior, criando-se um dispositivo de depósito prévio... porque se tivéssemos que examinar o presente, jamais adotaríamos essas duas medidas. Estou citando apenas as duas. O presente nos induz a visualizar outros caminhos, não aqueles. No setor econômico, seria possível uma discussão do ministro da Fazenda com hortigranjeiros sobre alface, cominho etc? Seria isso na verdade o grande entrave à situação econômico-financeira do Brasil?

Claro que todos nós sabemos que não. E por que não se vai então às origens, ou melhor, àquilo que na verdade poderia modificar o panorama econômico brasileiro, que é a exploração de nossas próprias riquezas? E está aí o problema atual, que foi objeto de dois trabalhos meus no ano passado. O estudo do álcool — o álcool pode substituir o petróleo em 80% de tudo aquilo que o petróleo nos dá. Mas somos os eternos imitadores do procedimento exterior. Ainda na semana passada, o ITA (Instituto Tecnológico da Aeronáutica) fez a apresentação, em Brasília, de um motor para álcool puro num Dodge 1.800, levou a Brasília e eu vi. O carro fez 9 quilômetros e meio com um livro de álcool. O que se quer mais?

Tem mais uma coisa. Nós estamos com um francês lá em Alagoas fazendo uma série de estudos dentro desse setor do álcool e ele já nos diz o seguinte: "A grande preocupação agora, o grande problema agora, não é misturar o álcool à gasolina; é misturar água ao álcool". Você pode misturar até cinquenta por cento de água num litro. Ou melhor, você pode pegar um litro de álcool anidro e adicionar 50% de água que o carro faz a mesma produção.

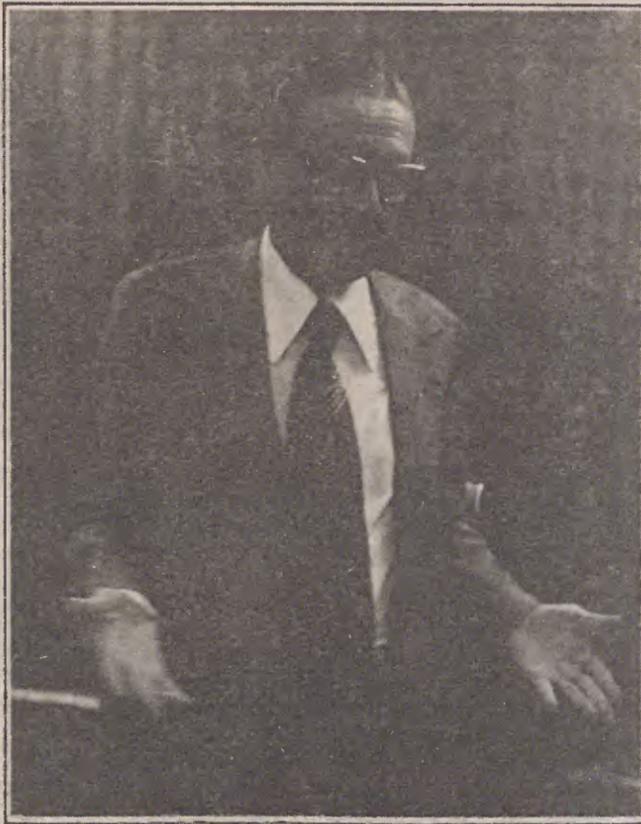
AQUI — Na sua mensagem política há uma parte que é o estado de direito, mas outros elementos entram nela? O nacionalismo, por exemplo?

TV — Eu quero dizer o seguinte: no encontro com o Presidente Geisel, no ano passado, eu levei um mini-programa nacionalista. Quando já se falava no contrato de risco, eu proclamava a desnecessidade do contrato de risco por várias razões. Primeiro, porque nossos lençóis, petrolíferos são escassos. Nós vamos precisar, portanto, de outro tipo de energia que não seja do tipo tradicional. A substituição se impunha pelo álcool e nós temos no Brasil cerca de 8 ou 10 amiláceos, fora a cana de açúcar. Eu levava, então, ao Presidente, a opinião de que não acredito no contrato de risco. Primeiro pela escassez do petróleo. Segundo, porque nenhuma multinacional vem aqui pelos nossos bonitos olhos; e elas não virão nem sequer dentro dos padrões internacionais dos contratos de risco e vão exigir muito mais. Terceiro, porque isso não se consumará nem dentro de 10 anos. Nós agora estamos próximos de um ano e ainda não foi elaborado nenhum contrato. E eu já dizia isso no ano passado. Então o Presidente me perguntava: "Para onde vamos nós?" Nós vamos para o álcool. O álcool substitui a gasolina do automóvel, o álcool substitui o óleo diesel do caminhão, o álcool substitui o querosene das turbinas dos aviões. Tudo isso já está suficientemente estudado por cientistas nossos, dentro do País.

Agora, não é somente um problema de poupança de divisas. É o desenvolvimento nacional, porque isso é uma agro-indústria. Pode-se localizar no campo, no Interior. Quer seja o álcool extraído da cana, da mandioca, da batata, do babaçu. "Ora, Presidente — dizia eu a ele —, é muito fácil fazer o cálculo: quanto nós vamos precisar de álcool para a autosuficiência do País? Vamos esquecer a gasolina. Quanto milhões, bilhões, trilhões de litros? Então, daí o senhor vai partir para quantas unidades alcooleiras que vamos ter que montar dentro deste País, preferencialmente nas regiões mais abandonadas? O senhor vai verificar que nós vamos deter no Interior milhões e milhões de criaturas que estão vivendo hoje uma subvida, que terão salário mínimo, terão uma casa, terão assistência. Ao final, teremos aumentado a renda per capita, teremos aumentado a renda daquele Estado e, automaticamente, a renda nacional".

E eu estou partindo do álcool, mas nós temos outras coisas para fazer que são da maior importância. Nós temos o algodão que está abandonado e continuamos a importar tudo que precisamos para vestir. Nós temos a industrialização da soja, que é qualquer coisa como a industrialização da cana de açúcar, qualquer coisa de fantástico o que se pode obter com ela. Tudo, tudo. A industrialização da carne, que ainda não fizemos em termos racionais. Nós estamos atrasados 100 anos dos nossos vizinhos, os argentinos. O argentino consegue em 24 meses ter um animal de abate e nós precisamos de 5 anos. Por que? Porque isso tudo está diluído. É que só há uma saída, isto sim. É que só há uma saída para este País: é este País se voltar para dentro de si próprio. Não é evitando viagem de turistas, proibindo isso ou aquilo que você vai modificar a situação nos próximos 10 anos. Ela vai se agravar. O nosso problema é de produção interna.

AQUI — Não lhe parece que num estado de direito, num estado politicamente estruturado, dentro dos



"Ora, Presidente — dizia eu a ele — vamos esquecer a gasolina. O álcool substitui..."

princípios de direito, seria mais fácil partir para essas soluções?

TV — Nós só podemos chegar a uma boa doutrina econômica se tivermos uma doutrina política. Mas uma doutrina política que nos obrigue pela sua própria orientação, pelo seu próprio desdobramento, a fazer isto e não aquilo. Agora, acontece que a própria Revolução se definiu: fez a sua opção pelo capitalismo e pela democracia. E o que é que nós estamos vendo? Uma democracia sem voto e um capitalismo sem lucro. Mas então ela está infringindo as suas próprias opções. Agora, se a opção não é a ditadura, também não é viver dentro de um regime de excepcionalidade. Um regime assim só pode conduzir a uma ditadura de maior ou menor grau de endurecimento. Temos que partir primeiro de uma doutrina política que defina o que é que nós queremos. Uma doutrina política de caráter internacionalista. E devíamos tomar nossas opções: o que é que nós queremos? Queremos um capitalismo de Estado? Para se diferenciar pura e simplesmente de um socialismo de Estado, que é o que caracteriza o Estado socialista soviético? Então vamos definir uma doutrina política em torno disso.

AQUI — Essa grande crise, senador, está atingindo aspectos cada vez mais graves...

TV — Cada dia mais grave porque a excepcionalidade é a excepcionalidade. Então todas as medidas nascidas dela, ou em consequência dela, têm necessariamente uma duração reduzida no tempo. Todas elas foram tomadas em caráter conjuntural, nada estrutural. Tudo é conjuntural dentro de um movimento revolucionário e isso é que ninguém quer penetrar. Somente a lei é que pode dar uma fonte perene, uma fonte segura. Somente a lei, pelos seus mandamentos, pelos seus princípios, é que pode ser perene. E o que estamos verificando é exatamente que todas as medidas, todos os organismos excepcionais para dirigir tanto a política quanto a economia, estão se esgotando por falta de uma definição básica. Nós vamos terminar institucionalizando não o juro, que é normal, mas a correção monetária, que é uma excepcionalidade. Vamos terminar institucionalizando o AI-5, que é uma excepcionalidade e não os instrumentos ou os mecanismos constitucionais que poderiam substituí-lo dentro de um regime normal.

AQUI — É bem verdade que as forças que mantêm essa institucionalidade têm entre si também elementos lúcidos; ainda hoje, o Estado de S. Paulo publicou um discurso importante do general Rodrigo Otavio Jordão, em que ele diz por exemplo isto: "A ordem jurídica vigente está superada, transformada em escombros, ou seja, não segue mais as necessidades nacionais. Urge, pois, institucionalizar o País, isto é, buscar outra ordem política, a obra deve ser de todos os brasileiros de formação liberal e consciência democrática, o que equivale dizer — aqueles que se omitem deixam de ser inclusive democratas, mesmo se não

forem liberais. Uma das marcas de nossa história é o encontro de soluções permanentes que hoje inexistem e que, por isso mesmo, precisam ser buscadas. Há que evitar o perigo da revolução estática. Em outras palavras, a permanência indefinida do instrumental de exceção e arbitrio, sob o perigo de, se assim continuar, confundir o movimento de 31 de março com outras revoluções vitoriosas de caráter totalitário e liberticidas"

TV — Tá. Este homem, por exemplo — é a quarta ou quinta vez que ele pronuncia estas palavras incisivas sobre o assunto — é uma das grandes figuras, e é claro que não pode estar só, deve ter os seus amigos. É um homem responsável, toda sua vida foi caracterizada por um equilíbrio extraordinário. Então, aí está a prova de que existe...

AQUI — E ele vem tendo coragem de demonstrar a sua tese há algum tempo; inclusive em pleno governo Medici, ele já era um homem...

TV — Ele é um homem de tradição liberal. O carro empaca é no seguinte: todas as nossas revoluções, como as revoluções sul-americanas, são conservadoras e não inovadoras. Faz-se uma revolução para conservar alguma coisa e não para inovar alguma coisa. Resultado: aqueles que passam a deter o poder revolucionário são, necessariamente, conservadores. Vamos admitir isso no bom sentido, mas não há nada mais entravante do que o próprio bom-senso. O bom-senso comum é rotina, e da rotina você não parte para nada! Ela imobiliza e fica procurando em si própria os argumentos para que se mantenha, quando já não existe. Torna-se, então, extemporânea. Está querendo, por exemplo, o poder. O poder revolucionário alimenta-se do princípio conservador. É a luta eterna entre o conservadorismo e o liberalismo. E esta luta hoje mais se aguça quando queremos a institucionalização e eles a temem, pela dúvida, pelo temor de que esta vá perturbar o conservadorismo. É uma análise de boa-fé que estou fazendo. E honesta. Quer dizer, é aí onde empaca a coisa. Então o que é que eu venho propondo? Venho propondo o encontro entre o governo e o poder. Eu entendo que o governo é o portador do liberalismo, e há uma diferença muito grande entre governo revolucionário e poder revolucionário. O poder revolucionário é o detentor do conservadorismo, é o detentor do processo, é aquele que quer guardar a ordem, como eles chamam — manter a segurança. Mas o governo é o herdeiro da alma democrática do povo, muito embora tenha sido eleito pelas circunstâncias que nós sabemos, mas de qualquer modo, aquele colégio eleitoral tem uma representatividade popular. E mesmo porque o governo é o herdeiro daquela ideologia revolucionária que nós vamos encontrar em Milton Campos, nos melhores. Aquilo passou para Castelo Branco, que afirmava que não poderíamos viver sem o regime democrático, passou para o Costa e Silva — que na verdade morreu de um trauma político, passou para o Medici, que para assumir o governo exigiu a reabertura do Congresso, isso é um fato. Eu tenho ciência disso, foi uma condição que ele impôs, a reabertura do Congresso. Não queria apenas a autoridade conferida pela junta militar. E o Geisel, da mesma maneira, continua a afirmar que a revolução é democrática, então o governo é o portador desse liberalismo, em contraposição ao conservadorismo do poder revolucionário. A minha sugestão é de que o governo, na qualidade de portador destes anseios, tenha um entendimento com o poder. Não importa, aí no caso, que ele represente uma figura só, um homem só. Seja o representante das duas coisas, mas há aqueles que na realidade são os portadores de fato do poder revolucionário, que é o chamado sistema — o Estado Maior das Forças Armadas. Há outras forças, mas de pouca influência. De pouca influência porque esses civis, nós poderemos localizá-los dentro da tecno-burocracia. Porque os burocratas são indiferentes a qualquer tipo de governo. É o estilo de representantes do desenvolvimento que se julgam com o direito de serem indiferentes a qualquer estilo de governo. Porque consideram que o progresso não depende de orientação política. Aí vem outro erro fundamental da nossa vida política: toda estrutura administrativa do País está entregue à tecno-burocracia. Então estes homens influem junto aos setores radicais no sentido de que não se deve modificar nada, que só se pode obter alguma coisa através do arbítrio. Se nós chegássemos à institucionalização do regime democrático, estaríamos então num ambiente flácido, num ambiente sem muita emulação para as grandes reformas, como se a democracia fosse um regime de tolerância. Ela não é. Ao contrário, é um regime de homens fortes, que só um homem forte é capaz de interpretar a lei. As nossas desgraças têm vindo em consequência de termos tido à frente do governo homens fracos. Ora num setor, ora por prisma, ora por outro, mas fracos para concepcionar realmente o que é a vida democrática, o que é o cumprimento da lei.

AQUI — Mas esse encontro entre o governo e o poder... você pode me dar um caso nas eleições que vêm aí, o que lhe parecem indicar?

TV — Esse já é um outro aspecto, porque em primeiro plano, as minhas sugestões eram de um entendimento com o governo, consciente dessa sua função com o poder revolucionário, em que, portanto, desse diálogo surgiria ou deveria surgir a institucionalização — vamos partir para institucionalização. O governo, como portador desse sinal verde, teria um entendimento com o setor político, que é o setor parlamentar, sobre as possíveis opções a serem estudadas. Alinhadas certas e determinadas opções, fomos para o terceiro, para o quarto encontro, que seria então com as fórmulas jurídicas capazes de substituir o estado de excepcionalidade. O voto popular é a causa da divergência de um poder ou da manutenção de um poder. Mas no nosso caso ele não gera nenhum poder, este poder já está gerado, que é o poder autoritário revolucionário. Quer, dizer, ele é indiferente a qualquer decisão popular, em princípio, porque todo poder revolucionário se institucionaliza, ele não precisa de nenhum respaldo. Agora, quando ele quer admitir uma tendência para este ou aquele regime, com o respaldo popular, aí sim ele passa a considerar o fato eleitoral como um fato preponderante. No nosso caso atual; o resultado de uma eleição é simplesmente um indicador; não é um fato puro e acabado em si; como é num regime de normalidade política: Ele é um indicador, diante do qual o poder e o governo poderão raciocinar porque aquela eleição refletiu o pensamento da opinião pública.

AQUI — Esse caráter plebiscitário que as eleições assumiram seria uma anormalidade do processo eleitoral?

TV — Ele é um processo, ele se torna um processo normal, não como um princípio. É normal que você vá a uma cabine para depositar o seu voto, lá você não tem ninguém atrás de você para orientá-lo, então ele passa a ser um processo normal. Mas ele é limitativo porque dele não decorrem aquelas distinções absolutas que ocorrem num período de normalidade. Por exemplo: se amanhã nós tivermos uma eleição para governador do Estado, direta, e for eleito um governador de São Paulo, da oposição, ele vai ter que ficar condicionado à legislação excepcional que estamos vivendo. Ele não vai poder gozar daquela autonomia que gozaria se estivéssemos sob o império da lei. Então, o engano que eu sempre faço questão de advertir com relação a meus amigos do MDB, é que jamais o MDB poderá chegar ao poder por via eleitoral dentro do regime de excepcionalidade, mesmo porque não tem ninguém que lhe garanta o poder. Ele simplesmente vai fazer uma aliança similar à que faz a Arena, que é uma simples aliança, que é um pacto de não agressão. Mas ele não poderá, em absoluto, exercer o poder, porque o poder continua intocável, que é o poder revolucionário. Este só pode ser substituído por duas vias: ou através de outra revolução que o derrube, ou através da via normal, pela institucionalização do regime. Ora, como nós não queremos um golpe de Estado, pregamos então, a institucionalização do regime a fim de que ela se procedesse mediante esse entendimento comum.

AQUI — Mas nesse meio tempo, acumulam-se fatores que podem dar uma solução negativa ou positiva, em outro bloco, vamos dizer, o problema social que está se agravando...

TV — Realmente, as chamadas pressões no bom sentido, no sentido da acumulação de problemas, esta pressão existe. Daí eu venho pregando também já não uma simples modificação das coisas, mas uma reforma da própria Revolução. Já não lhe basta mais fazer uma simples revisão das coisas ela tem que reformar. Nós temos que ir às origens de todas essas coisas. Sem irmos às origens de nossos erros não poderíamos modificar nada. O problema social é uma decorrência do problema político-econômico e político. É sempre uma consequência. Quando me dizem então que primeiro vamos partir para resolver as injustiças sociais para depois resolver os problemas políticos, eu fico alarmado, porque é mais ou menos clássico que você, para chegar a uma justiça social, tem que partir de uma doutrina política que o oriente, e de um estado econômico que lhe proporcione os meios para aquilo. Você não pode obter a justiça social pela boca. Então os problemas sociais que estão se agravando, são frutos da deficiência econômica e política do modelo atual. É o esgotamento dos mecanismos a que me referi há pouco. É necessário que a gente vá buscar as raízes, realmente.

AQUI — Pode-se chegar a um acordo com o poder revolucionário, digamos, o poder militar?

TV — Essa é a via que eu prego. É o entendimento com o poder militar e com o centro político, que é o representante do poder de opinião pública. Para isso é que eu venho sugerindo uma espécie de mesa-redonda em que fosse, digamos assim, selecionado um grupo dentro do setor militar, um grupo de setor do governo, um grupo do setor dos partidos que pudessem discutir, dentro de uma linha de prioridades, os problemas fundamentais do País. Porque nós ficamos a discutí-los



“O setor militar deve participar de qualquer reestruturação... a violência tornou-se hoje comum...”

nos seus desdobramentos e não das suas causas. Ficamos discutindo se é válida ou não a ida ao Exterior, mas isto tudo são consequências de coisas maiores que vêm de trás. Isto teria que levar tempo e não poderia ser um encontro, teria que haver vários encontros, cada um levando a sua pauta de prioridade, e matérias prioritárias e temas prioritários, até estabelecermos um roteiro, um caminho, uma linha básica da qual pudéssemos partir para as coisas. O que nos falta é o delineamento de uma posição básica. Podíamos partir para um regime político, para uma doutrina política e para uma doutrina social.

AQUI — Qual seria o papel dos militares dentro do modelo político liberal?

TV — O setor militar, que é o que diz respeito à segurança, deve participar de qualquer reestruturação política do País, não tenho a menor dúvida. Por que? Porque a violência tornou-se hoje comum, faz parte da vivência social, em menor ou maior grau, mas faz parte. Ora, se ela faz parte, se é uma coisa do dia-a-dia — eu não estou me referindo à violência no caráter de subversão política — mas a violência no seu sentido amplo. Se a essa violência é um fator que agita a sociedade nos seus vários pontos, necessariamente, ela tem que ter alguma coisa que se oponha a ela, mas também em caráter permanente, que no caso, é o setor de segurança representado pelas Forças Armadas. Então as Forças Armadas iriam ter um papel muito mais ativo, legalmente ativo, a fim de que nós pudéssemos até aplaudir muita coisa que ela faz e que, por ser feito às escondidas, ninguém conhece, e para evitar que muita coisa escondida que se faz não se venha a fazer. Porque o seu hermetismo é que determina muitas distorções. Nós poderíamos estudar o quadro da institucionalização do regime democrático com a participação mais ativa das Forças Armadas, já como representantes — não só da força, mas como representantes de um setor da vida brasileira que carece de vigilância permanente. E eu quero lhe citar um caso: porque os EUA passaram 6 anos brigando no Vietnã sem uma declaração de guerra? Isso é uma de formação do regime democrático. Foi uma guerra que não teve a sua formalização dentro do quadro institucional da vida americana. Então ficou uma guerra clandestina, daí a reação da mocidade contra a guerra do Vietnã, que terminou com o governo tendo que tomar aquela medida menos por sua vontade que pelo estado de coisas que estava criando. Aí houve uma conturbação interna dentro do próprio Estados Unidos. Mas por que? Porque as forças armadas norte-americanas continuam alienadas de toda a sistemática da vida democrática norte-americana e daí porque há uma discrepância muito grande entre o pensamento íntimo do Pentágono e o pensamento do governo. E um distanciamento físico até entre o militar americano e o político americano. E tudo isso, vamos ser muito claros — porque eu gosto de dizer as coisas claras e de maneira

séria, e creio que quando a gente fala sério sobre coisas sérias, não há o que temer — e daí porque o contato de nossas Forças Armadas com as Forças Armadas norte-americanas tem dado como resultado um certo isolamento que tem havido na cúpula. Isso é influência, porque todas as nossas grandes patentes, depois dos estágios feitos nas escolas superiores dos Estados Unidos, evidentemente que o nosso militar acaba captando essa desconfiança íntima que existe entre o militar e o político norte-americano. E como, por outro lado, a América do Norte nunca se lembrou de valorizar o seu regime político, não tem portanto razão de criticar a Rússia ou a China que o querem exportar, porque ela nunca se aventurou a fazer aquilo que deveria fazer — que ela pregasse o seu regime, pregasse o liberalismo político como única bandeira filosófica a se opor ao marxismo. E todos nós sabemos que o marxismo surgiu como combate ao liberalismo político, como filosofia. Não foi só para combater a uma doutrina econômica, foi para combater um posicionamento político. Os Estados Unidos não tiveram até hoje a idéia de exportar o seu modelo de governo. Não conhecemos, pelo menos eu não conheço, que aqui tivesse vindo uma missão política para fazer um curso de estudos políticos. No entanto, nós temos os cursos de estudo militar.

AQUI — Não lhe parece que por uma circunstância transitória, a participação das Forças Armadas na vida brasileira, na vida administrativa poderá criar esta vinculação entre o sistema liberal e também com a participação do poder militar?

TV — Não me parece ainda que haja esse entendimento perfeito. Porque ele está vindo para o setor administrativo mais influenciado pela sua formação do que pelo desejo de aprender um pouco da nossa vivência. Então de certo modo, ele se mantém ainda isolado.

AQUI — Numa posição de técnico?

TV — De técnico, e daí um maior afinamento com a tecno-burocracia do que com a política. Quer dizer, nós, os políticos, continuamos em quarentena.

AQUI — Na sua opinião, qual a crise maior no Brasil hoje — a de leis ou de líderes?

TV — As duas coisas, está claro, não é? Porque se tivéssemos somente líderes e não tivéssemos leis, estaríamos, na mesma. Ao passo que se tivéssemos leis e poucos líderes, cairíamos na incapacidade de bem executar as leis. De modo que com as duas coisas nós poderemos chegar a um estágio melhor — com líderes e com lei.

AQUI — Mas e nessas eleições que vêm aí, municipais e eventualmente as eleições de 78: na sua previsão imediatista, que consequências terão?

TV — É difícil, dado o ângulo em que o governo venha encarar o resultado da eleição. Essa eleição sobretudo é uma eleição localística — em primeiro lugar está o homem. As eleições municipais são sempre disputadas em torno de pessoas, não vale muito o partido; o partido influi, mas as pessoas influem muito, de maneira que se o Arena tem um bom candidato ela pode vencer, o mesmo com o MDB. Até um nível, ou um volume de população. Depois de ultrapassado aquele volume de população, em que a chamada sociedade de massas já passa a pensar pelas pessoas, você caindo nessa faixa claro que a imagem da Arena é muito distorcida — ou melhor, não é boa. Eu diria mesmo que em alguns pontos é desagradável, pelas posições que tem assumido e que se refletem lá foram como “antianseio”.

AQUI — Neste momento a Arena marcha com muito medo para as eleições, não é?

TV — Mas está porque toda esta gente está sabendo que o bipartidarismo, que é fruto da excepcionalidade, está se esgotando. E se esgotando primeiro na Arena, o que é muito natural, porque ela pega os reflexos negativos das medidas do processo revolucionário. Mas não tenha a menor dúvida que dentro do MDB também há desgaste. Se você fizer um levantamento dentro do MDB, se perguntar a eles — “Você gostaria de um novo partido”? iria verificar que mais de 50% deles estão desejando um novo partido. Por aí você vê quando eu digo que há um cansaço da excepcionalidade — isso está generalizado. Então por que vamos forçar aquele que já não tem mais condição de andar? Você não pode forçar um cansado para que ele ande.

Mas também digo — pluripartidarismo dentro de um quadro de excepcionalidade, não vai resolver nada. Porque se uma eleição não decide, não é o grande caminho pelo qual nós chegamos ao poder e a vida de um partido é lutar pelo poder, senão, ela não tem sentido. O poder é a sua razão de ser. Quando eu prego o pluripartidarismo, claro que o pluripartidarismo faz parte daquele elenco de providências que serão tomadas com a volta da normalidade política. Então, com isso tudo, o que eu quero dizer é que as medidas econômicas e as medidas políticas nos conduzem exatamente a uma revisão política fundamental, partindo dela então todas as iniciativas de ordem econômica e de ordem social. Esta é a minha tese.

O BAIRRO DA COMIDA HONESTA

Reportagem de João Otavio Fotos de Kerstin Weinschenck e George Love

A surpresa começou assim que a redação de AQUI, dois meses atrás, mudou para a Rua Três Rios, no coração do Bom Retiro. No segundo dia, alguém saiu para almoçar e voltou com a novidade:

— “Ó, tem um restaurante grego aqui perto que é demais...”

E no ato um dos editores que nasceu e criou-se no bairro tocou fogo na redação: o grego não era nada ainda, vocês precisavam conhecer também os italianos, os israelistas, e os ... Numa semana, nascia a idéia desta reportagem.

Você também precisa conhecer o Bom Retiro comendo. Bem e barato.

Fale com Thrassyvoulos, simpática figura de velho caolho, peça uma mussaka. Deliciosa “lasanha” grega, com beringela e molho de carne. A 20 metros dele, o búlgaro Albert: grandalhão, cara cheia, fabricava o iogurte preferido da Golda Meir, quando tinha uma loja em Israel. Albert sente grande satisfação quando você vai lá provar uma bureka pela primeira vez. Da bureka búlgara à iugoslava burikita da Matilda — outra tentação — não são nem duas quadras.

E num raio de não mais de 1 km o tchoulent de Sara, a romena, o gebratene ganz polonês de Wladislav, o miti-tei da Abigail — e os char-

lotes da Ilda?, céus! as massas da Nonna!

— “Você vê o Ivo Dinelli, o Pedro Dinelli, o José Joaquim ... todo mundo aqui aprendeu a cozinhar com eles.”

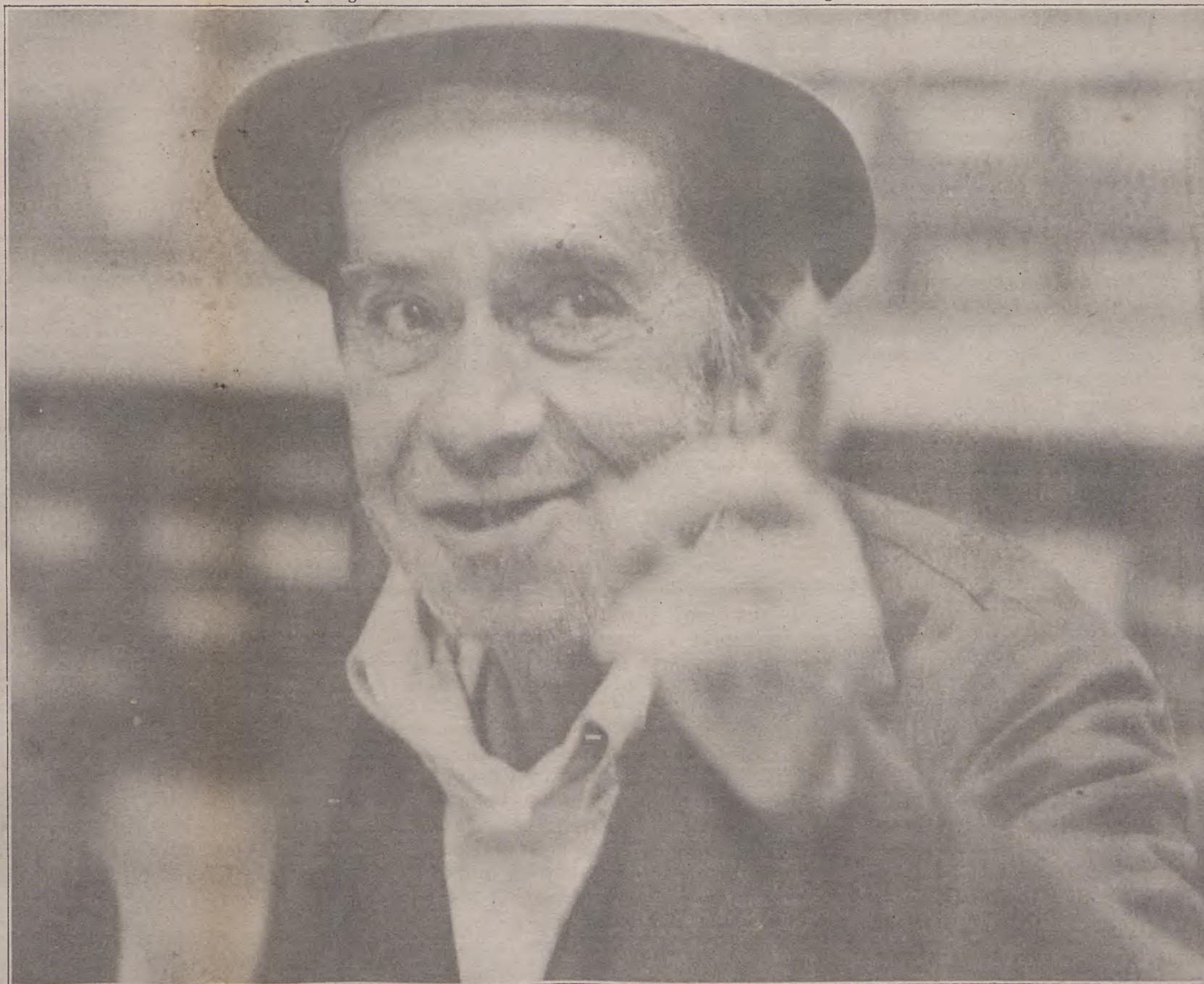
Cantoneiros tradicionais no bairro, velhos e novos fregueses dão seu depoimento, elogiando ou mostrando gratidão ao nome daqueles que primeiro se instalaram aqui em princípios do século, dando início a esta verdadeira ONU da culinária em São Paulo. Eles se tratam, esses europeus. Seu Atilio, gordo italiano da Toscana, até se queixa de que a molecada paulista já não come, só quer saber de hamburger e coca-cola:

— “Mas que gosto tem um sanduíche, madona?”

Ele, dono de um dos onze restaurantes visitados — uma seleção — é voz que deve ser ouvida: a cultura européia ensina que é bom comer bem. E a cultura européia ainda é o grande modelo. Ou não?

Esta reportagem é, ao mesmo tempo, um roteiro para os que sabem comer e uma homenagem a um bairro onde nos sentimos muito bem trabalhando. Está no nome: Bom Retiro. Decididamente, um dos bairros onde se come com mais sabedoria em São Paulo.

A redação



O BOM RETIRO É UMA MINA DE RESTAURANTES COM OS QUAIS SONHAMOS



Sr. Atilio dirige a casa com a família (inclusive o neto).

“TEMOS ORGULHO DE DIZER QUE EM TODA A NOSSA EXISTÊNCIA NUNCA UM FREQUÊS RECLAMOU” —ATILIO, DA LUCCA

UM PROTESTO CONTRA O SANDUICHE

— “Ah... não é mais como antigamente. Eu me lembro. No meu tempo de garoto, todo o dinheirinho que sobrava a gente juntava e ia com a namorada numa cantina, comer pizza. A gente cuidava mais da alimentação. Agora tem esse tal de sanduíche. As família vêm aqui, os pequeno nem bem arranham duas coisinhas já vão embora. Os velho é que comem tudo sozinho. Mas que gosto tem um sanduíche?”

A pergunta — quase um desabafo — é de um senhor gordo, sobranceiras grossas, que fala de banca: é filho de italianos vindos da Toscana em 1885, na segunda grande emigração, para povoar uma várzea que alagava todo ano:

— “Os israelitas chegaram em 1923. Isso aqui era só italianada. Você vê, tem a rua dos Italianos ainda! A José Paulino era a dos Imigrantes.”

“Seu” Atilio já foi dono de uma importadora de máquinas gráficas, lá pelos anos de 1940, quando andava até com motorista particular. Em 1948, resolveu mudar de vida:

— “Eu queria um ramo que fosse bom, que desse bastante amizade. Acho que consegui, todo freguês que vem aqui sai como um amigo.”

Um lugar onde o “ganho não fosse o importante”. Arranjou um sócio e montou o restaurante na Rua Anhaia, 725 — a Cantina e Churrascaria Lucca — nome em homenagem à cidade dos antepassados.

O restaurante, de 32 mesas, é bastante acolhedor:

— “É como se fosse uma casa de família” — define dona Ida Lucchesi, cunhada e sócia do seu Atilio.

E é mesmo. Seu Atilio conseguiu preservar um costume das velhas cantinas italianas, onde trabalhavam “o nonno, a nonna, os filhos e os netos”. Sua mulher, dona Mercedes, é quem atende o caixa; Helena, a filha, é diretora de uma escola, mas nos fins de semana não escapa e vem fazer a sobremesa; Miriam, outra filha, é química industrial, o que não a impede de ficar, junto com o marido, anotando pedidos nas mesas; Cleide, uma afilhada, também trabalha anotando pedidos; dona Ida, a cunhada, é a encarregada das batidinhas e pratos especiais.

E o cozinheiro é o próprio seu Atilio Benedini, cuja comida é famosa:

— “Coisa que temos orgulho de dizer é que em toda a nossa existência nunca um freguês reclamou quanto à qualidade da comida.”

A especialidade da casa é o nhoque, feito lá mesmo. Do molho, muito elogiado, seu Atilio só revela que não vai massa de tomate — só o próprio tomate. Se alguém quiser investigar mais a fundo, seu Atilio desconversa poeticamente:

— “Nosso tempero tem segredo, claro que tem: É a paixão humana, o romantismo, o lirismo do italiano, que é um povo emotivo e que transforma tudo isso no melhor tempero do mundo.”

Ele faz os assados — vitela, cabrito, peito de peru — e prepara o “cupim de boi”, que precisa ser encomendado. Já as pizzas quem faz é o Moacir, um garoto de 18 anos, que desde os 14 faz um “curso” com seu Atilio.

Dona Ida se encarrega dos “pratos especiais” — minestrone, bucho, o frango umbriaco ou “bêbado”. Todos precisam ser encomendados diretamente com

ela. Sua grande especialidade, porém, é o “espaguete de nome feio”:

O tempero do molho à puttanesca é segredo. Dona Ida não conta nem para os empregados. O máximo que revela, mesmo assim em cochichos, é que é todo feito com mercadoria importada.

Bebidas também é só falar com dona Ida. Ela mesma prepara as batidas, e na hora de servir faz questão de explicar como é que se toma isso ou aquilo. Vinho, por exemplo, deveria ser aberto bem antes de tomar, para deixar escapar o gás. Batidinha de coco, laranja, limão, maracujá, meia de seda, amendoim e trepa-macaco (“essa é forte: vai uísque, gim, é só pra cavalheiros”) essas não têm maiores mistérios. Agora, a de pêssego fica uma delícia se tiver só um poquinho de canela em pó.

E o que tem para sobremesa? São várias, “mas nem adianta falar”: no Bom Retiro todo mundo quer mesmo é o charlotte. Mas isso é historinha de outra cantina do bairro.

Para seu Atilio, no Bom Retiro se come a melhor comida de São Paulo. Mas:

— “Os proprietários não sabem fazer muita promoção. Eles acham que só o preço mais barato chama os fregueses.”

Entre esses fregueses estão Aracy de Almeida, Juca Chaves, Nair Belo, a Márcia Maria:

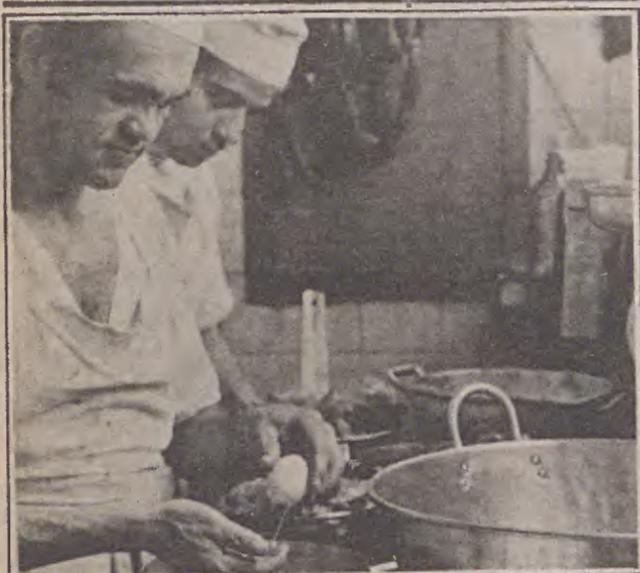
— “O Éder Jofre vem aqui desde criança. Eu me lembro, ele tinha 7 ou 8 anos e vinha com o pai. Mas a comida dele é diferente, só come verduras, massas, nada de carne.”

Dona Ida se lembra de todos eles. Alguns, ela diz, “faz tempo que não vêm”. Outros ainda está esperando que apareçam:

— “O Nelson Gonçalves é que eu queria que comesse aqui. Sou fã dele, acho as músicas maravilhosas, gosto de todas. Mas ele nunca apareceu...”

O GARÇON CHAMA RENATO, MAS PODE CHAMAR DE RENATOPOULOS

FUGIU DE CASA COM 9 ANOS, PEGOU UM NAVIO, FOI APRENDER A COZINHAR NO OLIMPO



Ovo na massa.

E GODOY AINDA DIZ QUE APOSTA É NA SUA PIZZA

— "Você vê o Ivo Dinelli, o Pedro Dinelli, o José Joaquim Pinto... Eram os professores do ramo, todo mundo aqui do bairro aprendeu a cozinhar com eles."

Aparecido Godoy e o sócio, Edmundo Raymundo, estavam trabalhando. Seu Aparecido dando um "tratamento adequado" na cozinha, seu Edmundo organizando o bar. As duas mulheres — Dorvalina, casada com Aparecido, e Elza, casada com Raymundo — nem se preocupam com a conversa. Dentro de algumas horas a casa vai abrir e elas precisam terminar de lavar o chão:

— "Aqui nós trabalhamos em família."

Os quatro — ou os dois casais — são donos da Pizzaria Monte Verde, na Rua Barra do Tibagy, 122. A casa foi montada em 1959. Mas para chegar a "ter o próprio estabelecimento" muitos sacrifícios foram enfrentados:

— "O Raymundo foi garçon da Montenero. Eu também era. Nós já trabalhamos nuns 10 hotéis e restaurantes. Quando compramos a casa aqui... pagamos 120 contos, 40 de entrada, 6 por mês... passamos a maior dificuldade. A gente ia fazer compra no Mercado Central e tinha que fazer tudo no bonde. Muitos amigos não vinham aqui porque tinham medo... não tinha luz na rua, enchia tudo de água, tinha maloca aí embaixo..."

O bairro foi progredindo, e hoje seu Godoy pode proclamar:

— "O nosso forte é a pizza. Fazemos de acordo com o freguês, o que ele pedir tem. A pizza não tem segredo, pode por aí. Quem disser que tem tá inventando coisa."

A Monte Verde oferece inúmeras variedades de pizzas, todas feitas conforme os ensinamentos de Ivo Dinelli: atum, escarola, camarão, calabresa, portuguesa, qualquer uma:

— "Uma das mais populares é a alho e óleo, custa só 28 cruzeiros. Agora, se o freguês quer algo mais

Antes de entrar no Bar e Restaurante Acropoles, prepare-se, para não ser enganado: por trás da máquina de fazer café logo na entrada, por trás da simplicidade da casa, esconde-se uma das cozinhas mais requintadas do mundo:

— "Um segredo da cozinha grega? Pois não, com muito prazer..."

Pelo sorriso maroto do garçon Renato — quase trinta anos nas costas, magrinho e agitado — percebe-se que alguma coisa está sendo tramada. Mas ele disfarça e fica sério para contar como é que os gregos preparam "há séculos" uma espécie de pastel de massa folhada e queijo:

"É preciso escolher muito bem a farinha. Tem que ser de trigo, nem grossa nem escura. Pra cada 4 quilos, junte 1 litro e 400 gramas de água e um pouco de sal.

Amasse bem, cubra com um plástico e deixe descansando duas horas.

Amasse de novo e, numa mesa coberta com farinha, abra a massa, formando um retângulo de 80 por 40 centímetros. Espalhe 1 kg de manteiga, embrulhe com papel manteiga e plástico e ponha na geladeira, 3 graus abaixo de zero, durante duas horas.

A operação (amassar, espalhar manteiga e colocar na geladeira) deve ser repetida mais duas vezes. E a massa, finalmente, é aberta em 3 pedaços de 30 centímetros por 40, e recolocada na geladeira, 5 graus abaixo de zero, por mais 4 horas.

Está quase pronto. Abra de novo, cada pedaço em 88 centímetros por 66. Corte em quadradinhos de 11 por 11 centímetros, coloque o recheio de queijo grego, ovos, noz moscada e sal. Feche os pastéis, e asse a 200 graus, durante 45 minutos.

Renato dá outra risada marota, pois acaba de revelar um segredo com a certeza de que nenhum "inimigo" vai conseguir roubar dele o "monopólio do pastel grego" em São Paulo. Foi o próprio Renato quem importou a receita, pois este carioca fugiu de casa aos nove anos, depois de levar uma "surra

injusta" do pai, entrou clandestinamente num navio qualquer no porto do Rio e foi parar na Grécia, onde viveu 4 anos, trabalhando em restaurantes. Agora, falando grego fluentemente, Renato é braço direito de Thrassyvoulos Georgios Petrakis, este sim um grego legítimo (embora tenha nascido na Turquia), o dono do Acropoles, na Rua da Graça, 364.

Quem cozinha, ajudado por três cozinheiras, é Thrassyvoulos em pessoa. Baixinho, gordo, um olho virado pra cada lado atrás dos óculos, simpatia chegou ali, parou: Thrassyvoulos atende a freguesia rindo, adora o que faz e sua alegria contamina. No Acropoles, você deve entrar e ir direto à cozinha. Os pratos estão todos lá, à vista, em cima de uma mesa comprida ao lado dos fogões. Você escolhe o que pretende saborear e espera o garçon levar na mesa. A especialidade é carneiro: assado, ensopado, com alface, quiabo, vagem, com beringela, espinafre, batata, ervilha, de mil jeitos. O tempero: cebolinha, suco de tomate, massa de tomate e algumas coisas "que não podem ser espalhadas". Além de carneiro, bói e coelho. E massas. Peixes. Há uma disputada lasanha com beringela e carne moída: a "massaka". Saladas curtidíssimas (a culinária grega manda que todas as verduras sejam cozidas).

E o preço? Aqui é que está outro grande segredo. Nenhum prato — garante Thrassyvoulos — passa dos 25 cruzeiros. Fora as sobremesas, doces típicos que não custam mais de 4 cruzeiros a porção — milópita (torta de macã); cataifi (de nozes); baclava (amendoas); e galactoburego (com creme de leite).

Não falta, ainda, o aperitivo grego, o ouzo (pronuncia-se uzo), que "parece anis". O preço da dose "fica por conta da casa":

— "Dinheiro? Isso não é assim. Uma mão lava outra, os dois lavam rosto."

Thrassyvoulos, no Brasil desde 1959, sotaque carregado ainda hoje, diz que isso aqui é um paraíso:

— "Eu sempre disse: foi no Brasil que nasceu Adão e Eva."



Renato, Thrassyvoulos e as ajudantes.

cheio de gosto, tem a moda da casa, presunto, ovos, cebola, atum, palmito e mussarela."

Quem cozinha é o próprio Godoy:

— "Eu acho que a estrutura da casa tá na cozinha. Eu faço tudo bem feito. Na quinta-feira fiz um pintado ensopado com batata — esse tem que encomendar. O freguês até disse: Olha, quase que eu levantei da cadeira pra te apertar a mão."

Além de gostar da cozinha, seu Godoy se esforça. Ele que não pôde estudar quando pequeno, agora faz da culinária uma arte: tem vários livros e coleção de fascículos. Mas quando vai para o forno, fazer um assado, não precisa olhar em livro nenhum. Esses

são sua especialidade — filé de carneiro na brasa e leitão à brasileira, os dois por volta dos 30 cruzeiros. Mas tem também vitela assada ("feita com carinho"), e o prato famoso dos domingos, nhoque. Dona Dorvalina e dona Elza são as mestras em agradar os fregueses:

— "São elas que fazem as sobremesas — salada de frutas, pudim, mamão, melão, e o charlotte, claro — e preparam o agradinho, a batidinha de limão especial, oferecida de graça." Acontece que a filosofia da Monte Verde se resume numa frase muito conhecida:

— "O freguês é quem manda, sempre!"

O FREGUÊS QUASE LEVANTOU DA CADEIRA PARA CUMPRIMENTAR O ENSOPADO

ATÉ O ADHEMAR COMEU O GANZ DO WLADISLAV

— "Aqui tudo é bom. Pode colocar... como entrada, leber mit zwiebel; depois pode ser quefilte fisch, doce ou salgado; se o freguês preferir, uma hühner suppe mit krepchen, podemos servir. As carnes também são apreciadas... digamos um gebratene ganz. Sobremesa? Pilaumen kompott. Certo?"

Certo, uma bela explicação, só que em alemão. O garçon magrinho, bem alinhado, ficou meio sem graça:

— "Ah, o senhor não é judeu? Bem, eu traduzo: entrada, patê de fígado; depois peixe recheado, ou galinha com capelete. Carne... ganso assado. E sobremesa, compota de ameixas. Certo?"

O garçon do Restaurante Europa, "a melhor comida européia de São Paulo", traduz a explicação em fluente português. Também pudera, ele é Ademar Andrade, brasileiro de 45 anos. E há 25 trabalha com a colônia israelita. Um freguês se aproxima e completa:

— "Aqui os garçons já sabem até xingar em idiche!"

Ademar abre o cardápio, mostra 42 tipos de pratos diferentes: arenque com molho de creme, carpa, sopas, patos assado, lingüia defumada, baço recheado, kasche, ferfel, sobremesas — tudo com preços entre 8 e no máximo 50 cruzeiros:

— "É uma casa internacional. Aqui sempre vem o consul da França, da Alemanha, da Rússia, de Israel. Muitos turistas. É restaurante classe A. Vem aquele deputado, o Goldmann, esse sempre traz outros deputados. Vem também aquele arabe... o Nabib Chedid."

Decoração simples, mesas cobertas com toalhas brancas, televisão num canto, a tradicional estrela de Davi noutro. Quando está cheio, na hora do almoço ou jantar, ouve-se pouco português. A maioria dos fregueses, 95 por cento, judeus e descendentes. Alguns fazem questão de dar um depoimento sobre a excelência de comida:

— "Sou Abrão Sichman, venho aqui faz 5 ou 6 anos. Aqui tem a melhor comida israelita tradicional. Vem gente dos Estados Unidos, Canadá, Alemanha, comer aqui. Não é como esses lugares que tem comida recauchutada; aqui é feito na hora."

A maior honra da casa (Rua Correia de Melo, 56) é "ser requisitada pelo Consulado de Israel quando tem alguma recepção a oferecer", conforme explica o proprietário, Leon Mondrzejewski, um polonês de 50 anos que fala pouco a nossa língua. Outro polonês toma conta da cozinha: Wladislav Savitski, simpático velhinho de 75 anos, cabeça branca, fala baixa. Só de cozinha idiche, o velho Wladislav tem 35 anos. Orgulha-se de um fato:

— "Eu não sei mais em que ano foi. Mas um dia teve banquete e o Adhemar comeu. Até lembro o que foi: pato, frango..."

Em seguida, despede-se. Na cozinha, ele tem outra função ainda: professor. Seu aluno e provável substituto é Gregorio José de Sá, pernambucano de 36 anos.

— "O que você acha da comida idiche?"

— "Eles gostam", e Gregorio sorri como se estivesse incluído nesse "eles".

ONDE O
CONSULADO
OFERECE
SUAS RECEPÇÕES?
NO EUROPA.



Leon Mondrzejewski, o dono.

O MISTÉRIO DA PIZZA: NÃO TEM MISTÉRIO

E as pizzas do Bom Retiro, há algum mistério que explique por que são tão gostosas? Faça essa pergunta ao primeiro pizzaiolo do bairro, um gordo de 52 anos, sorridente, compenetrado, chamado Antonio Hormink ("parte de mãe, italiano; parte de pai, austríaco"). E ele não vai fugir à regra. Com a maior

inocência do mundo, quase convence o freguês de que não há nada mesmo de especial:

— "Ninguém acredita, né? Mas é só água, sal, fermento, óleo e acabou. Diferente disso, deixa de ser pizza e já é bolo."

Seu Antonio hoje é dono de uma cantina — a Ouro Branco, na rua dos Italianos, 711, fundada em 1965. O sócio é um italianinho, seu Gino Rossi de Lucca também, com 58 anos — "60 de restaurante" como gosta de dizer.

Os dois já estão no Bom Retiro há muito tempo. Antonio começou como pizzaiolo em 48, na Montenero, pegou o jeitinho trabalhando com o "mestre" Ivo Dinelli. Seu Gino sempre foi garçon e também trabalhou na Montenero.

Seu Antonio vai contando isso, enquanto descarrega uma peruca de compras feitas no Ceasa. Faz as compras pessoalmente:

— "Tem que saber escolher os produtos. O tomate tem que estar no ponto, consistente, nem muito passado, nem muito verde. As batatas então dão o maior trabalho. Tem que ser durinha, sem muita água, pra dar consistência no nhoque."

A especialidade da casa são os assados: cabrito, leitão, lombo recheado ("esse é muito gostoso, dou até a receita: calabresa, cenoura, salsicha, cebolinha, azeitona no recheio, acompanha farofa e palmito"), peru e frangos. Tudo abaixo de 40 cruzeiros.

Pizzas, também. De todas as variedades. Por semana, seu Antonio — o "Toninho" ou o "Gordo" como chamam os fregueses — vende umas 400 pizzas. A mais gostosa, segundo o próprio pizzaiolo, é a "moda da casa" com palmito, ervilha, presunto, atum, cebola e cobertura de mussarela. Custa 36 cruzeiros.

O grande atestado da excelência da comida é a frequência: nos fins de semana, um atraso de 15 minutos pode significar não ter onde sentar. As 30 mesas ficam lotadas, a maior parte pelos israelitas:

— "Eu não sei por que, mas os judeus têm uma preferência tremenda pela comida italiana. São muito exigentes, mas ótimos fregueses de restaurante. Só não gostam de beber."

Quem não bebe não sabe o que está perdendo. Seu Antonio tem um "aperitivinho da casa" que é batata: tomou uma vez, toma sempre:

— "É uma verdadeira farmácia. Vai martini, gin, groselha, campari, pouquinho, muito pouquinho de uísque. O resto é segredo, né? Se não todo mundo vai fazer."

Isso também acontece com os frangos. Todo mundo vem e pede um alho e óleo, muito gostoso, mas fica sem provar uma "delícia":

— "Frango à parmegiana. Isso é invenção minha. Deixa eu dar o preço? 38 cruzeiros. Uma delícia!"

Está feita a sugestão. Sobremesa? Seu Antonio, cá entre nós, é conhecido como "o mestre das tortas", mas o charlotte impera:

— "Eu fui um dos primeiros que provou quando a dona Ilda começou a fazer na Montenero. O dela é mais macio. Já tentei mas não consegui fazer igual. Ela deve ter algum segredo..."

TEM BATATA NA BUREKA

O búlgaro das burekas. É assim que os fregueses brincam com ele, quando está de avental branco, boné também branco na cabeça. Parece um açougueiro, grandalhão, cara cheia, olhos saltados. Mas é um sujeito que já foi tratado pelo nome e com intimidade por um chefe de Estado, graças ao iogurte que fabrica. O país era Israel, onde Albert Levi morou de 1948 até dois anos atrás, tinha uma "lojinha" que chegou a produzir, em Tel Aviv, 200 toneladas de queijo e 30 de iogurte, no ano de 1965:

— "Um dia, a senhora Golda Meir queria tomar sopa de iogurte com pepino. Então disse ao chofer: Desce até Ramle — era o nome da "lojinha" — e compra iogurte do Levi. Mas eu não tinha o pepino. Em Israel, quando colhe o pepino, não dura uma semana no mercado. Então, fui no quintal, peguei pepininhos e disse: Leva pra senhora Golda, não precisa pagar, de coração... só cobre o queijo e o iogurte."

Depois de ter tido como freguesa a primeira-ministra Golda Meir, Albert Levi veio visitar uns parentes no Brasil, dois anos atrás, e acabou ficando. E, no Bom Retiro, virou o búlgaro das burekas:

— "É um salgado, parece pastel mas não é, foi inventado pelos turcos na Bulgária; hoje a bureka é típica de quase todos os países dos Balcãs. Mas não é só apertar um botão e sair pronto. Tem que ter farinha fina, massa bem fina, margarina vegetal e não óleo, feita no forno e não frita."

O resultado é uma rosca, recheada de carne, ou queijo, batata, espinafre. A massa derrete na boca. E

ACREDITE SE QUISER. É SÓ ÁGUA, SAL,
FERMENTO E ÓLEO!



Fundada em 1965.

MAIS UMA INVENÇÃO DIABÓLICA DOS TURCOS



Uma bureka.

só custa Cr\$ 3,50. A loja de seu Levi, na Rua Silva Pinto, 356, parece uma sorveteria moderninha, um balcão com banquinhos. Numa pequena vitrina, os sorvetes cremosíssimos que ele e a mulher também fazem. E os aparelhos para fabricar queijo e iogurte.

— "É igual o que nós fazíamos em Israel", conta dona Lina, que com a troca de documentos no Brasil acabou sendo traduzida para dona Lona.

Seu Levi é divertido — "estou passando dos 60 e a vida não é só dinheiro, não é?" —, gosta de esperar os comentários quando percebe que a pessoa está comendo bureka pela primeira vez:

— "Os brasileiros sempre dizem que nunca comeram uma coisa tão gostosa..."

Se o freguês entra no papo, logo estará provando um copinho de iogurte búlgaro — cremoso e sem acidez; ou um doce feito por dona Lina; ou um sorvete; e pode acabar levando um quilo de queijo búlgaro, que custa 40 cruzeiros, feito de leite de ovelha, num capricho de violinista:

— "Tem que conhecer o leite, tem que ser mestre para ficar gostoso. É como violino: tem gente que toca, toca dez anos, e não aprende. Outro aprende 10 anos e fica um mestre."

Já vem gente do Rio de Janeiro só para comprar o queijo búlgaro, diz seu Levi, que tem um sonho: o Brasil bem que poderia transformar-se em grande exportador de queijo, iogurte, ricota e coalhada, tudo búlgaro:

— "Não quero 10 por cento, nada, nada. Dou de coração. Terra tem bastante, é só o governo dar pra quem não tem trabalho. E então Brasil cria ovelhas, faz queijo e exporta. Romênia e Bulgária fazem 2 mil toneladas só de queijo e vendem. Então o povo de lá passaria a comer queijo de ovelha de novo, compra da gente. Eu ensino tudinho para o Ministério da Agricultura, é só me chamar..."

E seu Levi diz que para particulares não ensinaria, não.

VENERADO POR ISRAELITAS, CATÓLICOS, UMBANDISTAS ETC

O restaurante é pequeno, quase escondido. Para entrar é preciso descer uma escada que começa na calçada, no número 32 da Rua da Graça. Não tem mesas, só um balcão para 30 pessoas. Mas está sempre lotado na hora das refeições.

— "A nossa comida é caseira. Aprendi cozinhando, vendo minha mãe cozinhar. Não tem gordura. Nada de gordura. Muito pouco sal não tem muito tempero. O freguês põe do jeito que gosta. Tem gente que tinha... como se diz? úlcera, comeu comida nossa e continua comendo. É comida leve, saudável."

Dona Sara, cabelos loiros penteados, brinco um sorriso nos lábios, dona do Buffet Sara, puxa conversa:

— "Eu tenho quatro filhos. Um casado, de 28 anos, outro com 27, o terceiro com 25 e o mais novo com 21 anos."

Em 1965, ao abrir o restaurante, era dona Sara mesma quem cozinhava. Hoje ela apenas "fiscaliza" e faz os doces — compotas de maçã, ameixa, pera, torta de maçã e ricota, coisas finíssimas.

— "Aqui vem todo mundo: brasileiros, chinês, colônia israelita."

Dona Sara, 60 anos, nasceu na Romênia. Chama o garçon para explicar como é sua comida européia, porque está saindo com as amigas:

— "Pode dizer que nós temos de tudo o que o restaurante Europa tem, só que mais barato. Temos arenque marinado, com creme de leite e cebola, delicia. Custa 15 cruzeiros só. Temos guefilte fisch — bolinho de peixe, doce ou salgado, 12 cruzeiros. Patê de fígado, sopas, caldo de galinha todo dia, pato e galinha. E tchoulent."

Tchoulent é a feijoada israelita, suculenta como a nossa: cevadinha, feijão branco, batata, carne e tripa recheada. Servida aos sábados e venerada por israelitas, católicos, umbandistas etc. Custa 30 cruzeiros. O melhor dia para ir ao restaurante é sexta-feira, diz dona Sara despedindo-se:

— "Só eu pra entender dona Sara", comenta o garçon Oswaldo, que trabalha com ela há dez anos. Sexta-feira é dia de peixe.

CEVADINHA NA FEIJOADA (É O TCHOULENT DA SARA)



Dona Sara servindo.

ESSA COZINHA FUTEBOL CLUBE

— "No nosso time ninguém bate. Nem o nosso maior rival, a Associação Bom Retiro. Já jogamos três vezes, ganhamos duas e na terceira o jogo não terminou, foi um pau só!"

Ele conta a história, todo orgulhoso, feliz da vida: Antonio Pizzetti, técnico do Monte Castelo Esporte Clube. A linha do time invencível é Patê no gol, defesa firme com Pancho, Araújo, Mineiro, Ademir e Damião: meio de campo com Bajal e Ratinho; ataque, Carioca, Galego e José Luis.

Todas as segundas-feiras, religiosamente, o time está formadinho, esperando a bola correr no grama do Bola Preta, no Bom Retiro. E no resto da semana Pizzetti desempenha seu papel de "técnico" da Cantina Monte Castelo, na Rua General Flores, 278. E o time é a seleção de "craques" da casa: 2 garçons 4 cozinheiros, 2 ajudantes, 1 copeiro, 1 churrasqueiro e 1 adicionista (o que soma as contas).

Neto de italiano, Pizzetti já não tem nem o sotaque. Seus sócios também: um é "brasileiríssimo", o Aparecido de Souza; outro é português da Ilha da Madeira, o Antonio Nóbrega Vieira.

Os três resolveram abrir a Monte Castelo em 67 — é a caçula das cantinas italianas do Bom Retiro. Nenhum motivo especial, mas quase toda a família está "enfrentada nesse ramo" — Mosquito, da badalada Piolin na Rua Augusta, é concunhado; Raymundo — da Montechiaro, cunhado; Godoy — da Monte Verde, outro cunhado — e Pizzetti seguiu a tradição.

Sua casa tem pizzas — a especial de lombinho e a moda da casa "são as mais gostosas" —, massas, assados. Além da churrasceria: é a menina dos meus olhos:

— "Não é querer desfazer, mas quem botou churrasceria no Bom Retiro fomos nós."

E deu certo. Nos fins de semana ("a gente sempre mede o movimento pelo fim de semana"), os dois salões, 40 mesas, ficam transbordando, "tem até fila". E ele oferece seus churrascos: um espeto "especial da casa" com filé, lombo, linguça, para duas



Albert e Lona Levi.

peças, custa 45 cruzeiros; picanha, pintado na brasa, tibone, bisteca, cabrito, leitão. E tudo "gostoso, muito gostoso".

O restaurante é grande, ambiente descontraído. Tem estacionamento próprio, como ele gosta de ressaltar. E a frequência "ótima", 60 por cento da colônia, que come muito bem.

E é caro?

— "Vamos imaginar um almoço legal... Entrada, frios, presunto, provolone. Uma porção para 4 pessoas, 30 cruzeiros. Depois duas porções de capelete à romanesca, 56 cruzeiros. O espeto especial da casa, 45. Frango a passarinho, 28; assado de cabrito à brasileira, 40; um vinho tinto nacional, 28. E sobremesa, o charlote, 24. Fica em 68 cruzeiros por pessoas, mas é um almoço e tanto, não?"

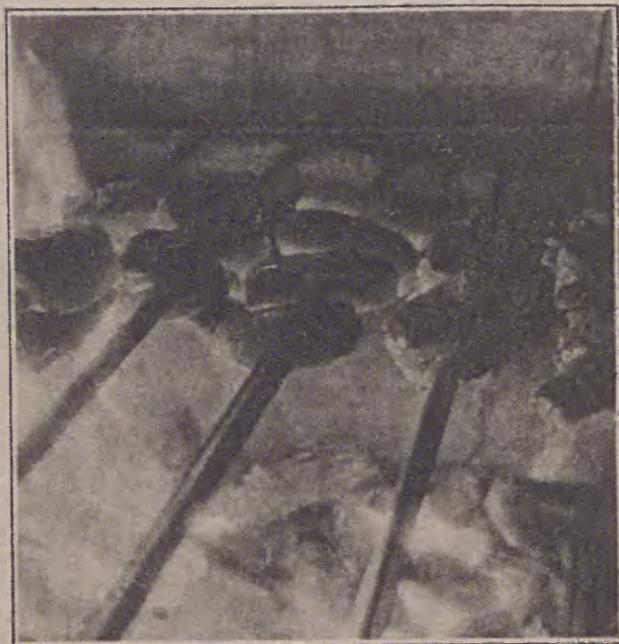
Para beber tem de tudo — vinhos nacionais e estrangeiros, licores, Wisniowka — "um licor polonês, uma maravilha" — e batidinhas. A da casa — de limão — é no "peitório" não paga nada e pode beber quanto quiser.

— "Não esquece de falar da nossa meia-de-seda, uma das melhores do bairro. Vai leite condensado, martini, conhaque, guaraná e cacau. Pode experimentar para ver."

Só mais um detalhe: na Monte Castelo, "a cantina da família", os cozinheiros são todos baianos:

— "Tutti buona gente" — como tenta dizer em atrapalhado italiano o Pizetti.

SERÁ QUE O
SEGREDO ESTÁ
NO TÉCNICO?



Churrasco na Monte Castelo.

Vem gente de longe, arrastada pela fama do salgadinho de 5 mil anos de idade, o salgadinho capaz de fazer um filho chorar de saudade da mãe. Mas é preciso prestar muita atenção ao endereço: Rua Ribeiro de Lima, 406. É apenas uma portinha, a loja fica nos fundos de um corredor. Lá dentro, atrás do balcão, mamãe: Dona Matilda.

— "O senhor vai fazer reportagem? Então coloca em cima: Burikita, como nossa mãe fazia antes da guerra!"

A dona da casa Doces e Salgados Burikita é obrigada a falar em guerra quando conta sua história. Diz que fica triste quando lembra, mas precisa lembrar:

— "O navio ficou perdido oito dias no mar. Até hoje, todo mundo se lembra do Képhalus, que tinha 3 mil judeus e estava para afundar no meio do tempo."

Dona Matilda nasceu em Belgrado, capital da Iugoslávia. Lá conheceu seu Ben Avram, casaram. Ele era um célebre marceneiro:

— "Meu marido fez cadeiras para o Rei Alexander da iugoslavos"

Com a guerra de 39, os nazistas invadiram o país. Dona Matilda perdeu pai, mãe e irmãos nos

ENTROU, PEDIU, FOI COMER NÃO CONSEGUIU



Dona Matilda e seu Ben Avram.

campos de concentração. Ela escapou com o marido, fugindo com documentos falsos para a Hungria. Depois, no fim da guerra, emigraram para Israel. Foi então que o navio, o Képhalus, quase afundou:

— "Quando chegamos em Haifa, os árabes estavam bombardeando, tivemos que voltar. Depois pudemos descer, meu marido ficou marceneiro em Haifa."

Mas a guerra continuava ali no Oriente Médio, era guerra demais:

— "Foi egoísmo de mulher — ela se desculpa — mas tive medo que meu marido fosse convocado para lutar contra árabes. Pegamos mapas, começamos procurar uma terra sem guerra. Vimos Brasil. Perguntamos e falaram: lá não tem guerra, só revolução. Então dissemos: tá bom."

E assim o Bom Retiro ganhou uma fábrica de burikitas, salgadinhos iugoslavos "inventado pelos turcos quando ocuparam Belgrado há 5 mil anos".

Dona Matilda e o marido começaram no mesmo lugar, mais de 20 anos atrás, "eu de camisola, ele de pijama, aqui em cima, com dois fogõezinhos e um ventilador, acordando duas da manhã pra fazer burikita e ir vender pros estudantes da escola Renascença, do Mackenzie, da Filosofia".

Hoje a loja tem cinco empregadas, dois fornos elétricos, um balcão frigorífico. Para produzir uma infinidade de quitutes europeus: torta de maçã, de nozes, de ricota (essa é demais); doces típicos alemães, de nozes, ameixas, suspiros; kiflice, uma brozinha recheada de nozes e ameixa, que você compra e come por quilo; bolo inglês, bolo francês, bolo kuglov (de chocolate, típico israelita). E as burikitas, que parecem pastéis de massa folhada — recheados de queijo, carne, batata ou espinafre — tão gostosas que já têm fregueses na Suíça; e tão autênticas que provocam a emoção de quem já experimentou uma vez:

— "Um senhor de Belo Horizonte, um ano atrás, entrou aqui, viu o nome lá fora, mas ainda pensou que fosse malharia. Perguntou: Tem burikita? Pegou uma, chorou, disse: Minha mãe fazia antes da guerra. Eu não sabia o que acontecia, perguntei: O senhor tá sentindo mal, quer um copo d'água? Ele pagou e foi embora, nem sei quem é."

O STRUDEL DA ABIGAIL DERRETE NA BOCA

— "Ah, se é gostosa... Nós temos fregueses que nos acompanham há 17 anos, tem uma senhora que vem todos os dias da semana. Aprendi a fazer com a nossa kuma, a madrinha do casamento e do nosso filho, como manda a tradição ortodoxa. Ela é iugoslava, tá sempre por aí. Quando tenho alguma dúvida, pergunto pra ela."

Dona Abigail de Almeida Romić estava muito atarefada, fazia doces, tinha que olhar as panelas no fogo. Seu Mirko Romić não podia atender, estava dormindo, descansando. Mas não pensem que na Cantina Balkan Churrascaria (rua Newton Prado, 186) é só a mulher que trabalha:

— "A gente tem duas ajudantes, eu sou a cozinheira, o Mirko serve as mesas, o Orlando, sobrinho dele, ajuda. É quase só a família, né?"

O restaurante é simpático. Na varanda, dona Abigail plantou inúmeras trepadeiras, que tapam a vista. Na "sala" várias mesinhas, com toalhas coloridas, na "copa" mais mesas, toalhas brancas, um balcão e a cozinha. Em cima, a residência da família Romić — ela uma campineira de 55 anos, ele um iugoslavo de 63.

— "Quais os pratos que a senhora prepara?"

Dona Abigail diz uma porção de nomes — todos incompreensíveis. Tenta escrever mas desiste:

— "Isso é só o Mirko que sabe."

Seu Mirko desce e começa a escrever os nomes em iugoslavo, cada nome cheio de caracteres com aspas, apóstrofes, circunflexos invertidos:

— "Nós temos pratos brasileiros e típicos balcânicos, né? Cada dia tem um típico. Pode ser cevapci, como a gente diz, ou miti-tei, em romeno. É uma carne moída feita na brasa, carne de vaca e carneiro misturadas. Razivic, espetinho de lombo de porco. Sarma, repolho recheado de carne. Hamburguesa à iugoslava, quase a mesma coisa que o cevapci, com molho picante e cebola. Avar, beringela moída com

**BURIKITA: FAZ
UM FILHO CHORAR
DE SAUDADE DA MAMÃE**

NÃO É BRINCADEIRA: TEM FREGUESES FIÉIS DESDE 1959

pimentão formando um purê. Tem também o goulasch. De brasileiro a gente faz fígado de frango acebolado, dobradinha com feijão branco, rabada, e muito mais."

Tudo isso preparado pela dona Abigail que também é mestra nos doces. Sua massa da torta de maçã é famosa:

— "Dá só uma olhada. Fica fininha que nem uma folha de papel, derrete na boca!"

Além do **strudel**, ela faz o "mil folhas", baclava (doce com nozes) e um montão de tortas que ela nem sabe o nome de cor: de ricota, de nozes, de maçã.

E custa caro? Dona Abigail e seu Mirko garantem que vale a pena: as refeições por volta dos 27 cruzeiros, nunca além de 30; os doces de 6 a 8.

O mesmo não acontece com os aperitivos. São vários: chlivovica, a pinga iugoslava feita de ameixas, cada dose sai por 25 cruzeiros; prokupać (pronuncia-se prokap), o vinho iugoslavo, 40 cruzeiros a garrafa; metaxa, conhaque grego, "o melhor do mundo", 35 cruzeiros a dose; e maraschino, licor iugoslavo, 25 cada dose:

— "Não dá pra fazer mais barato. A gente tá pagando um dinheirão, é tudo importado" — justifica dona Abigail.

A Cantina funciona mais durante o dia. (Trato familiar, muita limpeza: — "Tenho fama de ser limpo, não tolero sujeira" — conta seu Mirko, mostrando as novas toalhas que vai usar.)

Mas, se alguém chegar à noite, sempre encontra comida. E vai acontecer uma surpresa. Dona Abigail e seu Mirko vão fechar a porta, sentar na mesa e, se houver assunto, conversarão com os fregueses até às seis horas da manhã.

O CHARLOTE DA ILDA NÃO EXISTE!

Os concorrentes juram que tem algum segredo. Uns dizem que são os ovos — "ela só usa ovos caipiras". Outros desistiram de quebrar a cabeça e passaram a elogiar ainda mais. O fato é que dona Ilda Dinelli, uma simpática velhinha de 65 anos, toda vestida de branco, jura que o segredo é a prática:

— "Eu faço de olhos fechados."

Mesmo assim ninguém se convence, porque o charlotte — um doce de receita caseira, feito pela mãe de seu marido em Lucca, na Toscana, que já virou obrigação no Bom Retiro — só é bom quando sai das mãos mágicas de dona Ilda. Os outros são apenas "razoáveis":

— "Para o senhor ver que não tem segredo nenhum, vou lhe dar uma receita!"

Que sorte! E o que veio foi uma folhinha de papel, mimeografado a álcool, as letras quase apagadas. Estava escrito lá:

"Charlotte Montenero — 100 gramas de água, 150 gramas de açúcar, 2 folhas de gelatina, 6 gemas de ovos, meio litro de creme tipo chantilly batido."

Modo de fazer:

"Dissolver o açúcar na água, ferver o mesmo alguns minutos. Dissolver a gelatina em pouca água fervendo, misturar com a calda de açúcar.

Bater as gemas, juntando no fogo a calda do açúcar, sempre batendo até obter um creme consistente. Resfriar. Misturar com cuidado o creme batido. Despejar numa forma previamente salpicada de biscoitos quebrados. Congelar. Depois servir."

Eis a fórmula. Mas a própria dona Ilda não sabe o que acontece:

— "A gente distribui a receita, mas todo mundo que tenta, volta aqui pra comer o meu charlotte. E diz: a senhora esqueceu de colocar alguma coisa. Mas tá tudo aí. Eu não sei por que ninguém acerta."

É esse o mistério que paira sobre a Cantina Montenero, na rua da Graça, 645. É a Cantina mais famosa do bairro, tudo começou ali em 1948: as pizzas, o charlotte, a fama da comida italiana do Bom Retiro.

Os "mestres" responsáveis por esta "tradição" já estão todos mortos. Seu Ivo Dinelli, italiano legítimo, seu José Joaquim Pinto, um português corintiano, ainda são lembrados pelos temperos e pelo tratamento familiar que dispensavam aos fregueses.

— "O seu José era corintiano roxo. Conselheiro, vivia metido na política do Clube. A queda do Waldih Helu foi todinha tramada aqui" — conta Pécio Mateo Alacoque, filho de seu Ivo e dona Ilda, um dos sócios da casa.

A freguesia continua a mesma, renova-se devagar.

— "Eles vêm aqui desde garotinhos. Antes de ir para a escola vinham comer um pedaço da pizza do seu Dinelli, cresceram, fizeram família e continuam vindo. Alguns não, ficaram ricos e mudaram para Higienópolis. De vez em quando voltam e perguntam porque a gente não abre outra casa lá. Mas a gente quer ficar aqui."

Donalda ocupou o lugar do marido na chefia da cozinha. Nem uma massa, frango, pizza, nada vai para a mesa sem a sua aprovação. O mesmo já não acontece com seu filho, o Pécio; abandonou a carreira de operador de câmera de TV para tomar conta do restaurante, mas não quer nada com a cozinha.

Na Montenero, você pode comer uma bela pizza — mussarela, calabresa, à portuguesa, com anchovas, atum, cebola, camarão, ou alho e óleo, à romana. A mais barata custa 26 cruzeiros, e a mais cara 75. As outras não passam dos 34 cruzeiros.

— "A gente nem precisa recomendar. Todas são feitas como antigamente, forno a lenha, e a massa da casa."

Na Montenero são vendidas umas 500 pizzas por semana. É a que mais vende pizza, de todas as cantinas. Mas isso não quer dizer que só elas são gostosas.

— "Um franguinho alho e óleo, especialidade da casa, sempre sai. Tem também as massas — espagete, capelete. Tudo isso é muito apreciado. Mas o que o freguês quiser a gente faz."

Para beber, alguns vinhos estrangeiros — Chianti Rufino, Ferreirinha, Santa Helena — mas que custam um pouco caro, por volta dos 100. Então, o jeito é se deliciar com as batidinhas da casa, de todas as qualidades, mas destacando-se a meia-deseada, um aperitivo "para as mulheres".

A casa não é muito grande — 20 mesas, toalhas brancas e guardanapo de verdade — o que faz "o freguês se sentir em casa". E além disso, tem o "precinho camarada". Qualquer almoço com um tipo de carne, massa, pizza, e a sobremesa, sem esquecer algumas bebidas, não passa dos 120 cruzeiros:

— "Deixe bem claro aí que é para 4 pessoas. Dá uns 30 por cabeça, e dá pra comer bastante. Barato, né?"

NENHUM COM
AQUELA
CONSISTENCIA,
AQUELE
PERFUMINHO



Cena típica do bairro: um israelita ortodoxo e seus filhos.



O charlotte nasceu aqui.

ELEIÇÕES

76

Como estão sendo escolhidos os homens que você vai escolher em novembro

Apesar de Arena e MDB já estarem se mexendo, reunindo as Comissões Executivas para definir os candidatos às próximas eleições de novembro, só a partir da primeira quinzena de julho — depois das Convenções Partidárias — é que serão oficialmente conhecidos os 126 paulistanos (63 de cada partido) que disputarão as 21 vagas de vereadores na Capital.

Na semana passada, contrariando uma orientação do deputado Natal Gale, presidente do MDB paulista, o deputado estadual Horacio Ortiz forneceu à imprensa uma lista de 180 nomes de emedebistas candidatos a candidato. (Até a publicação da lista houve uma guerrinha de nervos nos corredores do sub-solo da Câmara, onde funcionam os dois partidos. Em cada uma das sedes, os comentários davam vantagem de 40 inscritos para o MDB, enquanto do lado da Arena vinha uma lista com vantagem de 80).

O deputado Horacio Ortiz diz que decidiu divulgar a lista por dois motivos:

— "Primeiro, porque eu não acredito que a Arena tenha alcançado sequer 80 inscritos; segundo, porque já era hora desses possíveis candidatos que não terão rádio nem TV para aparecer, terem pelo menos seus nomes nos jornais."

A Arena não entrou na jogada de Ortiz. O presidente da Regional Paulista, Cláudio Lembo, não quis mostrar a relação de candidatos do Partido. Limitou-se a confirmar que havia 220 inscritos — dos quais já haviam sido eliminados 100 numa reunião da Comissão Executiva, e dos 120 restantes saíram os 63.

— "Não vou fornecer lista mesmo. Poxa, tem muita gente boa, que se por algum motivo não for escolhida, vai se queimar publicamente. Outra coisa: na semana passada, depois de uma reunião do MDB de Guarulhos, uma ala que não foi escolhida se passou inteirinha para a Arena logo no outro dia. E se eu divulgo a minha relação agora, o que acontecerá com os que não entrarem?"

A Arena está procurando candidatos desde janeiro deste ano. Depois de série de conferências para todos os integrantes dos Diretórios Distritais, foi distribuído um questionário cujas perguntas básicas eram: "Quem seria candidato; Quem teria condições de se eleger; Surgiram novas lideranças na região?"

— "A partir desse enquete — diz Lembo — alguns diretórios fizeram pequenas convenções para indicar seus candidatos e eu, por outro lado, procurei pessoalmente mais alguns, como é o caso do Malaquias, que foi indicado por duas alunas de Ciências Sociais da USP."

Além disso, a Arena considera básico no seu critério de escolha o fato de

considerar São Paulo uma "micro-Brasil", isto é, tem gente de todo o País e de todas as classes sociais e, por isso, pretende ter representatividade em todas elas.

— "Pretendemos fazer uma chapa que represente esta sociedade, desde o homem singelo saído do Mobral, até o sofisticado professor com pós-graduação, levando em conta também o tipo de profissão e os tipos de liderança: temos, por exemplo, o presidente do Sindicato dos Jornalheiros, o presidente do Sindicato dos Vidraceiros, dirigentes de Sociedades de Amigos de Bairros etc. Mas só no dia 4 de julho, na Convenção, é que definiremos todos os nomes."

Dentro do próprio partido, porém, 10 nomes já são cotados como os mais votados em novembro: Malaquias Gomes Silva, Amauri Mercês de Maia, Vladimir Tolusso, Emiliano de Oliveira, Geraldo Blota, José Alves de Souza, Luís Pereira, Cláudio de Barros, David Gorodeski e José Francolino.

A turma da oposição

Com mais de uma centena de "candidatos a candidato" andando de um lado para outro no corredor do 8º andar da Câmara, esperando ansiosamente a relação dos escolhidos, a Comissão Executiva do MDB reuniu-se a portas fechadas na última terça-feira. Só puderam assistir e participar das discussões, além da própria Comissão, deputados e vereadores — "mas sem apadrinhar, sem indicar ninguém" — como disse o presidente do MDB paulista, deputado Natal Gale.

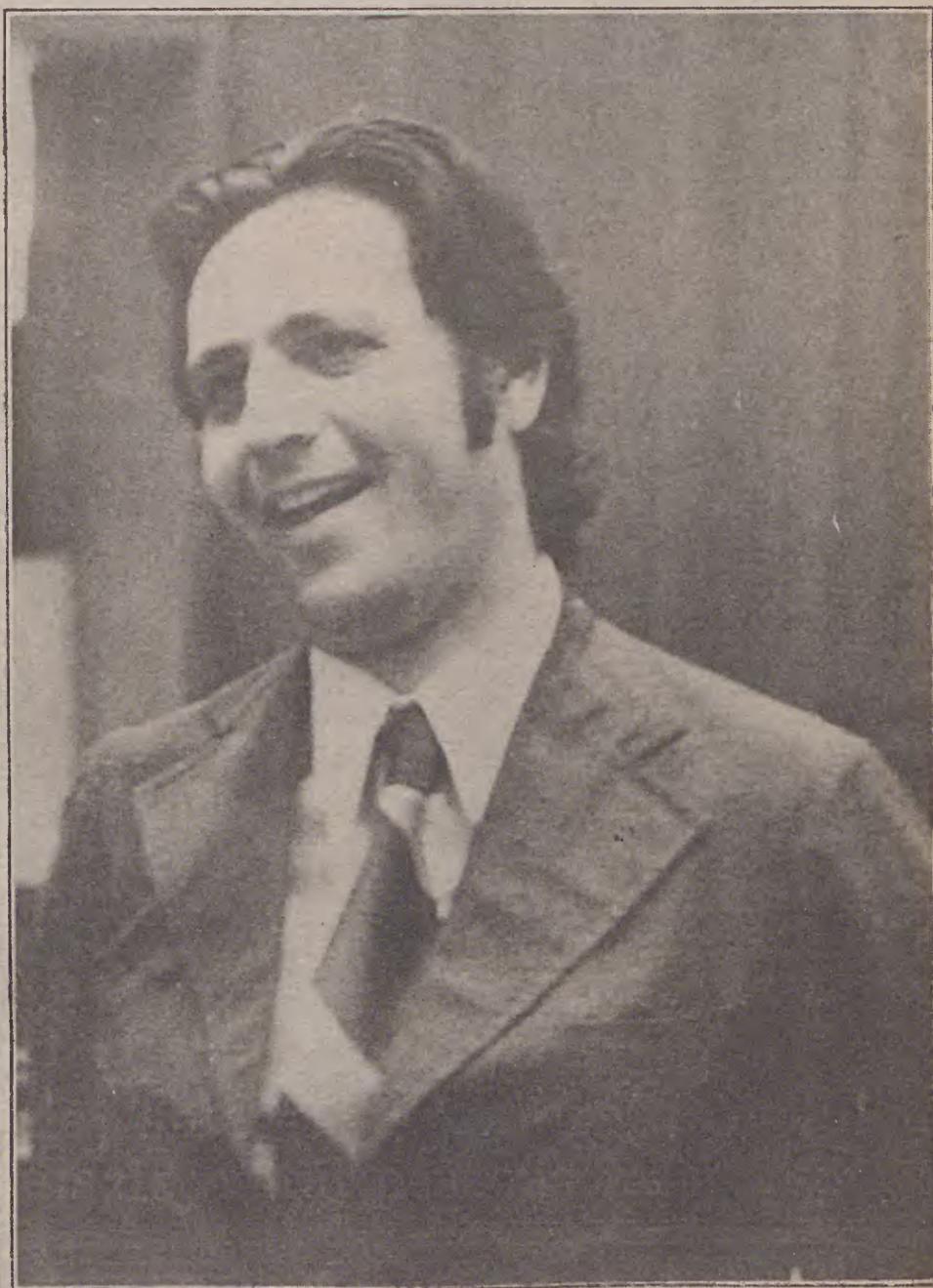
Na ante-sala, distribuindo atlélicos apertos de mão, um candidato muito especial: o massagista tricampeão do mundo, Mário Américo que, convidado pessoalmente pelo senador Orestes Quêrcia, resolveu entrar para a política. Baixinho, ombros largos, terno xadrezinho preto e branco e sapatos combinando nas mesmas cores, ele discorria sorridente sobre a Lei Falcão:

— "Para mim a Lei Falcão é excelente. Televisão e rádio só ajuda quem fala bonito. No meu caso é diferente, compenso essa falta com a minha popularidade."

Outra figura que chamava a atenção — pelos seus colares e pulseiras de prata, era o mais novo dos emedebistas que querem ser vereadores, Sérgio Domenico, 25 anos, dono de uma pequena gráfica no Cambuci:

— "Fui eleito dirigente do Conselho Regional de Espiritismo, Umbanda e Candomblé. A minha organização congrega umas 150 mil pessoas e fui convidado pelo deputado Rafael Ranieri para me lançar candidato. Se meu nome for aprovado, tenho condições de trabalhar para atingir 500 mil pessoas."

Mas tanto o massagista quanto o umbandista foram embora sem saber se



Natal Gale

serão escolhidos. A reunião só definiu 37 candidatos, dos 63 necessários. Os outros só serão conhecidos dia 28 e só serão lançados oficialmente na Convenção do Partido, dia 10 de julho.

Frisando que os critérios aprovados pela Comissão Executiva tinham sido propostas de sua autoria, o deputado Evando Mesquita, integrante da Comissão, foi o primeiro a abrir a porta de saída do salão Tiradentes (onde a reunião se realizara) para acalmar os ânimos e dar os critérios que o MDB está usando para escolher os candidatos:

— "A Comissão definiu que todos os 8 atuais vereadores (1 é suplente) são can-

didatos naturais e todos os indicados pelos diretórios Distritais, em número de 25, também são. Todos os que já concorreram em alguma eleição e obtiveram 10 mil votos também entrarão na lista. Em seguida daremos prioridade aos representantes das categorias sindicais e trabalhadoras e as personalidades convidadas segundo os altos interesses partidários.

Até agora, além dos atuais vereadores, são esses os já indicados pelo MDB: Yuquishigue Tamura (ex-deputado), Decio Grisi (ex-vereador), Helio Dejtiar (ex-deputado), Roberto Cardoso Alves (ex-deputado), José Luís B. Andrade

ELEIÇÕES

76

A busca, no fundo, é uma só: quem tem chance de carrear mais votos para a legenda?



Cláudio Lembo

Francisco Gimenes, Parecido Antonio de Lima, Dalton Santos, Miguel Rizzo, Wladimir B. da Silva, Wilson Silva Teixeira, José Honorato Areias, Tercio Chagas Costa, Almir Guimarães, Avair Durães, Ivens Aguiar, José Queiroz, José Cassia, Raimundo Nonato Reis, Derutte Solez, Maria Ines Cardoso, José Francisco Alencar, Bruno Vollet Jr., João Crisóstomo e Dorval José Svezzero.

Depois que todos ouviram as explicações do deputado Evandro Mesquita, o tom de voz do deputado passou de discurso para o de conversa amigável: ele estava avisando que cada candidato deverá pagar uma taxa de \$5 mil cruzei-

ros para que o MDB possa organizar seus comícios, montar os palanques, alugar peruas com alto-falantes etc. E que além da taxa, será fixado o teto de \$50 mil cruzeiros para cada um investir em propaganda. Um senhor idoso, meio gorodo, interrompe o bate-papo e pergunta:

— Mas deputado, e quem não tem os \$5 mil cruzeiros?

A resposta foi simples, como a pergunta:

— Os que não tiverem condições de pagar a taxa, não devem se candidatar. Deverão aguardar uma próxima oportunidade.

Dacio Nitrini

AQUI CORINTIANS



Lourenço Diaféria

"Não há pândega, traquinagem, maroticek, catiça, malandragem, fuá, provocação no gol"

É isso mesmo: futebol tem que nascer na "várzea"! Ou então na "vargem"!

A sociologia do futebol pode explicar tudo, menos o gol de bicicleta. Para entender o gol de bicicleta é preciso reunir toda a geometria, toda a física e toda a petulância do universo e colocar essa massa imponderável dentro de uma chuteira de bico macio. Não é fácil. Além disso, é preciso haver um goleiro disposto a tomar um gol de bicicleta.

Por que me emociono diante do gol de bicicleta? Porque um de seus últimos cultores na terra do futebol é o acrobático Romeu, alvinegro até a última ponta de seus cabelos cor de fogo. Romeu é dos poucos craques que ainda têm a maravilhosa ousadia de tentar o gol de bicicleta. Mas não é do gol de bicicleta de Romeu que desejo tratar. Quero me deter no Romeu que alegra as gerais e as arquibancadas.

Todo mundo sabe que o futebol brasileiro — e, pois, o futebol mundial — ficou triste. Não é mais nem sombra do que foi. Virou futebol máquina, engrenagem, cheia de arruelas e parafusos, guinchos e atritos. E no entanto o futebol brasileiro nasceu folião e gárrulo na várzea do Carmo. Nasceu esporte para brincar e divertir. Não é como o boxe, em que sofrem quem bate e quem apanha. Não é a competição automobilística, onde o piloto se enruste dentro de máscara, macacão e capacete. O futebol nasceu e cresceu como diversão na grama, no chão de terra batida, na várzea, no parque aberto. Em contato direto entre jogador e torcedor. A várzea é o melhor exemplo do futebol diversão e alegria. Enquanto houve várzea, o futebol guardou em seu coração aquela chama que é a mesma que brilha nos circos e nos picadeiros. Depois a várzea principiou a ser devastada, invadida, desmanchada. Em seu lugar avançou a cidade. E ninguém percebeu que, ao desmontar-se a várzea, estava-se liquidando com a alegria do futebol.

É inútil criar escolas de futebolistas nos clubes se a seleção natural nos campos varzeanos é interrompida com a maior das incompetências. A várzea é o lugar propício onde brota e alastra a alegria de correr atrás da bola, sem medo de tentar o gol de bicicleta, sem medo da cambalhota, sem medo do gol de curva, sem medo do gol olímpico, sem medo do gol de raça. A escola de futebol pode servir para apurar, definir e aprimorar vocações de craques. Mas o craque nasce na várzea, ou morre pagão.

Digo isto porque a sonolência hoje toma conta dos estádios. Mesmo na vitória, o torcedor desce do tobogã de bandeira enrolada. Não lhe lava a alma este futebol feito de encomenda nos quadros-negros da concentração. O gol hoje é um artefato de supermer-

cado, como o sabonete, a escova de dentes, o brinde de consolação. O gol está perdendo a seiva. Basta ligar a televisão e assistir ao chorrilho de gols nas resenhas esportivas: o cidadão chuta, cabeceia, o goleiro salta ou não salta, a bola entra e estufa as redes, mas falta ao episódio a alma circense. Não há pândega, traquinagem, marotice, catiça, malandragem, fuá, provocação no gol. O gol mais parece um compromisso penosamente cumprido, leva mais jeito de pagamento de notapromissória. O gol lembra uma obrigação. Não é uma farra.

Qualquer um sabe que o cronista do tobogã neste momento está se lembrando do famoso Curingão da década de 50. Faz muito tempo, dirão os cínicos. Faz muito tempo. Mas o tempo não importa. Ninguém está curtindo aqui vinte anos sem campeonato. O que se lembra aqui é que o esquadrão do Parque São Jorge era, à época, muito mais do que um simples e vitorioso time de futebol. O Curingão era uma troupe de artistas que deitavam e rolavam no picadeiro do gramado.

Havia lá o Mario, ponta-esquerda. Pois bem, o Mario tinha a ojeriza ao gol. Só marcava gol intimado, com ordem judicial e na presença do oficial-de-justiça. Seu negócio, sua brincadeira, era o dribble. Gol era lá para o Carbone, o Cláudio, o Baltazar. Mário era o malabarista, o saltimbanco, o comedor de fogo, o engolidor de espada. Quando a bola era atraída pelos seus pés, a torcida desapertava o cinto porque sabia que ia rir nos próximos cinco minutos. O futebol eram noventa minutos de ato variado: ópera bufa, drama, comédia e intervalo para fazer xixi.

A galera deixava o estádio preparada para pegar o batente durante a semana, e ainda agradecia pela função do circo. E nem por isso o futebol era menos sério. Ao contrário, era mais sério do que hoje, porque um futebol mais perto da afeição e do gosto do povo.

Romeu, do Curingão, é dos poucos craques que ainda mantém alteado o estandarte da alegria no campo. Quando Romeu marca seu gol, de bicicleta ou de canhota, o tobogã inteiro sorri e aguarda sua cambalhota, que não é uma simples cambalhota. A cambalhota de Romeu é o vôo no trapézio, o domador pondo a cabeça na boca do leão, o homem que atira facas, o equilibrista em cima da corda. A cambalhota do corintiano Romeu é a afirmação alegre de que futebol é muito mais do que um esporte sujeito a regras. Futebol é a arte de inventar brincadeiras com a bola e mandá-la para o fundo das redes sempre que o adversário se distrai.



Rápido. Pense em alguém que trabalha na velocidade de São Paulo.

Você deve conhecer a instituição financeira que se estruturou em função desta população dinâmica e apressada: a nossa Caixa.

Mas como velocidade só se mede por números, aqui vão alguns que o ajudam a saber com exatidão as máximas do velocímetro: em 1975, a nossa Caixa atingiu 10 bilhões de cruzeiros em depósitos, 390.000 novas contas, financiou 11.944 casas próprias, deu 3,2% de rendimentos ao mês (juros + correção monetária + desconto de imposto de renda) a 911.000 cadernetas de poupança (ela detém 10% da totalidade das cadernetas de poupança de todo o país), emprestou, em seis meses, 310 milhões de cruzeiros através do Crédito Pessoal, criou o financiamento de Bolsa de Estudos que vai beneficiar milhares de estudantes. Com tudo isso, hoje ela é a quarta instituição financeira do Brasil, operando só no Estado de São Paulo.

Na hora de fazer qualquer negócio, pense rápido nesse alguém que tem condições de atender a tanta gente, com tanta satisfação.

Mesmo se o que você precisa é ser atendido como se fosse seu único cliente.

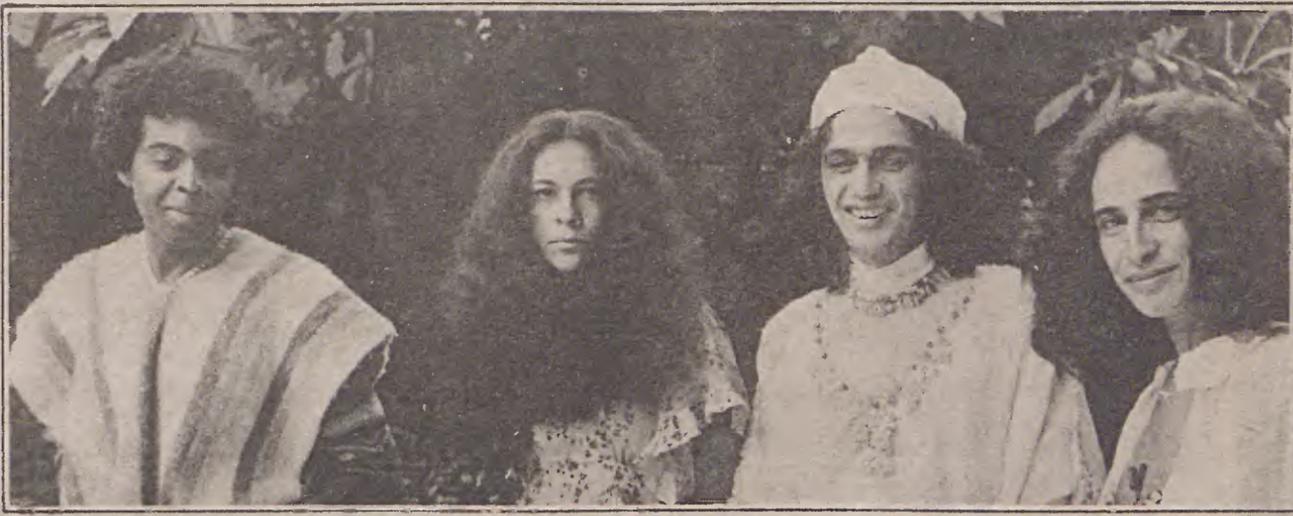


Caixa Econômica do Estado de São Paulo.
-na velocidade de São Paulo.



Oito anos depois, os 4 de uma vez só, docinhos, docinhos.

Com dois anos de carreira, Caetano, Gil, Bethania e Gal balançaram a música do País e o País. Hoje, eles se juntam de novo.



Os velhos baianos escolheram São Paulo para fazer nascer, esta semana, no palco do Anhembi, o mais novo conjunto vocal da música popular brasileira, o "Doces Bárbaros". E fazer desaparecer individualmente, como numa magia e por um certo tempo, quatro dos nossos maiores superstars: Gilberto Gil, Caetano Veloso, Gal Costa e Maria Bethania.

Por que "Doces Bárbaros"?

— "Os Rolling Stones não são pedras e muito menos rolantes, nem os Beatles, besouros. Será que a gente não pode curtir uma de Doces Bárbaros?"

Gilberto Gil sabe que podem. Comemoram 10 anos de carreiras, não cantam nenhuma música antiga, não tocam qualquer instrumento, recomeçam tudo de novo correndo o risco do sucesso ou não, na mesma cidade onde nasceu a tropicália, nos idos de 68.

— "Esta união corresponde a uma situação de agrupamento, sejam quais forem os seus termos ou propostas, que está acontecendo dentro da música popular brasileira hoje."

Tudo começou com Caetano, por isso ele pode falar. O conjunto e o show surgiram na idéia de Caetano e Bethania, em janeiro, no verão baiano. A proposta partiu de Bethania e o nome seria de uma canção de Caetano: "Os Mais Doces dos Bárbaros". Agora, o resultado de um trabalho de quase 6 meses, está em 20 músicas, onde apenas 3 não são inéditas — "Fé Cega, Faça Amolada", de Milton Nascimento; "Atraste Uma Pedra", de Herivelto Martins; e a já famosa "Mãe Menininha do Gantois", de Caymmi.

Uma banda de 7 músicos — entre eles Djalma Correa, na percussão; Tuzé de Abreu, no sax; e Perinho, na guitarra — acompanha os quatro baianos. Entre as músicas novas, um rock de Gil, "Chuck Berry Fields Forever" ("uma visão da história do rock e sua genealogia"); "Um Índio de Caetano" ("que fala de uma promessa cósmica de um renascimento"); um ié-ié, "Quando" (feito por Caetano, Gil e Gal em homenagem a Rita Lee); e uma letra de Bethania, "Pássaro Proibido", musicada por Caetano.

— "Eu estava começando a organizar a gravação do meu próximo disco, que na verdade seriam três. Agora ficou para o próximo ano. Mas eu ia gravar um lp na África, outro na Bahia e outro no Rio, com músicos de lá. Mas pintou Doces Bárbaros e eu adorei."

Gil não se importa de ter interrompido o seu trabalho começado em "Refazenda" para reunir-se com o grupo. Fez a direção musical, enquanto Caetano assina a direção geral do show. Com o espetáculo, a partir de segunda-feira, começam uma excursão de 2 meses e meio por 8 capitais brasileiras, fora Campinas. Do show, já saiu um compacto duplo com duas músicas de Gil e duas de Caetano, e será lançado um álbum duplo, gravado ao vivo pela Phonogram.

O clima que os velhos baianos trouxeram para São Paulo foi o mais doméstico possível, beirando certo deslumbramento, as vésperas da estréia. Com o empresário de sempre, Guilherme Araújo (sempre muito agitado) e hospedados no Hotel Jaraguá, os Doces Bárbaros distribuíram sorrisos e posaram para as câmeras em uma concorrida entrevista coletiva no jardim de inverno do hotel, na terça-feira.

Mas afinal, o que é Doces Bárbaros?

— "Eu quero mesmo que seja uma festa. Um encontro de quatro pessoas, mas numa cabeça só. A gente é uma coisa só nesse show. É um grupo se apresentando. Não há nada isolado."

Falou, Gil.

Sergio Mello

O financiamento mais veloz do mundo.

O financiamento de veículos da Mercantil - Finasa é também o mais versátil. Você escolhe o seu carro no revendedor de sua preferência, e depois, zuuuummmm! Vai em qualquer uma das 248 agências do Banco Mercantil de São Paulo, escolhe o melhor plano e pega rápido e fácil o dinheiro do financiamento. Só. E feliz carro novo.



MERCANTIL - FINASA
CRÉDITO, FINANCIAMENTO E INVESTIMENTO S.A.

FUNDO BANESPA 157.

Para você não perder seu 157 de vista.

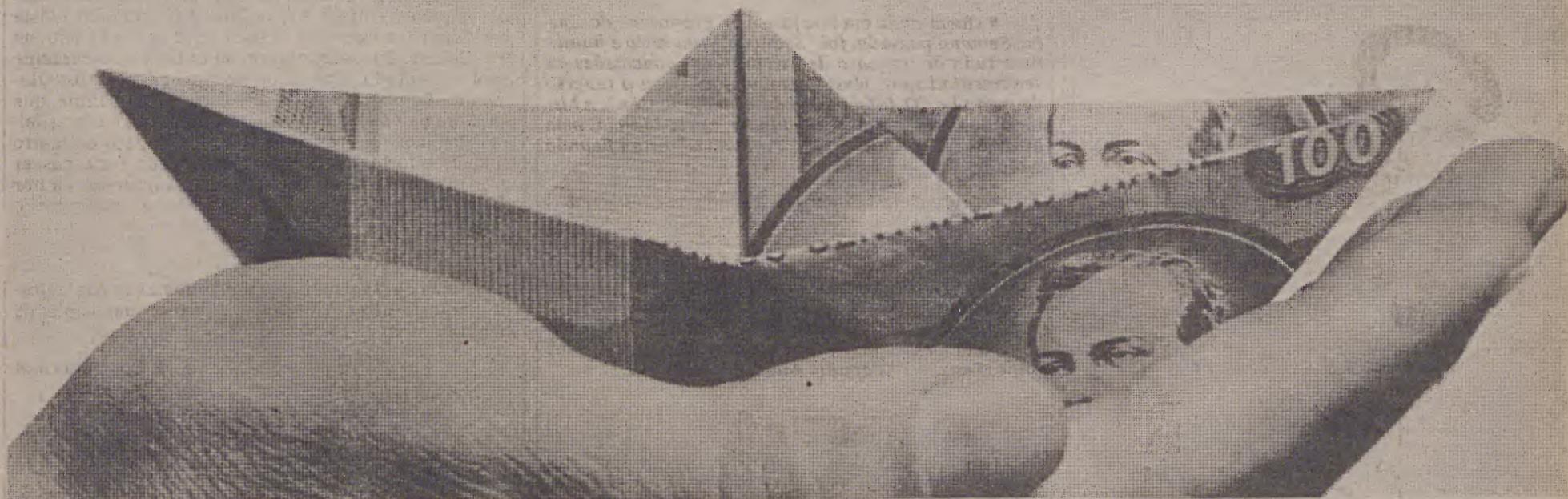
Com central de informações e resgate automático.

O dinheiro que você aplica
no Fundo 157 é seu.
O Fundo Banespa 157 criou dois serviços
exclusivos para você não perder
este dinheiro de vista:
a Central de Informações Banespa
e o Resgate Automático.
A Central de Informações leva até você
tudo sobre a evolução do seu dinheiro.
Na hora que quiser, você pode saber
a posição exata do seu 157.
E você tem ainda o Resgate Automático.
Na época de receber suas cotas, ele pode
creditar automaticamente em sua conta
o valor correspondente.
Não perca de vista o seu 157.
Procure agora uma agência do Banespa.

Veja como é simples a aplicação no Fundo 157:

Você recebe, junto com a notificação
do Imposto de Renda o seu Certificado
de Compra de Ações, que deve ser
apresentado para aplicação no Fundo 157.
Em qualquer agência do banco
você pode fazer esta apresentação.
Em seguida, será enviado a você
o Comprovante de Aplicação com o
número de cotas a que você tem direito.
A partir daí, seu investimento passa
a ser controlado por uma equipe
especializada. Esta equipe procura,
durante todo o tempo, as melhores ações
e títulos para uma rentabilidade maior
do seu dinheiro.

**Procure agora uma agência do Banespa.
Banco do Estado de São Paulo.**



TEATRO

Espectáculos como esse deviam ser montados sempre na Cidade Universitária

Uma lição jovem para quem anda fazendo teatro vazio

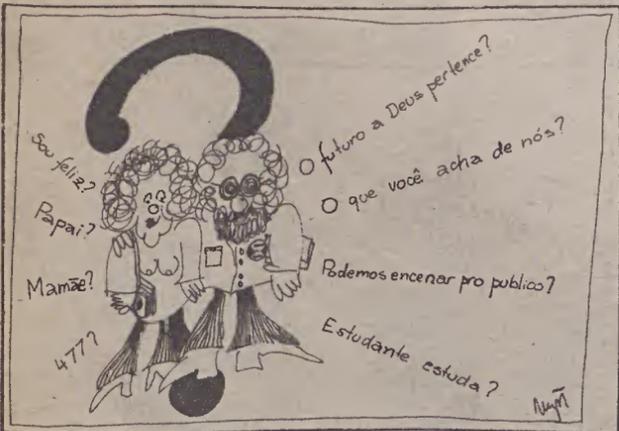
Faz muito tempo não vejo um teatro feito com chama, com aquela coisa boa que os indivíduos trazem dentro quando ainda são bastante jovens, mas que logo se apaga no trivial variado da vida. E eu vi essa coisa intensa e bonita numa sala pequena, na Cidade Universitária.

Estava sendo apresentada uma peça de Nelson Xavier — um autor do Rio, por um grupo de alunos do Curso de interpretação e direção do setor de Teatro da Escola de Comunicações e Artes da USP. O Segredo do Velho Mudo tinha a direção de Iacov Hillel, cenografia de Elizabeth Correa, trilha sonora de Zero Freitas, Produção de Esther Proença e equipe, costureira Maria Dolores Parra, iluminação de Arthur Leopoldo, cartaz de Yvonne Sarve e fotos de Pedro Farkas, todo esse trabalho fazendo parte da montagem de uma peça cheia de coisas, e dando o que pensar aos estudantes que lotavam a sala.

Um casal jovem e um pai mudo e paraplético, mais um outro casal de amigos, vivem as contingências de uma vida cheia de indagações e muito poucas respostas. A peça se desenrola dentro de uma dialética política e existencial e fiquei agradavelmente satisfeita de partilhar de uma coisa tão madura. Como a censura não intervém com cortes nas peças da escola, puderam todos os que ali se encontravam ver e ouvir suas próprias indagações, de uma forma clara, como se estivéssemos num teatro da Europa, sem aquele vazio infantil que se vê no teatro em geral aqui no Brasil.

Já conhecia Iacov Hillel, mas não o grupo de atores que desempenharam os papéis e que me surpreenderam por uma enorme gana de acertar. Mirtes Mesquita, como a jovem recém casada que procura uma adequação como mulher que não se completa sexualmente por mil intercorrências de ordem afetiva e psicológica, e mais toda a carga de conceitos sociais conflitantes, é uma atriz talentosa e cheia de energia. Rubens Brito era o jovem intelectual, cheio de angústias e dúvidas, buscando uma equação sob o aspecto social, político e filosófico, e teve um desempenho muitíssimo bom. Guilherme Abrahão e Salma Buzzar contracenaram com muita vitalidade, fazendo o papel do casal amigo.

Iacov Hillel é um moço inteligente e capaz e deu um ritmo muito bom à peça, sendo parte integrante do espetáculo. Acredito que ele surge como um diretor que pode preencher um verdadeiro buraco, no que diz respeito ao teatro. É uma pena que uma peça seja montada por uma semana e depois seja esquecida, sem chance de que um trabalho assim possa ser aproveitado mais amplamente. Não sei como seria a peça depois de censurada. Talvez não restasse muito. Mas acredito que na própria Cidade Universitária, espetáculos como esse possam ser montados sempre, dando estímulo a um punhado de estudantes que trabalham com alegria e confiança.



Hella Schwartzkopff

TELEVISÃO

"Será que foi a censura ou aquela auto-censura muito mais prejudicial ainda?"

Ser só brasileiro não resolve — o corte deixou O Sonho aleijado

Diante de tanta cultura importada e enlatada, o segundo "Caso Verdade" da Globo, "O Sonho", foi uma salutar lufada de brasilidade. Era quase uma retomada dos temas que o "Cinema Novo" fazia há dez, 15 anos atrás, no "Viramundo" e outros documentários. Evidentemente não havia nenhuma colocação política, era já esperar demais da Globo; mas pelo menos era o Brasil que se via no vídeo, não aquela terra de faz-de-conta, que geralmente se mostra em nossa dramaturgia.

Foram 46 locações dos lugares frequentados pelos nordestinos em São Paulo, retratados com uma admirável veracidade. Só os mais educados se davam conta da camera, os mais simples representavam com a maior naturalidade. A direção de vez em quando abusava das fotos fixas mas o maior reparo é mesmo pelo temor de comprar brigas. A policia foi retratada com a maior simpatia, todo mundo era muito bonzinho, disposto a ajudar, pronto para prestar auxílio. O nordestino é preso por culpa dele mesmo, como faz questão de explicar um delegado.

Também o tema do desencontro não chega a satisfazer. Finais abertos nunca são inteiramente satisfatórios, principalmente quando tanta coisa já ficou indefinida. Mas talvez esta crítica não esteja sendo justa já que o "release" da Globo fala num entrevistador feito por Fernando Peixoto e num diretor-repórter feito por Adriano Stuart e no programa que foi para o ar não havia nenhum dos dois. Será que foi a censura ou aquela auto-censura muito mais prejudicial ainda? De qualquer forma, com isso ficou um repasto sem o molho, um vatapá sem pimenta, um "Caso Verdade"-mentira.

● **A Globo já está anunciando a nova programação dos domingos. — chamada de "O Bom Domingo". Desenho às onze horas (Scooby Doo); depois reprise do "Planeta dos Macacos" (não, outra vez os macacos!); um programa chamado "Domingo Gente"; duas horas de "Esporte Espectacular"; uma hora de Disneylandia; show de Moacyr Franco; Globo de Ouro semanal; e um programa de perguntas e prêmios semelhantes ao "Arrisca Tudo". Isto é, nada de novo, nem de nível tão alto quanto prometiam. No fundo, uma mistura de Silvio Santos com a programação de sábado. Deste jeito, a única coisa que poderá abalar o "Baú" em sua nova casa será a má recepção da Record em muitos lugares. É preciso providenciar antes de tudo melhores transmissores, senão — mesmo querendo — ninguém poderá ver o Silvio.**

● **Por falar nele, neste domingo estava particularmente malicioso. Fez piadinhas de duplo sentido do tipo "a mulher correu quando viu o meu.... grande" e "o ... de Silvio Santos murchoou quando foi ao banho turco". Se o filme dele tivesse piadinhas deste tipo talvez até não fosse tão ruim.**

● **Quem anda em boa fase é a "Premiere" da Globo. Semana passada, foi "Sedução", um sério e humano estudo de um caso de estupro, sem concessões ou sentimentalismos. Neste domingo, mostrou o reverso da medalha "O Julgamento do Capelão Jensen", a história do único capelão julgado em Corte-Marcial pela Marinha. Quem diria, os "Tv-movies" estão ficando adultos.**

● **Não dá para fazer um julgamento ainda. Mas quem não acompanhou os primeiros capítulos de "O Casarão" tem a maior dificuldade para entender quem é quem. Não cheguei a pegar também qual o "gancho" da novela, agora que o reencontro do casal de velhos não foi o que se esperava. Pelo jeito, "O Tempo e o Vento" do Lauro César Muniz já tem o seu "Sobrado" mas ainda não conseguiu encontrar os seus "Ana Terra" e "Capitão Rodrigo".**



Rubens Ewald F.

CINEMA

Truffaut disse agora que a Palma de Ouro para o Brasil foi demagogia

Erotismo, cow-boy karatê e um piche em Anselmo Duarte

Já estamos ficando conformados. Para quem não tem "Emanuelle", "Júlia e seus Homens" serve. O filme não é bom, é uma "mélange" internacional que não passa de mero pretexto para cenas de erotismo duvidoso. Mas a censura está mesmo melhorando — apesar dos cortes visíveis, ainda restou o suficiente para satisfazer os que apreciam um pouco de sacanagem.

Sylvia Kristel é feia vestida, mas melhora muito quando tira a roupa, o que, benza Deus, ela faz com muita frequência. O que não dá para entender é o título "Júlia e seus Homens", já que a personagem chama-se Angela e não há nenhuma Júlia por perto. Não seria bom que os distribuidores assistissem às fitas antes de batizá-las?

De qualquer forma, "Júlia" é o tipo do filme que o David Cardoso sonha em fazer no Brasil e não consegue, já que há muita diferença ente a Av. São João e um lago italiano. Outro filme da semana, "O Velho Fuzil" (no Barão e Gazeta) é no fundo um "western" transposto para o tempo da guerra. Vocês conhecem, é aquele velho esquema de "O Estigma da Crueldade", o marido pacato que vê sua família ser assassinada e depois se vinga com requintes de crueldade, matando um a um os algozes da esposa.

Mas se a fórmula funcionou antes, não há por que não tornar a funcionar de novo, principalmente quando os atores são Phillipe Noiret e Romy Schneider (maravilhosa como sempre), as locações um castelo rural e a parte técnica é toda impecável. "O Velho Fuzil" é um filme sólido e atraente, aquilo que normalmente chamamos de "um bom filme", sem mais, nem menos.

Uma discreta decepção é a de "Operação Yakuza" (ainda cartaz do Art-Palácio), de Sidney Pollack. Um tema que tinha tudo para agradar em cheio. "Yakuza" é o gangster japonês, com um código de honra semelhante à Máfia, só que utilizando também as artes marciais. Isto é, uma mistura de "Poderoso Chefe" com "Operação Dragão". Mas o próprio roteirista Paul Schraeder (que escreveu "Taxi Driver") faz a melhor crítica dizendo: "Eu escrevi um filme violento sobre o submundo com sangue, dever e obrigações de honra. Mas Pollack preferiu fazer um filme romântico, rico, "transcultural". Só que o resultado ficou no "meio-termo", não satisfaz nem os que vieram assistir a um filme de gangster, nem os que esperam o "realismo poético". Por isso, quando Robert Mitchum corta o dedo, o público ri em vez de ficar chocado. De qualquer forma é um fracasso interessante. Muito mais do que se pode dizer de muito filme badalado por aí.

O Anselmo Duarte vai ficar furioso quando souber o que o Truffaut andou dizendo, numa entrevista em Cannes, sobre suas experiências como jurado em 62. Quando lhe perguntaram se tinha ficado contente com o resultado, olha o que ele respondeu: "Absolutamente. Demos a Palma de Ouro a um filme que nenhum de nós julgava digno desse prêmio: o brasileiro "Pagador de Promessas". Era uma peça de teatro simples e forte, com um crescendo que fazia nascer um entusiasmo final. Deveríamos era premiar o autor da peça em que o filme se baseou. Mas a fita era insignificante apesar da presença de Norma Bengell, uma atriz muito boa, bonita e simpática, mas a não ser por ela o filme não merecia a Palma. O público gostou do filme mas ao premiá-lo nós fomos demagógicos". Desde então, Truffaut nunca mais aceitou participar de nenhum júri!

R.E.F. (interino)



Pola Vartuck

ARTES PLÁSTICAS

"Quando perguntamos onde está a obra, replicam indignados: Não vê aquele arame?..."

Férias coletivas para os artistas (todos, inclusive os amadores)

Curioso: mais permanecemos no gramado (não mais de erva, mas daquelas "ervaidéias" que os industriais do plástico lançaram recentemente até para atapetar pelouses de futebol) da Arte, mais nos perguntamos se este divertimento e obrigação vale a pena ser cultivado e praticado. É bem verdade que hoje em dia é possível praticá-lo de mil e uma maneiras, sendo o gramado misericordioso, acolhedor de qualquer invento, desde o mais sério até o mais estúpido, sendo que possivelmente este último é que atenção provoca.

O fato é que não se entende mais nada. Dias atrás, fui à casa de um amador de arte (declarou-me, para início de conversa: "amo minha Pátria, o Capitalismo, minha Família, o Próximo e a Arte"; faltava só a Tradição). O anfitrião, audacioso, me declarou, citando o Lessing que eu não lia desde 1912, que a Arte é Arte quando é da época e, por isso, só colecionava obras de Conceitualistas.

Mais atrevido, o capitalista me fulminava: — Sei que o sr. não gosta de Conceitualismo — ao que me defendi com as costumeiras desculpas e justificativas, as mesmas e sempre genéricas que se mantêm engatilhadas para responder ao agredido, insistindo não gostar de Rafael ou de Kandinski, ou mesmo do vitorioso do penúltimo Salão da Leroelândia. (Nós, interessados pelos problemas em pauta, nunca fomos procurados para emissão de um parecer franco, daqueles que 99/100 acabariam assim: — Quer saber a verdade sobre seu trabalho? Caso queira escute bem: mexa-se na ginástica, mas não mexa na arte).

O colecionista citado tinha-me convidado justamente para que eu aplaudisse suas últimas compras: um armazém repleto de lâminas de metais torcidos, algumas com uma boneca colada, velhas rodas soldadas uma nas outras, penduradas nas paredes, telas completamente brancas e nem assinadas. (Advinhe quem é este pintor...); uma gaiola custodiando um amontoado de maçanetas, e assim por diante, até que abriu uma porta sobre a qual estava escrito "Santa Santorum" (permite-se a correção deste latim meio macarrônico, pondo os dois C que faltam): uma sala forrada de latão, no chão uma moça em postura de adormecida. (É manequim? — Que manequim qual nada, está viva! — Bom, e não sente frio? O tal se enfureceu: — Sei que o sr. é acadêmico e gosta somente das alunas da Escola, perdão, faculdade, da Luz; portanto é inútil perder tempo com quem não é mais destes tempos...)

Isto me deu muito em que pensar. Será que nós, das antiquíssimas gerações que leram de tudo, indo desde Vasari até Panowski e, em termos nacionais, todos os livros escritos por todos os membros da Associação dos Críticos; será mesmo que não conseguimos entender rapazes tão inteligentes que convidam para um "individual"; e quando perguntamos onde está a obra, replicam indignados: — O sr. não vê aquele arame pendurado no teto? O sr. não tem olho ou gostaria de admirar um cavalinho de Degas?

Assim, ficando cada vez mais encabulados para não passar por superados, ou como dizem os italianos, rincoglionito, desertamos das galerias e, gentilmente, recusamos convites de colecionadores que por sinal não são tão numerosos como os da galeria de Leo Castelli em Nova York.

De qualquer jeito, quando aparecer um paisagista para me mostrar aquelas manchinhas vomitoescas, desfraudando este artigo como do contra, saiba que serei também duro com ele.

Então o que o Bardi quer? A Arte e os artistas (inclusive os amadores) devem entrar em férias coletivas, deixando em paz os cronistas, e desfrutem de um outro lazer, como o de jogar buraco num tapete de plástico.



Pietro Maria Bardi

MÚSICA

"Foi gozado: chamaram a gente de roqueiros sem-vergonha..."

É uma salada latina: guitarra no carnavalito

John, guitarra; Dudu, bateria; Willie, contrabaixo; Emílio, piano; e Marcinho, sopro e percussão; eles estão gravando nos estúdios de Eduardo Araújo (Studio do Templo) o seu primeiro lp, que terá o nome do grupo como título: HUMAHUACA.

Humahuaca é o nome de uma região ao norte da Argentina, onde existe um folclore riquíssimo — carnalito, etc. etc. E o som do grupo reúne exatamente tudo isso — folclore com Maravisjnu Orchestra, misturado com coisas daqui. Resultou numa salada progressiva, ao mesmo tempo com vários ingredientes de sabor puramente latino. E aí é que Willie, músico argentino, com 9 anos de Brasil, resolve falar:

— "Eles aqui pensam que latino é índio. No encerramento desse festival América Latina Canta, o povo queria ver todo mundo tocando de sombrero, poncho e com penas na cabeça. Quando viram que mesmo os músicos do Chile se apresentavam vestidos igual ao público (jeans, etc) ficaram decepcionadíssimos. Foi muito gozado. Chamaram a gente de roqueiros sem-vergonha, e outros baratos mais."

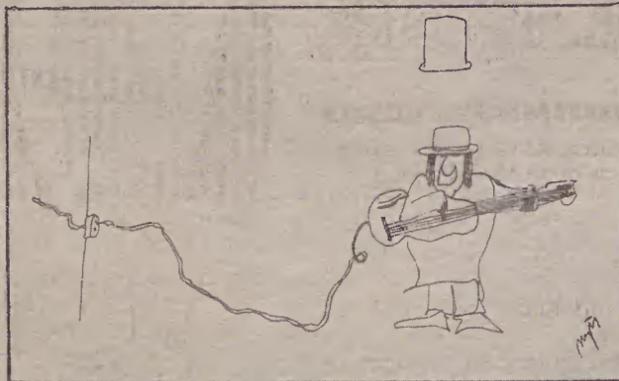
Três dos cinco músicos do Humahuaca formavam o grupo de apoio que acompanhava os Secos e Molhados: John, Emílio e o argentino Willie — que veio para o Brasil em 67 com seu grupo, os Beat Boys. Participaram do terceiro festival da Record, acompanhando Caetano, em Alegria Alegria. Em seguida fizeram também com os baianos o programa da Tupi — Divino Maravilhoso, aí a barra pesou e os Beat Boys se dispersaram.

O álbum que estão gravando tem a produção assinada pelo maestro Cesar Mariano. Ele ainda não definiu qual o selo que editará o disco, mas presume-se que seja a própria Philips. O trabalho todo consumirá umas 100 horas de estúdio, e John faz questão de dizer que "o Cesar não forçou a barra pra lado nenhum. A gente tá fazendo realmente o que tinha planejado. Ele, como é um músico com muita janela de estúdio, sempre dá alguns toques importantes, mas sempre respeitando muito toda a essência do trabalho".

O Humahuaca curte uma particularidade que o torna diferente da grande maioria dos grupos brasileiros: o modo de se apresentar. John, Dudu, Willie, Emílio e Marcinho costumam subir no palco vestidos da mesma maneira como saem na rua. Sem muita frescura de maquiagens, sem grandes "misancenés". Não usam muita luz nem gelo seco — "nossa força está na música", completa Willie, espécie de líder do grupo. John acrescenta:

— "Na época dos Secos e Molhados, era nítida a distância que o Ney impunha ao público com todas aquelas roupas. E outra coisa tocar vestido com uma calça lee velha, é muito mais cômodo, ao mesmo tempo que a gente mostra ao público que somos iguais a eles."

E para provar que já está mesmo na hora de se desprender totalmente de qualquer som "de fora", completa: — "Bicho, minha vitrola tá até quebrada faz um ano, e não há grilo nenhum por isso."



Sérgio Mello



FANTÁSTICO

O SHOW DA VIDA

NESTE DOMINGO.
8 DA NOITE.
A CORES.



REDE GLOBO



MDB pode mostrar foto no rádio, mas tem que ser 3 x 4, com data.



O CHACAL

Tosse, bronquite, rouquidão? Avenida São João.



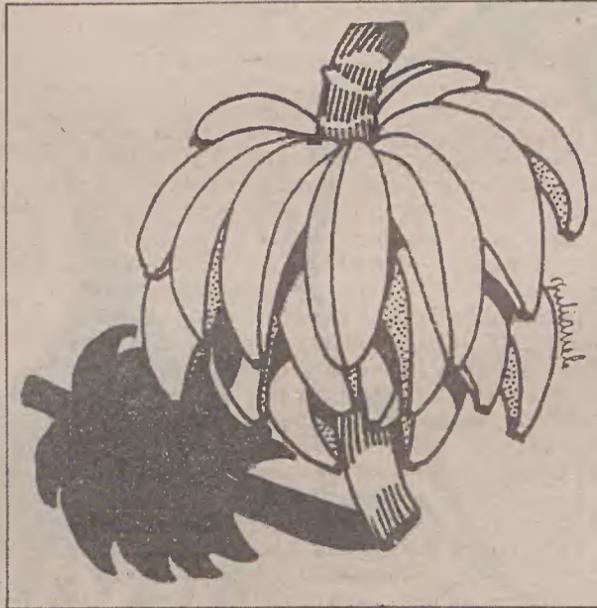
O "Silvio Santos Diferente" é igualzinho. (Eu disse igualzinho? há! há! há!)

Salvem O Silvio

Conversa da Coca-Cova:

— O que é que você quer ser na outra encarnação?

— Guaraná da Antártica.



Ainda são nacionais.

Somos 110 milhões. Se quiséssemos sair todos ao mesmo tempo, pagando Cr\$ 12 mil por cabeça, seriam Cr\$ 132 trilhões. Acho que nem o Walter Clark tem tanto dinheiro assim.

Com a chegada da "inversão térmica" tem nêgo aí que vai vender a mãe pra arranjar os 12 mil de embarque.

Corinthians vai lutar pelo 3º posto. "5% de alguma coisa es mejor que 100% de nada", disse o Filpo.

Ei Arena, você vai continuar ou vai desistir?

De quantos candidatos a vereador estaríamos livres se tivessem inventado a pilula há mais tempo!...

8 a 1 pró MDB nas eleições de novembro. E olhe lá.

O controle da natalidade está sob controle. Quem vai mal é o controle da mortalidade.

Não é tão louco assim o trânsito de SP. Louco é quem se mete nele.

De acordo com projeto do Députado paulista Gióia Júnior, aprovado ontem pela Comissão de Saúde da Câmara, os passageiros que forem surpreendidos fumando nos trens suburbanos da Rede Ferroviária Federal, serão multados no valor de um salário mínimo. Os reincidentes pagarão dois salários mínimos.

Boa, Gióia Júnior: e quanto é que os passageiros vão pagar de multa quando o subúrbio atrasar?...



Aprenda a falar inglês para fazer compras...

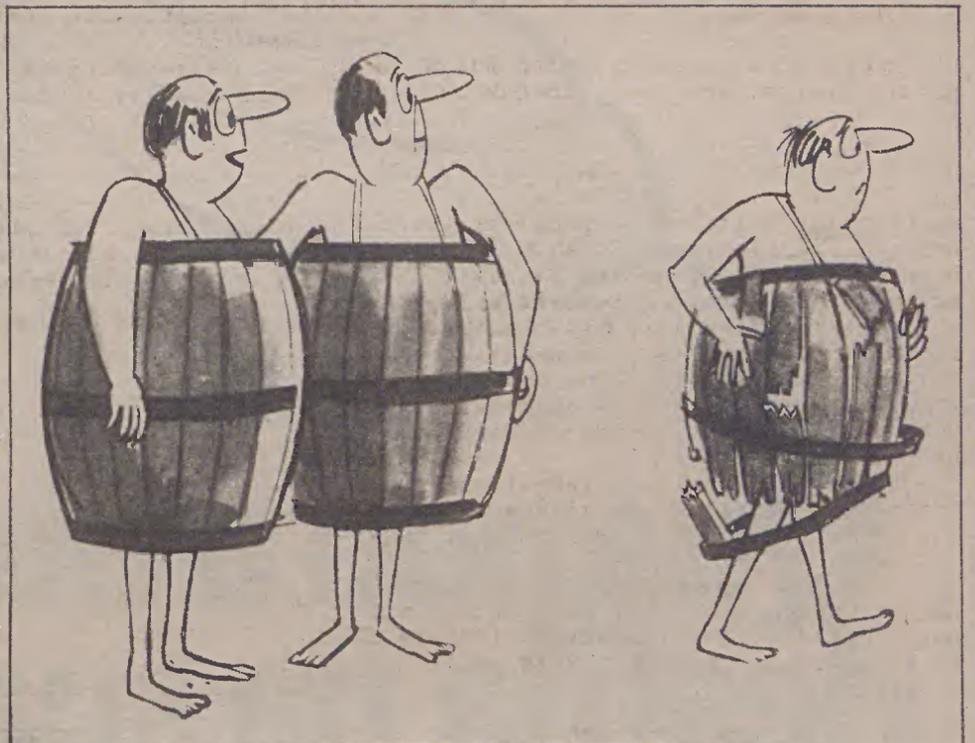
Se eles se candidatassem a vereador, quantos votos teriam?

- a) Olavo Setúbal — ...
- b) Paulo Maluf — ...
- c) Miguel Colassuono — ...
- d) Paulo Lauro — ...
- e) William Salém — ...

— Uma situação desesperadora pode ter solução?
— Não trato de assuntos eleitorais nesta seção.

Invaçãda a República do Líbano!
Uma frota da Delegacia de Costumes fez uma limpa lá.

O viúvo que se casa pela 2ª vez não merecia a sorte de ter perdido a primeira mulher.



Na hora de pagar os Cr\$ 12 mil pra viajar: — Ainda bem que somos solteiros. Ele tem mulher e 5 filhos.

Kamikaze, em japonês, quer dizer pedestre, em paulistês.



Quando a maionese Cica
desfila na sua mesa quem
ganha os aplausos é você.